

Padre
Joaquim José da
Rocha Espanca

M
E
M
Ó
R
I
A
S
D
E
V
I
L
A
V
I
Ç
O
S
A



Cadernos Culturais
da
Câmara Municipal
de
VILA VIÇOSA

Procurando recuperar aspectos da cultura tradicional alentejana e promovendo obras actuais, os cadernos culturais fornecerão aos leitores em geral e aos Calipolenses em particular um melhor conhecimento do contexto histórico e social da actual geração.

NA CAPA:

Antigo Cruzeiro Quinhentista de Santo Agostinho

NA CONTRACAPA:

Ermida de São Luís Século XVIII e XIX

NOTA IMPORTANTE

A presente publicação é cópia integral do texto do manuscrito de AS MEMÓRIAS DE VILA VIÇOSA, tendo-se unicamente procedido às actualizações ortográficas que as circunstâncias justificavam.

MANUEL DA VEIGA

Feliz a quem sorte coube um peito
 Que vive sem cobiça em paz serena
 C' os livros, co'a virtude,

(Elp. Dur. - Ode ao dr. Cordes)

Temos agora um notável escritor, aprimorado nas Classes da inexcelsível Companhia de Jesus. É o Padre Manuel da Veiga, filho de Manuel António e de Maria Dias, que pelos nomes não inculcam origem nobre.

Na idade juvenil dos dezasseis anos recebeu a roupeta da Companhia, em Coimbra, no 1º de Janeiro de 1583; e ali se dedicou a lucrar almas para Cristo nas contínuas Missões, que faria por todo o Reino.

Não quis nunca mandar na Companhia, servindo cargos, porque o seu maior desvelo era obedecer.

Despendeu largamente em obras úteis para os moradores da Casa professa de Lisboa. (São Roque) o que pôde adquirir.

Faleceu piamente nesta casa em 15 de Janeiro de 1647 com 80 anos de idade e 64 de Companhia.

Escreveu as seguintes obras: Relação Geral do estado da Christandade na Etiopia (Lisboa, 1628): obra muito estimada, como observa o Dicionário Bibliográfico; Vida do Padre Francisco Soares; Relação da morte do Padre Inácio Martins; Memorial da Casa de São Roque; Discursos Concionatórios; Relógio da vida Christã; Histórias Sagradas; Histórias Profanas; etc.

Estas notícias são da Bibliotheca Lusitana.

O Dicionário Bibliográfico menciona ainda entre os seus escritos o Traçado da vida, virtudes e doutrina admirável de Simão Gomes, português, vulgarmente chamado o Sapateiro Santo (de Évora) impresso em Lisboa no ano de 1625; e acrescenta:

"Foi este livro, não só proibido, mas também mandado lacrar e queimar na praça pública por mão do algôz, por Edital da Real Mêsá Censoria de 10 de Janeiro de 1768, executando-se a pena na Praça do Comércio em 14 do dicto mês. Esta condenação recahiu principalmente sobre as prophcias que no livro se attribuem a Simão Gômes as quaes serviam de thema aos Sebastianistas, para nellas cimentarem em parte a sua crença na vida e vinda miraculosa do seu Rei Encoberto. Veja-se a este respeito a Dedução

Chronológica e analytica, 1ª Parte, etc."

Coisas do Marquês de Pombal...

Acrescenta ainda o citado bibliográfico que o Padre Manuel da Veiga deixou doze volumes de sermões manuscritos;

Vê-se, portanto, que não passou neste mundo uma vida ociosa e inútil.

MANUEL VELHO DE GOES

Escrivão da Correição da Ouvidoria em 1733.

MANUEL VIDAL SALGADO

Tabelião e Escrivão do Juízo Ordinário (1850...68)

MANUEL VIEIRA VELHO

Sacerdote, Capelão da Real Capela da nossa vila já em 1683 e Secretário do Cabido.

A sua mãe era falecida em 1706 e ele fez então partilhas amigáveis com suas 3 irmãs: Maria Coelha e Luísa Coelha, solteiras e Brites Coelha, casa da com Jerónimo Vieira.

Ornou em 1720 a Capela de São Braz na Igreja de São Paulo, dotando-a com bens, para haver ali duas missas quotidianas pelas almas dele, de seus pais e irmãos; o que consta de uma lápide, que está na dita capela. No pavimento desta construiu o seu jazigo de família.

Em Janeiro de 1733 ele e sua irmã Maria Coelha dão alforria à sua escrava Micaela, que os servia há muitos anos, para ficar livre por sua morte. Faleceu a 4 de Setembro de 1733.

FREI MANUEL DE VILA VIÇOSA

Era franciscano ou professo na Província Seráfica dos Algraves; sendo moço do convento, em cuja igreja se vê uma campa com a letra de ser aquela sepultura da Mãe de Frei Manuel e seus herdeiros donde resulta não sabermos sequer o nome próprio da mãe.

Ignoro o mais que lhe respeita.

Vivia em 1604, sendo Capelão e procurador das freiras.

MARGARIDA AFONSO

Mulher de Pedro Nunes Gançoso (V.). O seu testamento está registado no Tombo 1º da Misericórdia, porque lhe deixou um quilhão na herdade de Santa Ana de Bencatel com o encargo de 3 missas cantadas. Em quinhão foi fixa do ultimamente em 10:000 réis. Parece que faleceu em 1571.

MARGARIDA DE JESUS

ah! volta aos pátrios lares

Dos teus lembrada, que saudoso te amam.

(Elp. Dur. - Ode 2 a D. Cat. M. de Sousa).

Desta ilustre calipolense faz menção: o Agiologio Lusitano, Tom. 1, Comentário ao dia 6 de Janeiro; o Jardim de Portugal sob o nº 119; e o Flos Sanctorum Agostiniano de Frei José de Santo António. Diversas crónicas fa lam dela a propósito de narrarem a fundação dos conventos da Santa Cruz e das Chagas da nossa vila. Também dela fiz eu já menção, quando me ocupei da história daqueles dois institutos.

Resumirei aqui a sua biografia, conforme os autores alegados.

A Madre Margarida de Jesus, chamava-se no século - Margarida Nunes Cheirinha; era natural da nossa vila, e filha de Nunes Álvares Chirino ou Cheirinha e de sua mulher Beatriz Gonçalves; os quais tiveram cinco filhos, - um varão e quatro fêmeas, das quais ela era a mais moça. Entre as mais velhas conta-se Isabel Cheirinha, a iniciadora do Convento de Nossa Senhora da Esperança.

Desejando, seguir a vida religiosa e enclausurada, foi tomar o hábito de Freira no Convento de Santa Mónica de Évora, correndo o ano de 1500; porque em Vila Viçosa ainda não havia nenhum convento de Freiras. Esteve ali vinte e cinco anos, segundo o Agiologio citado, com grande fama de virtude; e no fim deles foi chamada pelo Provincial dos Gracianos, a ins-tâncias do Prior do Convento da nossa terra, para nesta se erigir um con

vento de Agostinhas.

Neste ponto há diferenças de datas, assim como há em decidir a origem do Convento de Santa Cruz, de que ela foi a primeira fundadora; por isso prefiro a versão, que mais me agrada.

Questionava-se em Vila Viçosa a formação de um convento de freiras, visto que já contava 3 de frades sem um só de Religiosas, tornando-se mister às donzelas Calipolenses, que intentassem aquela profissão, o expatriarem-se: coisa para elas tão difícil ou mais do que a vida casta e enclausurada. Entre várias tentativas da fundação desejada, apareceu uma do Padre Mendo Rodrigues de Vasconcelos, Capelão do Duque D. Jaime, que, falecendo aí por 1525, deixou as suas casas da Corredoura, para se inaugurar nelas o Convento projectado. Os Gracianos, que eram os frades mais antigos da nossa vila, quizeram pôr em execução a deiza do Padre Mendo; e promoveram que viesse de Évora a Madre Margarida com três companheiros para o Convento ser de Agostinhas.

Assim se fez. Entretanto, o Duque D. Jaime propôs-se realizar o desejo dos Calipolenses, fundando no Terreiro do Paço uma casa em forma, construída de propósito para tal fim; o que valia bem mais, do que as casas deixadas pelo Padre Mendo Rodrigues; mas como quizesse ter neste convento, uma casa especial de falas para uso da Família Ducal, a Madre Margarida não quis aceitar o seu oferecimento, persistindo aliás na erecção do Convento da Corredoura, que vinha a ser obra do povo. Fizeram-se neste as obras indispensáveis durante os anos de 1527 a 1529; e a 27 de Dezembro deste último ano já pôde professar nele a Madre Leonor da Cruz, posto que se diga ser à comunidade inaugurada no 1º de Janeiro de 1530.

Já se vê pois, que sendo a nossa patrícia a fundadora de um Convento, que não tinha Padroeiro, houve de passar por muitas dificuldades para o exigir.

Ali viveu até o ano de 1539 e mês de Janeiro, em que faleceu a 7, segundo uns, ou a 6 ou no 1º dia, segundo outros. Da mesma sorte não concordam em assinar o número de anos que ela viveu; pois lhe dão já 73, já 50; já 55. Este último algarismo é o de Frei Luís dos Anjos, que lhe dá 43 anos de hábito; e parece-me o mais aceitável.

Quando em 1883 se extinguiu o Convento de Santa Cruz, vi um livro da ordem das sepulturas do claustro, que no frontispício dele pude ler a de-

Signação da fundadora daquela casa, concluída assim "*Está sepultada no Coro de Baixo ao pé dos degrãos do Commungatório com hum letreiro que diz: Aqui jaz Margarida Nunes Cheirinha, fundadora desta casa*", depois de dizer que falecera em 7 de Janeiro de 1539.

MARGARIDA DE MORAIS

Irmã do Prior de São Bartolomeu, Frei António Godinho da Silveira, casada com Manuel Dias Ferranquino e falecida em Benavila no ano de 1681.

O seu testamento está registado no Tombo 4º da Misericórdia, por causa de direitos possíveis adventícios.

MARIA ÁLVARES FAGUNDA

Morava esta mulher na rua dos Gentis; era solteira e irmã de Leonor Álvares; professava a vida devota, trazendo hábito de Agostinha por pertencer à confraria da Correia de Santo Agostinho; e faleceu em 9 de Dezembro de 1606.

Instituiu uma Capela de missa quotidiana em Santo Agostinho; e deixou à Misericórdia o 8º da herdade da Capela de Tomé Lobo em Monforte, que rendia um moio de trigo e pitanças, com o encargo de duas missas por ano. Deixou aos Padres da Companhia para a Lâmpada do (...) meio alqueire de azeite por ano e 5:000 réis por uma só vez.

O mais singular que achei no testamento e Codicilo, desta mulher, foi ser testemunha da aprovação do 1º Codicilo um Manuel Pinto, que palmitla meias (Tombo 1º da Misericórdia)!

SOROR MARIA DAS CHAGAS

Era a segunda filha do Duque D. Jaime e de sua segunda mulher D. Joana de Mendonça.

Foi a primeira Freira professa no Convento das Chagas, fundado por seus pais e irmão mais velho o Duque D. Teodósio I; porquanto professou em quarta-feira de Cinza do ano de 1533, que foi aquele mesmo em que se inaugurou a comunidade da dita casa, proferindo os votos nas mãos de sua tia

e primeira Abadessa Maria de São Tomé, irmã de sua mãe.

Não contava ainda sequer uma dúzia de anos de idade, nem teve noviciado prévio, por ser isto feito antes do Concílio Tridentino, que buscou reformar abusos nesta e noutras matérias importantes da disciplina eclesiástica, proibindo as profissões de Freiras antes dos dezasseis anos e tem um ano de experiência prévia ou noviciado.

No entanto a Madre Maria das Chagas não pareceu violentada, mas Religiosa devoção, conforme dão a entender as Crónicas. Não só foi uma senhora de muita virtude mas julgada capaz de ser reformadora de outros Conventos, porquanto: foi introduzir a reforma Clarissa nos Conventos - da Esperança da nossa vila e de Ara Coeli de Alcácer; em 1542 foi inaugurar em Borba o Convento de Nossa Senhora das Servas com as Madres Ana de Cristo, Jerónima do Espírito Santo e Joana da Madre de Deus, todas três filhas de D. Diogo de Melo e de D. Isabel de Mendonça, fundadores daquele Convento com o Padre Pedro Cordeiro, e mais três Religiosas e duas Educandas; e em 1567, a instâncias do Cardeal D. Henrique, foi introduzir a Regra de Santa Clara no Convento de Coimbra, do mesmo título de São Francisco. Voltando ao cabo de três anos, foi recebida pelas suas companheiras com um Te Deum em acção de graças pelo seu regresso.

Faleceu a 6 de Julho de 1586; e jaz no Côro de baixo do Convento em que professou, com o epitáfio, que deixei copiado na descrição do mesmo Convento.

MARIA DA CONCEIÇÃO

Esta Religiosa, professa no Convento da Esperança, era de ilustre sangue. Seus pais chamavam-se Fernão Rodrigues de Brito Pereira (1º) e D. Madalena de Castro (Veja-se o nome do pai).

Ela e mais duas irmãs, depois de terem perdido o amparo e carinho de sua mãe em tenra idade, sofreram mais o infortúnio de ficar seu pai morto na desastrosa batalha de Alcácer-Quibir, onde fora acompanhar o Duque de Barcelos D. Teodósio Iº (ano de 1578).

Seu tio paterno Manuel Passanha de Brito, Deão da Capela Ducal, a meter com suas duas irmãs no Convento da Esperança, depois daquela ca-

tástrofe; e ali faleceu com 18 anos de idade e 3 de profissão religiosa em 1589.

Distinguiu-se muito na paciência, com que suportou a perda de seus pais em tão curtos anos, bem como na pureza e simplicidade, que lhe grangearam muita reputação de virtude.

Esta notícia é da Chron. Seraph. da Prov. dos Alg.

MARIA DA CRUZ 1ª

Calipolense e primeira donzela, que se associou nesta vila à Madre Margarida, fundadora do Convento de Santa Cruz, conforme dizem os cronistas. Embora, porém, fosse a primeira associada às três fundadoras, vindas de Évora, ela só professou em 8 de Fevereiro de 1534, vindo a ser a 4ª professora neste Convento: coisa por mim verificada à vista do Livro das profissões. Deste mesmo consta ser filha de Duarte Fernandes e de Catarina Alvarés.

Foi distinta em virtude; e por isso Frei Luís dos Anjos incluiu-a no seu Jardim de Portugal, estampando-lhe ali o merecido elogio sob o nº 122.

Faleceu em 1590 com 56 anos de profissão religiosa. Encontraram-na morta na cela, e de joelhos, pelo hábito que adquirira de orar assim por longo tempo.

Era filha de pais honestos, mas não ricos.

MARIA DA CRUZ 2ª

Estoutra Calipolense professou a regra de Santa Clara no Convento das Chagas de Cristo; mas saiu dali para o da Esperança, como reformadora, por que passando este convento de Claustal a ser Observante, e tendo a sua 1ª Abadessa Catarina da Madre de Deus professada somente como Terceira ou Claustal, foi necessário à Duquesa Fundadora D. Isabel de Lencastre meter nele uma professa Observante em harmonia com as determinações pontifícias.

Esta foi a sobredita Madre Maria da Cruz; e passou para a Esperança em 1553, quando se instalou a comunidade no baixo Rossio.

Assim consta da Chron. Seraph. da Prov. dos Alg.

MARIA DIAS

Viúva de Gregório Meixieiro (V.), falecida a 29 de Março de 1663 com testamento. Mandou sepultar-se na Igreja de S. Francisco onde jazia seu marido, acompanhada pelas confrarias do Sacramento e das Almas de S. Bartolomeu.

Tinha no Convento das Chagas a neta Maria do Sacramento para professar com dote de mil cruzados. Nomeou por sua universal herdeira a Inês Ferreira, sua sobrinha, que era irmã de Maria Ferreira, casada com Manuel Lopes Almojarife (V.), a quem deixou legados. A dita Inês deixou também uma Capela, que possuía com obrigação de 6 missas. Morava na rua dos Caldeiros.

MARIA FERNANDES

Mulher de Diogo Fernandes do Orelhal. Testou em 1565 deixando à Misericórdia metade da horta do Orelhal e um pedaço de vinha e de olival. Morava defronte da ermida de S. Jerónimo no Termo desta vila e mandou sepultar numa cova que temos no alpendre da Graça (o antigo). Tombo 1º da Misericórdia.

MARIA GERTRUDES MARTELO

Filha de Manuel Martins Martelo e de Antónia Maria. Professa nas Chagas com dote de 100\$ reis somente por ser "*Solfista e Organista*" em 1731.

MARIA GUEVARA DE GUSMÃO

Mulher de Jerónimo Correia do Campo (V.). Depois de viúva era dona do paço ducal e ali testou numa dos tribunais da Capela do Duque a 31 de Julho de 1631 (Tombo 1º da Misericórdia). Deixou 500 réis à confraria de S. Pedro de que era irmã, para ajuda da cera. Instituiu uma capela de 15 missas administrada pela Misericórdia.

Faleceu em 1632 e foi sepultada na cova de seu marido na igreja das Chagas.

MARIA JOAQUINA DE ANDRADE

Mulher de muita virtude. Hospedeira do Padre Frei José de Varge e em cuja casa faleceu.

Tinha fama. Era filha de Joaquim de Andrade, lavrador de Lagoa em 1752, quando comprou por 23 moedas uma escrava a Manuel Miguel, lavrador da Cordeira, no termo de Elvas.

MARIA JOAQUINA DA SILVA

É a instituidora do officio fúnebre pelas almas do cemitério da Misericórdia e de que se fala no Compromisso da mesma.

Foi casada com António Martins de Miranda, feitor de Jorge Mesquita Mascarenhas, em 1780 e seguintes, e enviuvou dele.

Vivia sendo viúva em 1787. Nesse ano aforou em 12\$ réis a Luís Andrade de Melo as casas do bairro da Lagarista.

MARIA LEITOA

Viúva de Pedro de Magalhães, já falecida em 1659. Foi instituidora de uma Capela administrada pelo Colégio dos Jesuítas de Elvas. Capela em que entrava a horta e azenha dos Apóstolos em Pardais, a herdade da Galharda na mesma freguesia e a horta dos Solteirões perto dos Penedos do Paraíso. Era já falecida em 1677. Também deixou uma pequena Capela à Confraria de Mesário de S. Bartolomeu, constam de umas vinhas (...).

D. MARIA DE MOURA

Veja-se Francisco Pereira Garro 1º.

D. MARIA DE PORTUGAL

Natural da nossa vila (?) e filha de D. Gomes de Melo e de sua mulher D. Marinha de Portugal, sendo assim irmã de D. Francisca de Melo, Conde da Ponte e Marquez de Sande.

Em 1640 o seguiu a Corte para Lisboa; e ali foi Dama da Rainha D. Luísa Francisca de Gusmão.

Vinte e um ano depois, casando a Infanta D. Catarina com o Rei de Inglaterra Carlos II, acompanhou-a como Dama sua levando o título de Condessa de Penalva (Hist. Geneal. Tom. 6, Pág. 657).

Morreu solteira em Londres.

MARIA RODRIGUES

Filha de Antónia Fernandes, 1ª mulher de André Fernandes.

Faleceu da peste em 1580 e mandou enterrar-se na igreja nova de S. Bartolomeu. Deixou alguns bens à Misericórdia, razão porque o seu testamento se tenha registado no tomo 1º da Misericórdia.

MARIA DO SALVADOR

Era filha de José de Vilalobos Miranda e de D. Isabel Freire. Professou a regra de Santa Clara no Convento das Chagas da sua pátria, tornou-se nelle célebre por sua humildade, caridade e devoção. faleceu em 1692.

Esta notícia é da Crónica Seraphica etc.

MARIA DE SÃO BENTO

Criada do Paço Ducal no tempo de D. Teodósio II e de seu filho D. João, solteira.

Com as suas economias instituiu em 1633 uma capela de missa quotidiana para ser dita na Capela do Duque e administrada por este. Ainda vivia em 1640; não seguiu a corte para Lisboa e cá ficou sobre si algum tempo.

A Capela foi dotada com 600\$ réis de capital em foros de azeite e as suas alfaias que deviam ser empregadas na compra de (...). Em 1641 por se achar muito velha não acompanhou a corte para Lisboa e ficou em casa do couteiro-mor Teodósio de Almeida Cabral, na rua das Cortes; pretendeu por escritura de Fevereiro de 1641 nomear a dita capela no seu hospedeiro com o consentimento da Casa de Bragança; mas não conseguiu tal; e neste caso deixou ao mesmo couteiro os bens que tinha fora da Capela.

Faleceu em 1641; e El-Rei nomeou logo Capelão ao Padre Manuel Rodrigues. O Couteiro-mor herdou só remanescentes e foi testamenteiro.

MARIANA DE JESUS

No Agiologio Lusitano, Tom. 3, sobre o dia 22 de Junho, Lê-se "Em Vila Viçosa no Seráfico Convento das Chagas, floresceu a Madre Mariana de Jesus, Religiosa digna de memoria por sua extremada vida e admirável morte".

Vivia no século XVI. Não era natural da nossa vila.

MARIANA PEREGRINA DA CONCEIÇÃO XAVIER

Natural da nossa vila e descendente de uma família de artistas, chamados José Maria Xavier, natural de Arraiolos e Francisca de Jesus, natural da vila e, Fernando do bispado de Elvas.

Foi a última Freira que, professou no Convento da Esperança, dando-lhe o dote um parente rico.

Como Religiosa de vocação própria, e não metida na clausura por instâncias de família, deu sempre sinais de boa filha da matriarca Santa Clara; e mais evidentes se tornaram eles, quando em Setembro de 1866 foi permaturamente extinto o dito Convento: o que já ficou narrado no anal competente.

Com effeito: não aprovando que as suas duas companheiras deixassem a clausura em 12 do referido mês, continuou a viver só com as Educandas como porém era surda, pediu ao Arcebispo Mata e Silva, visto ser da mesma Regra de Santa Clara: o que se effectuou no 1º de Outubro seguinte com grande regosio daquela comunidade.

Mas esta mudança de casa foi-lhe fatal; pois contando já perto de 60 annos e desconhecendo ali o peso, deu uma queda ao cabo de pouco tempo, trilhando um peito: e daí resultou formar-se-lhe um temor canceroso; que veio a prostrá-la em 13 de Maio de 1877, quando aliás viveria na Esperança mais longa idade.

Existem sobrinhos seus, filhos de seu irmão João José do Nascimento (vulgo da Cadeia), e de José Maria Xavier (vulgo Bexiga). Só não o deixou, descendentes seu irmão António Maria Xavier, que tinha o alcunha de Coroinha. Eram sapateiros.

MARIANO JOSÉ DA SILVA

Filho de José Lopes da Silva, o assentista e irmão do médico João Vicente da Silva. Seu pai o mandou estudar em Coimbra, depois de cursar Gramática Latina com os Gracianos, e formou-se Bacharel em Leis.

Foi Juiz de fora um triênio em Portel, mas tornando à sua pátria, não exerceu mais o cargo de magistrado, ocupando-se unicamente em advogar nos autóditorios da nossa vila, onde o fizeram Vereador em 1827.

Casou duas vezes: da primeira com uma lavradora, não teve descendência; e da segunda com D. Maria José de Oliveira Prezado, já viúva do dr. José Maria de Araújo, houve dois filhos varões (Manuel Maria da Silva Prezado) e uma filha D. Maria Vicência), que casou com António Maria Lobo Vidigal Salgado.

Faleceu em 23 de Maio de 1835, sendo ainda vigoroso.

MARIANO JOSÉ DA SILVA PREZADO

Neto do precedente, como filho de seu filho Manuel Maria, que foi lavrador Recebedor da fazenda Nacional e Couteiro por fim da Tapada Real e de sua primeira mulher D. Maria do Carmo Alves Torres, filha de Domingos Alves Torres.

Nasceu na freguesia de São Bartolomeu a 14 de Dezembro de 1874.

Depois de estudar Gramática Portuguesa e Latina na sua pátria, passou a cursar alguns preparatórios no Liceu de Évora com o fim de frequentar a Escola do exército; o que efectuou, saindo alferes graduado em 1869.

Depois disto estudou ainda em Coimbra algum tempo; em seguida esteve empregado no Ministério da Guerra, foi Lente do Colégio Militar, professou em Lisboa, e jornalista regenerador, sendo já Capitão em 1882.

Tendo grangeado as simpatias do ministro Mariano Grilo de Carvalho, que fora seu mestre na Escola do Exército que fora seu Deputado da criação em 1887, pelo círculo de Tavira. Era então um dos redatores do Correio Português.

Esteve alguns meses na sua pátria, no estio de 1888, hospedando-se

em casa de sua tia materna Leocádea, casada com o major reformado João de Deus Torres.

Em fins de Fevereiro de 1889, deixando de ser secretário do Ministro Mariano de Carvalho, Tornou a reger a sua cadeira do Colégio Militar.

Por decreto de 22 de Fevereiro de 1889 foi despachado Agente Financeiro no Rio de Janeiro, para onde embarcou em 30 de Setembro. Mas não deixou morada.

Em Novembro foi agradecido com a Comenda de Cristo, por D. Carlos I. Deputado por Santarém nos anos de 1893 e seguintes. Tenente Coronel para o Estado Maior de Cavalaria em 5 de Março de 1895.

MARTIM AFONSO DA FONSECA

Capitão de cavalos contratado. Morava cá em 1672 e 1680.

MARTIM AFONSO DE LUCENA

Filho de Cristóvão de Matos Lucena, morava cá em 1648; foi escrivão da Mesa da Misericórdia em 1654-55.

Casou com D. Filipa Mascarenhas Vasconcelos, que já era viúva em 1668.

MARTIM AFONSO DE MIRANDA

Serviu a Casa de Bragança e escreveu a obra moral - Tempo de Agora - em 2 tomos, que foram publicados em 1622 e 1624 e outras obras. (Simões Dias - Curso Elem. da litr. Portug).

Diz o Dic. Bibliog. que é natural de Lisboa, ignora-se o ano do seu nascimento e o leito: o que não dá notícia Certa.

MARTIM AFONSO DE SOUSA (1º)

Ditosa pátria, que tal filho teve!

(Lus. XIII, 32)

Somos chegados a dar notícia de um dos mais notáveis, se não o mais notável Capitão Calipolense, que tenho podido investigar por entre as deusas glórias da nossa Pátria: gigantesco vulto, que mereceu canto imorredouro na admirável epopeia de Luís de Camões (Canto X, est. 63 e 67).

Falo do grande Martim ou Martinho Afonso de Sousa, Senhor do Prado e de Alcoentre, Alcaide-mor de Bragança e de Rio Maior, cujos feitos gloriosos no Oriente apregoam com entusiasmo todos os escritores de história Portuguesa.

Deram-lhe o seu Lopo de Sousa, Senhor do Prado, Pavia e Baltazar, e D. Brites de Albuquerque, filha de João Rodrigues de Sá, Senhor de Sever, Alcaide-mor e Vereador da Fazenda do Porto, e de D. Joana de Albuquerque.

Formado pela natureza para herói; começou desde a adolescência a dar claros argumentos e generosos brios, distinguindo-se entre eles o recusar a aceitação de um precioso colar de ouro e pedrarias, que lhe oferecera o grande Capitão Gonçalo Fernandes de Córdova, quando hospedado em casa de seu pai na cidade de Bragança. Pasmado então o Castelhana desta recusa ativa, praticada em tão verdes anos, instou-lhe para que ficasse com uma prenda sua; e dando-lhe depois a própria espada, foi esta aceite com todo o gosto por Martinho, que fez dela tanta estimação, que preferiu sempre o seu uso nas mais solenes funções.

Por alguns anos assistiu em Vila Viçosa, onde nascera, por ter vindo seu pai servir na Corte do Duque D. Jaime; serviu-lhe também na casa deste Duque, sendo jovem; deixando-a porém para passar à d'El-Rei D. João III, ganhou a afeição de D. António de Ataíde, 1º Conde de Castanheira; e conhecido também El-Rei os espíritos marciais que lhe animavam o peito, nomeou-o Capitão-mor da expedição ao Rio da Prata, durante a qual descobriu aquela nobre colónia, que tem o nome de Rio de Janeiro, por nele fazer ao primeiro dia do ano de 1532. Todas as vezes pois que se nomear a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, hoje Capital do Império do Brasil, gloriam-se os Calipolenses com a lembrança, de que um irmão seu pela pátria, foi quem introduziu este nome, tão conhecido agora, por ser o primeiro explorador daquela plaga da América Austral.

Por tão feliz descobrimento se fez merecedor Martim Afonso de ser nomeado no ano de 1534 Capitão-mor de uma nova armada, composta de cinco naus e guarnecida com cinco mil soldados, enviada para a Índia Oriental,

quando a governava o famoso Nuno da Cunha. A primeira acção com que logo fez célebre a fama do seu nome foi o rendimento da praça de Damão, desbaratando quinhentos Turcos que a guardavam, e reduzindo-a a lamentáveis ruínas. Lá ia também com ele o illustre Calipolense António da Silveira.

Sendo convidado pelo Sultão Badur, Rei de Cambaia para se levantar uma fortaleza em Dio, partiu sem demora, por não deixar de ser instrumento glorioso desta fundação. Novo monumento de glória para os Calipolenses! O nome de Dio, imortalizado com a defesa, heróica de dois cercos, sustentados com tanto valor pelos Portuguezes, é para nós outra recordação das glórias do fundador da sua praça de guerra e da vila que lhe foi berço.

Sultão Badur, querendo visitar o seu reino, ainda mal seguro da invasão dos (...) pede a Nuno da Cunha, que lhe deixe ir em sua companhia a Martim Afonso "porque além do seu valor nas armas e conselho na guerra e outras boas qualidades, era-lhe El-Rei Badur muito afeiçãoado, e dizia que tanto estimaria levar consigo a Martim Afonso, como levar mil portuguezes". Assim o refere Barros, Dec. 4, L. 6, cap. 16.

Em dia de Reis de 1536 deu-lhe Sultão Badur de presente jóias no valor de vinte mil cruzados só por simpatizar com ele - Couto.

A cidade de Repelim, situada na provincia do Malabar, apesar de ser defendida pelo seu Príncipe com seis mil soldados, foi por ele entregue à voraz destruição das chamas.

Com formidável destroço fez retroceder no passo de Cambalão a marcha do Rei de Calecut, que capitaneava quarenta mil homens!

Bastava o eco do seu nome para intimidar os maiores Príncipes da Asia. Para não ser vítima da sua fulminante espada, Madune Pandar, Rei de Ceitava, levantou o assédio que tinha posto a El-Rei de Cota, seu irmão e nosso aliado. Mas não pôde escapar ao seu furor a armada auxiliar do Samorim que, depois de porfiado combate, foi derrotado com a morte de mil e duzentos Mouros.

Resolvido Pate Marcár, Poderoso Mouro de Calecut, a vingar esta afronta, saiu com uma armada de cinquenta navios e doze mil homens com quatrocentas peças de artilharia; e o nosso herói se lhe opôs apenas com vinte e três navios de remo e quatrocentos homens de peleja. Topando o Bárbaro a espalmar os seus navios em Beadála, não obstante haverem-se-lhe unido a-

li mais sete mil indígenas, saltou em terra Martim Afonso; atacou batalha com forças tão desproporcionadas; matou mais de três mil Mouros; pôs os Mouros numa precipitada e vergonhosa fugida; e recolheu, como vencedor, os despojos, que no mar e na terra tinha o orgulhoso Pate Marcár, isto é 300 espingardas, mais de 200 peças de artilharia, 49 navios, faltando só dois para serem todos.

Nesta expedição de Beadala deu-se o célebre caso da viúva de Cochim, pedindo a Martim Afonso que lhe trouxesse o seu filho Marcos, aprisionado pelo Pate Marcár; o que efectivamente ele conseguiu com rara felicidade restituir à aflita e desolada viúva; o que Diogo de Couto refere na Déc. 5, L. 2, cap. 4. Isto fornece matéria para um lindo e tenro romance histórico.

Todas estas gloriosas empresas, conseguidas pelo valor herói do seu coração, lhe serviram de degrau para subir ao honorífico lugar de Governador da Índia, para onde partiu no ano de 1541. Tendo a honra de levar por companheiro em jornada, tão perigosa e longa, ao grande São Francisco Xavier, enviado como Apóstolo do Oriente, para com as luzes do Evangelho, desterrar as sombras do paganismo naquelas regiões bestializadas. A primeira acção do seu governo foi punir severamente a cidade de Baticala, situada na costa do Canadá por negar a obediência que jurara ao nosso Estado. Ele a submergiu num mar de sangue, e reduziu a cinzas as próprias plantas de suas campinas!

Como era muito zeloso da prosperidade da Nação Portuguesa e conheceu que o império da Índia declinava já da glória, que lhe haviam adquirido os seus primeiros conquistadores, jurou pela hóstia, que se levantava na missa, de abrir as sucessões e entregar o governo a quem elas nomeassem; pois não queria ser testemunha ocular da funesta decadência do Estado a que aliás tinha enobrecido, fazendo tributários os Reis de Jafanapatão e Travancor.

Da Fazenda Real teve tão próspera economia, que pagou trinta e cinco contos de dívida antigas, e três quartéis cada ano a todos os soldados, reservando sempre cinquenta mil pardaus para despesas extraordinárias e de urgência. Sendo, porém, tão parco dispensador da Fazenda Real, não deixava de ser pródigo na sua, não consentindo, na volta para o Reino, que pessoa alguma trouxesse matalotagem, e dando a todos mesa abundantíssima.

Embarcando em a nau São Tomé, chegou a Lisboa no dia 13 de Junho de

1546, havendo governado a Índia, com tanta prudência como desinteresse, três anos e quatro meses. Foi o seu Governador.

Quando estava pacificamente gozando na pátria dos aplausos adquiridos no Oriente, ofereceu-se-lhe nova ocasião de ostentar o seu valor. Com efeito: determinando os Turcos invadir as costas do nosso Algarve e da Estremadura, propôs El-Rei D. João III em Conselho de Estado quem havia de ser o General da expedição que devia rebater a armada Turca? E votando Martim Afonso na sua mesma pessoa, por ser também do Conselho de El-Rei, foi muito aplaudida esta votação por todos os Conselheiros.

Cumulado gloriosamente de brilhantes vitórias e ações de virtuoso cristão, veio a falecer em Lisboa no dia 21 de Julho de 1564; e foi sepultado na Igreja de S. Francisco da Província de Portugal.

Casou com D. Ana Pimentel, filha de Aires Maldonado, Senhor de Avedilho, Comendador de Elches e Estriana Regedor de Salamanca e Talavera, e irmã do 1º Marquês de Tavera, de quem teve a Pedro Lopes de Sousa, Senhor de Alcoentre e Tagarro, Alcaide-mor de Rio Maior, Comendador de Santa Maria de Mascarenhas, na Ordem de Cristo, Embaixador de El-Rei D. Sebastião de Castela; o qual casou com D. Ana da Guerra, de quem teve a D. Mariana de Sousa da Guerra, mulher de D. Francisco de Faro, 1º Conde do Vimieiro. Filho seu foi também Lopo Rodrigues de Sousa, que morreu numa jornada para a Índia; - D. Fr. António de Sousa, que de Frade Dominicano subiu a Bispo de Viseu em 4 de Dezembro de 1595 e faleceu ao cabo de mais dois anos; e D. Inês Pimentel que se desposou com António de Castro, 4º Conde de Monsanto, tornando-se pais de Martim Afonso de Castro, Comendador, das Alcáçovas de Santarém, General de Galés do Reino e 19º Governador da Índia.

Teve Martim Afonso de Sousa profundo conhecimento das disciplinas matemáticas, como patenteou nas outras observações, que fez na jornada do Sul, primeira das suas navegações e propôs ao maior matemático do seu tempo, o celebrado Pedro Nunes, cosmógrafo de El-Rei D. João III: o qual as expôs no livro, impresso em 1537 na oficina de Germão Galhardo.

Qual outro César, escreveu um Epitome na sua vida, que se conservava na Livraria dos Condes do Vimieiro, onde o viu o Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes, como afirmou na conferência da Academia Real de História Portuguesa celebrada em 28 de Julho de 1724. Seu filho D.

Fr. António de Sousa, Bispo de Viseu, inventara também escrever-lhe a biografia, juntando para isso diversos documentos; mas não chegou a realizar tal empresa.

As acções militares deste ilustríssimo Calipolense grande herói português, foram celebrados por João de Barros nas suas Décadas, 4ª - Livros 7º e 8º, - pelo seu continuador Diogo de Couto, na Déc. 4ª, e por outros muitos que aponta Barbosa na Biblioteca Lusitana, donde extrai este artigo, por encontrar aqui enfeixadas notícias mais amplas. No Mapa de Portugal e no Ano Histórico leem-se esboços mais resumidos e sem a indicação da pátria particular deste herói que de Marte tem o nome, como escreveu Camões.

Era contemporâneo dos filhos do nosso patricio D. João de Eça, nomeados atrás e seus camaradas na Índia.

Quem quiser ver este bellissimo retrato deste Calipolense, procure-o no Diário da navegação de seu irmão segundo Pedro Lopes de Sousa (Veja-se) publicado em 1839 por Varnhagen, onde também se encontra um seu esboçeto biográfico.

Diogo de Couto, na Déc. 5ª, L. 10 cap. 11 acrescenta mais algumas particularidades, que eu omito por tornar este esboçeto biográfico demasiadamente longo.

Parece-me que teve um filho natural, chamado Tristão de Sousa, que militava na Índia em 1559, segundo o que refere o mesmo Couto, Déc. 7ª, L. 7.

MARTIM AFONSO DE SOUSA (2º)

Era parente do primeiro e filho de Fernão de Sousa 2º e de sua mulher D. Filipa de Melo. Foi Vereador do Duque D. João I.

Do seu 1º matrimónio com D. Joana de Tovar teve a Fernão de Sousa, que morreu sem descendência; e passando a segundas núpcias com D. Maria de Castro, ouve onze filhos e filhas.

O seu sucessor, na casa e senhorio de Gouveia, foi seu filho segundo Fernão de Sousa 3º.

Duas filhas foram Freiras no Convento das Chagas (L. de Fam. dos Sosas na rua de Santa Luzia).

Foi para a Índia na frota em 1556, levando a Capitania do Galeão S. Gião, como diz Couto "sendo filho do Veador Cardeal D. Henrique e que de

pois foi Governador de Angola" (Déc. 7º L. 1). Assistiu à empresa de Janapação em 1560.

Era Calipolense e vivo ainda em 1590, segundo o registo paroquial (Veja-se Fernão de Sousa).

MARTIM DE SANÇÃO

Mestre do vidro do Duque D. Teodósio II. Em 1622 era casado com Catarina Castanheira.

MARTIM DE SOUSA MENEZES

Era filho de José de Sousa Menezes, Copeiro-mor do Duque D. João III, que em 1641, sendo já Rei de Portugal, lhe deu o ofício de seu pai.

Achou-se em Lisboa no acto da Coroação do mesmo Rei em 15 de Dezembro de 1640.

Foi também Copeiro-mor de El-Rei D. Afonso VI, e 3º Conde de Vila-Flor (hist. Geneal. Tom. 7, pág. 230, 416 e 716).

Creio que era do mesmo Sosas Menezes da rua das Cortes.

MARTINHO JOSE LEAL

Natural de Estremoz, donde veio muito moço para a nossa vila, sendo filho de Silvestre Dias e Luísa Maria; e casou aqui na Fazenda de São Bartolomeu em 1748 com a nossa patricia Rosa de Andrade, filha de Manuel de Andrade e Antónia Teresa. Foi primeiro (...) Agostinho da Capela Real onde seu irmão o padre António Dias Leal era Capelão em 1742.

Tinha em 1756 o cargo de recebedor das vendas do Almojarifado Real. Afiçou-se para isso em 1756.

Depois de ser dois anos de Ordenanças da Companhia de São Romão, foi promovido em 1757 a Capitão da mesma.

Exerceu o cargo de Vereador em 1765 e 1766; e não pôde exercê-lo já em 1779 (para que viera pautado) por estar servindo o ofício de Escrivão da Câmara.

Em 21 de Julho de 1779 tomou posse do posto de Sargento-mor das Ordenanças da vila, do qual pediu demissão em 1795 por se achar velho.

Foi Vereador outra vez em 1800; e faleceu em 6 de Novembro de 1801. Escrava bem.

Deixou uma filha que se chamou D. Maria Vitória de Andrade Leal. conhecida nesta vila por D. Maria detrás da Fonte (pequena) por morar na casa que fora de António de Abreu Freire Lobo, a qual casou com Joaquim da Rosa (Veja-se) e teve descendência. Teve mais a D. Rosália Perpétua de Andrade Leal, que em 1802 possuía a Capela de Maria Leitôa e vivia recolhida nas Chagas. Esta em 1804 era casada com José Mendes Leal, tenente do 2º Regimento de Olivença.

Em 1780 tomou de aforamento em 8\$ réis a horta do Maldonado à Fonte Santa com pensão de 2 missas, a qual partia com a sua quinta parte do nascente. Esteve hoje metida na mesma quinta?

Fez Luís José Coutador de Arqote, residente em Colares.

Em 1798 já estava de posse da Capela de Maria Leitôa, em que entrava a horta e azenha dos Apóstolos.

Fez Martinho Leal uma pequena quinta com boa casa de campo e pomar de laranjeira, ao oriente da vila sobre a estrada de São Romão; a qual tem perpetuado e perpetuará o seu nome com o título fixo da Quinta do Martinho.

MARTINHO FILIPE MIGUENS

Natural de Évoramonte e filho do outro do mesmo nome e de Mariana Moniz Resende.

Em 1705, sendo já viúvo de Maria Monteiro Moniz, mete no Convento da Esperança a sua filha Micaela Teresa Miguens, ainda menor, para haver de professar com dote de 400 réis. Em 1706 casou com Maria Ferreira da Cunha por escritura, para sair cada um com o seu, não havendo filhos.

Almojarife de Cavalos em 1704. No triénio de 1705 - 8 foi Almojarife de Cavalos (intendente da remonta) em 1710 e familiar do Santo Ofício.

Exerceu o cargo de Vereador em 1712, 1724, 1727, 1730, 1734, e 1741.

Em 7 de Julho de 1725 foi votado para Capitão de Ordenanças da Companhia de Pardais e anexos, da qual tomou posse em 25 de Setembro de 1726.

Em 1732 compra um ferraqial à quinta da Cebola a Paulo Gomes da Silveira por 70\$ réis. Tinha casas e um telheiro. A isto juntou um recanto da Coutada e assim veio a formar-se a quinta das Casas Altas.

Em 1739 meteu nas Chagas a sua filha Mariana Rita do Espinho dando-lhe

a tia materna Francisca Maria da Conceição, freira no mesmo Convento.

Lavrador da Galharda de Bencatel, em 1748. Em 1749 aforou-lhe a lameira, o recanto da Coutada, que levava 50 alqueires de trigo em sementeira a 2\$ réis.

Faleceu a 23 de Maio de 1758 na freguesia de São Bartolomeu.

Era descendente de Vereadores, segundo li no cartório Municipal, mas de Evoramonte. Deixou estes filhos: Angela Margarida Morgado Verdelho; Vicência Joaquina Morgado; Ana Cândida; José Joaquim Miguens; João Filipe Miguens de Resende; Joaquim António Miguens; Guilherme António Miguens.

Foi este homem quem formou a Quinta das Casas Altas, anexando a uma horta antiga um recanto da Coutada dos Telheiros por aforamento que lhe concedeu a nossa Câmara e que a Junta da Casa de Bragança confirmou por Alvará (2.000 réis). No extremo do dito recanto edificou um prédio de casas com duas altas, donde veio o nome a Quinta assim ampliada.

Casou duas vezes: a 1ª com Maria Moniz; a 2ª com Maria Ferreira Cunha, viúva de Manuel Ferreira Penalva; e a 3ª em 1722 na Freguesia de São Bartolomeu com D. Josefa Dionísia Verdelho Morgado. Desta última que lhe sobreviveu, teve três filhos outros tantos filhos varões, os quais todos foram Vereadores, e têm por isso lugar distinto neste livro. Destes só José Joaquim casou, mas não teve descendência.

FREI MARTINHO DE SÃO PAULO

Era Frade Paulista; e foi quem promoveu a trasladação do Convento ou Provença do Amparo de Val Bom para o Rossio da nossa vila, fundando aqui um novo e mais grandioso Convento entre os anos de 1590 e 1613, (Oh! como ele e o seu continuador Frei José Galho choravam hoje lágrimas tristes, se ressuscitassem e vissem o camartelo a destruir o que eles com tanto sacrifício edificaram!...).

Frei Martinho era homem dum grande coração, assim como religioso de saber e virtude notáveis. Do contrário, não se meteria a fazer de esmolas uma obra de tanto vulto e despesa. Devia lutar com gravíssimas dificuldades, posto que muito o ajudasse o Duque de Bragança D. Teodósio II; e certo é que dotou a nossa terra com uma importante casa: razão porque inscrevo aqui o seu nome.

Gozava de muita consideração e estima da parte do Duque mencionado e

de sua mãe Senhora D. Catarina; e até refere a História Geneológica (Tom. 6, pág. 242), que falando com esta senhora, lhe dissera um dia: "*Vossa Alteza há-de morrer no mesmo ano que eu*"; o que se verificou, porquanto ele finou-se no 1º de Outubro de 1614, e a Duquesa D. Catarina em 15 de Novembro immediato seguinte.

Determinou em vida que o sepultassem à porta da sacristia do Convento que fundara para lhe ficar pertencente na vida e na morte; e os seus Frades, cumprindo esta sua última vontade, abriram-lhe na campa honroso epitáfio em versos latinos, já hoje muito apagados, como dito é no capítulo em que tratei do sobredito convento.

A Ordem Paulista declarou-se Venerável e colocou seu retrato no Convento da Serra de Ossa, onde ainda se vê com este: *Frei Martinho de São Paulo, fundador do nosso Convento de Vila Viçosa.*

Há dele uma carta manuscrita sobre o templo do célebre ídolo Endovélico, do qual se lê um excerto na Thebaida Portuguesa, como disse no cap. 8º da Primeira Parte.

Parece-me que era natural de Évora, porque no princípio do seu obliterado epitáfio está Évora, designando (salvo erro meu) a sua naturalidade.

Nos aniversários do seu óbito vinha uma Reputação do Convento principal da Serra e faziam-se-lhe ofícios fúnebres com solenidade todos os anos.

D. MARTINHO DE TAVORA

Filho de D. Manuel de Távora (Veja-se).

Foi Copeiro-mor do Duque D. Teodósio I (Hist. Geneal., Tom. 6, pág. 81) e sucedeu a seu pai na Alcaidaria-mor de Alter do Chão (Ibid. pág. 653).

Como seu pai veio servir a Casa de Bragança no tempo de C. Jaime supõe que D. Martinho nasceria já em Vila Viçosa.

MATEUS PEIXOTO

Licenciado e Desembargador do Duque em 1633. O Duque deu-lhe em 1633 uma pensão de 100\$ réis na Comendadoria de Santa Maria de Moreiras que va gara por morte de António de Abreu da Costa (Notas).

MATEUS SERRADAS DE FIGUEIREDO

Já vivia nesta vila em 1627, casado com D. Catarina de Sandim, irmã do célebre cónego de Évora. Tomé Alvares Velho e comprou a posse da herdade de Rui Vaz Marmeleiro, que partia com a Mimosa, do termo de Juromenha.

Mas em 1637 vivia em Monsaráz; comprou então umas casas ao fundo da rua de Estremoz no Castelo e Faceira oriental para ali assentar domicílio.

Era senhor da herdade Mulatinho ou Mulatinha, em que também tinha parte seu cunhado Tomé Alvares Velho.

Em 1640 (ano mais antigo a que remontam as actas das Vereações) era já o Vereador mais velho.

No ano seguinte foi eleito Capitão de Ordenanças. Em 1642 nomearam-no Superintendente das obras das trincheiras do Castelo e das entradas da vila, empreendidas para a tornar defensável em um acontecimento dos Castelhanos; e deixando este comissão por ser incompatível com o serviço de Ordenança (agora em tempo de guerra), veio a ser ainda investido nela em 1647, quando fora já reformado no dito posto.

Mas em 3 de Setembro de 1645, tendo El-Rei mandado criar nesta vila uma Companhia de Auxiliares a pé por Carta que em Câmara apresentou o Ouvidor de Amorim de Faria, apesar de ser avançado em anos, ele se ofereceu para capitão da nova Companhia, dizendo que - visto ele ter sido o primeiro Capitão de Ordenanças desta vila nomeado por El-Rei, queria ser também o primeiro de Auxiliares (Milicianos) que ele nomeasse. Não consta porém dos livros das Vereações se lhe foi aceite o oferecimento; e antes parece contrário, visto ser reformado na Ordenança em 1647, continuando apenas a exercer cargos civis e sedentários.

Tornou a ser Vereador em 1645, 1648, 1656, figurando assim, tanto na aclamação de seu filho D. Afonso VI.

Faleceu em 5 de Outubro de 1659. Não teve Descendência. A sua viúva passou a viver em Évora, na Companhia de seu irmão o Cónego Tomé Alvares velho e lá faleceu em 1661 ordenando uma capela de missa quotidiana em Santo Agostinho, administrada pelos frades. Foi testamenteiro o frade seu irmão.

Vê-se, portanto, que prestou não poucos serviços à Pátria comum e à sua particular.

MATIAS CORDEIRO DO TOURO

Dono da herdade de Pão-Mole em 1618 (Notas).

Alcaide pequeno em 1630. Casado com Cecília Fagunda da Costa. Teve ao Licenciado João Fagundes de Almeida (V.).

MATIAS DE SEQUEIRA DA SILVA

Capitão de Cavalos e dono da quinta da Provença em 1712.

Casou em 1723 com Francisca de Oliveira, filha de Francisco Martins e de Maria de Oliveira. Morava nesta vila em 1709.

MECIA PIMENTA

Florescia na segunda metade do século XVI.

Encontra-se o seu elogio de pessoa virtuosa no Jardim de Portugal, por Frei Luís dos Anjos, que a diz Calipolense e religiosa professa no Convento de Santa Cruz; e posto que eu não lhe encontro assento da sua profissão no Livro respectivo, pode ser que assim fosse, perdendo-se o dito assento: pois ordinariamente eram folhas avulsas, que posteriormente se colavam ou cosiam no dito livro. Refere mais o citado Frei Luís - ter ele empreendido uma peregrinação aos Lugares Santos da Palestina, donde não voltou por a ter arrebatado a morte em Alepo, na Siria (hoje Turquia Asiática).

Esta circunstância de sair a peregrinar tão longe faz-me duvidar de que realmente fosse Agostinha professa com voto de Clausura, parecendo-me antes uma irmã Terceira da Correia do mesmo Santo Agostinho.

Certo é porém, que fora mulher virtuosa e devota; pois faz também dele especial menção o Parnaso de Vila Viçosa no L. 2, cap. 65, com grande elogio, ainda que lhe altere o nome na peregrinação a Jerusalém.

MENDO RODRIGUES DE VASCONCELOS

Este nome apareceu já na história da fundação do mosteiro da Santa Cruz e na biografia da Madre Margarida de Jesus, sua fundadora e 1ª Priora.

Dizem os outros que era sacerdote e capelão, do Duque D. Jaime; e

deixou por sua morte, sucedida aí por 1522, as suas casas da Corredoura, para nelas se dar princípio a um convento de Freiras, visto não haver ainda nenhuma destas em nossa vila e terem de expatriarem-se as suas donzelas para seguirem a vida religiosa e enclausurada.

Seria, por ventura, descendente daquele Mem Rodrigues de Vasconcelos, comandante da Ala dos Namorados na batalha de Aljubarrota em 1385?

Pode ser: o nome e os apelidos são conformes.

MIGUEL ALVARES

Deste dá notícia o Padre António Franco na Imagem da Virtude em o Noviciado de Évora, a pág. 357.

Sendo estudante de 3ª classe na Universidade de Évora, entrou como noviço no Colégio da Companhia de Jesus da mesma cidade a 14 de Novembro de 1583; e viveu ali somente um ano e oito meses por ser vítima da peste, que então grassava pelo reino.

Seu pai chamava-se António Fernandes e sua mãe Brites Álvares.

O citado Padre Franco exaltava muito as suas virtudes morais e religiosas, como pode ver-se no seu esboçeto biográfico, para o qual remeto os leitores mais curiosos.

MIGUEL DE ANDRADE

Este era filho de um irmão da mãe de Simão Antunes, diz o Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 41, donde resumo esta notícia, sendo por isso mesmo o primeiro irmão de Manuel Franco, e todos três nascidos e criados no Castelo.

Seu pai chamava-se Filipe Franco e vivia ainda em 1618 com 94 anos de idade.

Miguel de Andrade teve a desgraça de cometer um homicídio, depois de 1601; por cuja razão se ausentou furtivamente desta vila; mas alcançando o perdão das partes e de El-Rei Filipe II, este o mandou para Capitão para a Corunha. Depois militou nas guerras de Flandres. Tornou à sua pátria. Em 1619 vendeu a André de Angerino uma vinha ao Barrinho Branco em paga dos serviços que lhe fizera durante 19 anos (Notas).

Casou com Ana Dias e vivia na Matriz em 1633.

D. MIGUEL AUGUSTO DA SILVA LOBO

Filho de Francisco Xavier da Silva Lobo, e nascido em Marvão no ano de 1833, quando seu pai era Governador desta praça.

Veio no ano seguinte para Vila Viçosa, onde o dito pai tinha a casa de seus maiores; aqui se criou e foi ainda meu condiscípulo de Primeiras Letras.

Seguindo como seus antepassados, a vida militar, assentou praça no Regimento de Artilharia de Elvas, e chegou ali ao posto de Sargento 2º. Como, porém, as promoções naquela arma são mais vagarosas, e além disso passava já melhor seu pai em Vila Viçosa, recebendo soldo de Major, resolveu transferir-se para Cavalaria 3, onde cursou os outros postos inferiores até Alferes.

Passando então à Guarda Municipal de Lisboa, foi subindo mais, conforme o seu merecimento de sorte que em 1880 já era Capitão de Cavalaria.

Em 1886 reformou-se no posto de Major.

MIGUEL AUGUSTO DA VEIGA

Filho de António José da Veiga (Veja-se); e nascido ali por 1830.

Depois de estudar Gramática Portuguesa e Latina na sua pátria, passou a Lisboa e frequentou a Escola Médico-Cirúrgica da mesma sorte que seu irmão José.

Ao regressar no fim do seu curso, veio casado com D. Maria Adelaide da Costa, natural da Ericeira, da qual enviuvou ao cabo de pouco tempo 1859; e como tivesse falecido o Cirurgião Francisco Lefirino Mendes, a nossa Câmara deu-lhe o diploma de Cirurgião do Partido da mesma por Alvará de 4 de Setembro de 1858.

Não estava já mal colocado; pois bastava achar-se na sua terra e junto de sua família, com bons créditos de clínico, para dever estar contente; mas ... (oh ambição dos homens tão insaciável por vezes!) vagando também o lugar de Cirurgião Ajudante de Cavalaria 3, deligenciou ser provido nele: e assim coube-lhes, como o mais novo do exército, acompanhar uma expedição à África logo depois (1860). Poucos meses lá viveu, que o não devorou a febre amarela, sendo viúvo e sem descendência.

Quem lucrou neste caso foi sua mãe, que ficou, por isso, pensionada com

24\$ réis mensais de soldo, e as irmãs, que sucederam à mãe naquela benesse. Contudo ouvi, que ela se carpia de soldo sobredito, dizendo que lhe dava pão amassado com lágrimas.

FREI MIGUEL GOUVEIA

Procedia de troncos nobres este nosso patricio, que professou o instituto dos Eremitas calçados de Santo Agostinho, e foi Lente de Teologia na sua Ordem.

Esta noticia é do Parnaso de Vila Viçosa; L. 2, cap. 56, onde vem o seu elogio.

Florescia nos fins do século XVI e princípios do XVII.

MIGUEL JOAO DE AZAMBUJA

Filho de António Lourenço de Matos Azambuja, (veja-se) e nascido na Matriz em Junho de 1814.

Foi Vereador em 1838; depois disso teve o cargo de Regedor da Freguesia de São Bartolomeu (1839) e o posto de Alferes da Guarda Nacional, que nunca chegou a organizar-se devidamente; pertenceu à Comissão Administrativa do Município em 1846 e foi eleito Vereador nas immediatas eleições para o biénio de 1846-47, da mesma sorte que Eleitor de Distrito nas eleições indirectas para Deputado.

Sucessivamente foi Juiz Ordinário ou substituto dele por muitos anos.

Tornou a ser Vereador nos biénio de 1858-63; e deixou de exercer este cargo mais anos por estar retirado na sua Quinta da Madre de Deus, em Bencatel.

Estudou Gramática Portuguesa e Língua Latina, ficando suficientemente instruído nelas e mostrando gosto pela última.

Casou em 1836 D. Maria Rosa da Silva, filha do médico João Vicente da Silva, de quem houve numerosa descendência. Os seus dois filhos mais velhos seguiram a vida militar. António Lourenço de Matos Azambuja foi promovido a Tenente de Cavalaria em 1883; e João Vicente da Silva Azambuja chegou somente a Sargento de 2º, empregado no picadeiro.

Miguel João de Azambuja nasceu com propensão para a agricultura; pois

adoptou com gosto a vida de lavrador e horticultor, e enxerta com grande perícia.

MIGUEL DE OLIVEIRA

Ficou prisioneiro na batalha de Alcácer Quibir, em 1578, onde acompanhava o jovem Duque D. Teodósio II, como criado que era, da Casa de Bragança (Parnaso, L. 2, cap. 33; e Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 310).

MIGUEL DE OLIVEIRA GUIMARÃES E CASTRO

É o nome daquela célebre Ouvidor, que por mais de trinta anos se conservou nesta vila o seu cargo, sem exemplo igual; isto é desde 21 de Junho de 1747 até 17 de Julho de 1778.

Era casado com D. Clementina Maria da Silveira. Em 1777, dotavam a seu filho Dinis Francisco de Oliveira com a herdade de Val de Simão em Montargil, para se ordenar de Sacras. Rendia 40\$000. Era escravo Mesário em 1779.

Muitas vezes, porém, se ausentou com licença para Montargil, onde tinha casa, talvez por ser natural daquela vilória.

Houvera, por último, o acrescentamento de Desembargador da Relação de Lisboa.

O principal motivo, porque registou o seu nome com reconhecimento, é por lhe dever a nossa terra, não pouco, enquanto superintendente da fundação dos modernos Paços do Concelho e Cadeia anexa, contribuindo poderosamente para a perfilhação que tem.

Além disso agradeço-lhe a lembrança de mandar registrar nos Livros da Câmara um memorial dos efeitos do terramoto de 1755, principalmente na Igreja Matriz. Se não fora esta sua lembrança Careceríamos de um relação exacta daquela catástrofe.

Este homem é um dos muitos a quem as delícias da nossa formosa vila têm conseguido cativar, como as de Cápua cativavam o Anibal... Não se atreveu jamais a deixá-la; e assim cá morreu, sendo freguês da Matriz, a 16 de Junho de 1786. Teve sepultura na Igreja da Esperança.

Era casado com D. Clemência da Silveira que enviuvou em 1756 de D. Ana Peregrina.

Tinha em 1783 três filhos que viviam recolhidos no Convento de Santa Catarina de Evora, chamadas D. Maria Benedita da Piedade; D. Maria Vitória da Piedade, as quais sem licença para se emanciparem. Era então Vogal do Concelho Ultramarino.

Tinha mais, em 1790, ao Padre Frei João Teotónio de Amorim Oliveira e Castro, que era Prior de Vila Boim; e ao Padre Francisco de Amorim Oliveira e Castro, que era Capelão-Cónego da Real Capela desta vila. Este último duou ao irmão 15\$ réis anuais impostos na herdade de Val de Simão porque se ordenara a título de benefício e provavelmente quis renunciar.

MIGUEL RAMALHO DA SILVA

Era Calipolense e filho de Manuel Ramalho e de Leonor da Silva e baptizado na Matriz em 1637. Casou em 1658 com Filipa de Abreu, filha do Tabelião Francisco Gonçalves Durães e de sua mulher Maria de Abreu. Em 1662 era escrivão do Judicial e Tabelião em 1665.

Quatro anos depois serviu o cargo de Procurador do Concelho sem o apelido materno.

Em 18 de Outubro do mesmo ano de 1666 passou ao posto de Capitão de Ordenanças, depois de ter sido Alferes desde 15 de Junho de 1658.

Foi também almoxarifado da Casa de Bragança.

Nos anos de 1677 e 1679 teve o cargo de Vereador sendo já então o Fidalgo da Casa de Sua Alteza D. Pedro II (E a dizerem que antigamente não se elevavam os filhos do povo ... Mentira!).

Capitão de infantaria em 1678.

Ainda vivia em 1706, porém muito velho e chacado; e por isso pediu a sua demissão do posto de Ordenanças no dito ano. Faleceu a 13 de Agosto do ano seguinte.

Tudo isto conta do cartório municipal e registo eclesiástico.

A sua viúva ainda vivia em 1726.

Dono de Cascalhais, segundo uma escritura de 1726, deixou estes filhos: Domingos Mendes de Couto; António Ramalho da Silva; D. Maria de Abreu; D. Francisca Xavier da Silva; e D. Josefa Maria.

MOR VAZ

O seu testamento está registado no Tombo 1º da Misericórdia. Foi casa da primeiramente com Jorge Gomes e depois com o tabelião Gonçalo Lourenço que faleceu sem descendência em 26 de Julho de 1552.

Deixou à Santa Casa um quinhão na Faia de Norte de Bencatel, era irmã de Margarida Bispa, viúva de João Domingues.

Mandou sepultar-se em Santo Agostinho na cova do seu primeiro marido.



NARCISO ANTONIO MONTENEGRO

Mercador de roupas em 1803.

Tabelião de Notas e escrivão do Juizo Ordinário em 1835-50.

NICOLAU D'ALMEIDA VALEJO DE MÁRIS

Era filho de Jerónimo Valejo de Máris 2º (Veja-se); e baptizado na freguesia de S. Bartolomeu a 4 de Julho de 1683.

Foi Vereador em 1743, 1749, 1752 e 1753; ano em que faleceu; mas consta estar já vivendo nesta vila, como capitão reformado, em 1737. Pertencera ao Regimento de Cavalaria de Olivença e tinha o Hábito de Cristo.

Casou duas vezes, a primeira com D. Jacinta Maldonado da qual teve a D. Luísa Inácia Vitorina, que entrou para o Convento da Esperança, em 1744 para haver de professar com dote de 460\$ réis para tudo e 2 jantares, um na entrada e outro na profissão. Ao primeiro matrimónio teve tan bém a Jerónimo d'Almeida Valejo de Máris 3º.

Do segundo matrimónio com D. Mónica Francisca de Matos Mexia Coutinho de Melo, filha de Bento de Matos Mexia, nasceu Bento em 1729, Francisco Cândido d'Almeida Valejo de Máris em 1736.

Descendia por sua avó D. Jerónima, dos antigos Valejos, que eram Fidalgos da Casa de Bragança. Deixou estes filhos: Francisco Cândido, já capitão de cavalos em 1771; Policarpo de Almeida Valejo; (Bento Francis-

co) Tenente; D. Maria Maurícia e D. Ursula Clemência).

Algumas destas noticias são de um manuscrito antigo, que me forneceu D. José Xavier da Silva Lobo, seu 3º neto.

A sua primeira mulher, D. Catarina Jacinta da Silva Maldonado, natural de Portalegre, que faleceu no ano de 1727 e foi sepultado em S. Paulo; mas ultimamente vivia na casa da rua dos Fidalgos, que está perto das Chagas. A viúva D. Mónica tomou de aforamento fateusim as casas nobres da rua dos Fidalgos que estavam aforados por vidas em 1769.

NICOLAU DE ANDRADE FREIRE

Fidalgo da Casa de Bragança, casado com D. Isabel de Brito. Faleceu a 20 de Novembro de 1590. Jaz nas Chagas em sepultura própria.

NICOLAU DA SILVA DE AZEVEDO

Tabelião em 1749, 1753.

Casado com Brazia Maria da Cunha em 1776.

Passou a Monforte poucos anos depois. Em 1780 aboliu a capela que lhe deixara seu primo Guilherme da Silva Carvalho.

NICOLAU DA SILVA CARVALHO

Era Almojarife do Estado nesta vila ou recebedor do Concelho.

Em 3 de Julho de 1720 foi votado para Capitão de Ordenanças; em 1721 almojarife da Casa de Bragança; e em 1744 passou a Sargento-mor do mesmo corpo.

Já cá estava em 1719 e era Juiz da irmandade de S. Francisco Xavier. Em 1722 comprou a D. Maria de Miranda e Pina a 400\$ réis as casas nobres da rua dos Fidalgos onde tinha estado o Colégio dos Jesuítas.

Faleceu em 1748 a 14 e teve sepultura da capela dos Terceiros. Era pai de Guilherme da Silva Carvalho, que lhe sucedeu no posto militar. Parece que era natural de Arronches e couteiro de cavalos na Casa de Bragança.

NICOLAU DA VEIGA

Comendador da Ordem de Cristo em 1588 (Notas).

Era Comendador de S. Bartolomeu, de Rabal, que lhe vendia 45\$ réis, ca-
sado com Isabel Mendes de Azevedo em 1601 (Notas).

Tiveram a Francisco Serrão da Veiga, deixou a D. Brites da Silva e D.
Maria de Azevedo, ainda solteiras em 1624.

Outro filho, Jorge da Veiga morreu assassinado; ficando culpado em sua
morte Pedro Lobo Tanazes e outros (Notas).

Nicolau era irmão de Fernão da Veiga.

NUNO ÁLVARES PEREIRA

Era filho do Duque D. Teodósio I e tinha na sua corte o Ofício de
Pagem dos livros (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 81).

Creio que era dos Pereiras, Condes da Feira.

NUNO (AUGUSTO?) DE BRITO TABORDA

Engenheiro, filho de Bento Galano de Brito Taborda, capitão de cavala-
ria 2.

Natural da freguesia de Salvador de Santarém e de D. Antónia de Almei-
da Valejo, da Matriz de Borba.

Nasceu em S. Bartolomeu a 22 de Abril de 1823.

NUNO FERNANDES MORAIS

Este Calipolense batalhou em Arronches contra os Castelhanos, correndo
o ano de 1384, às ordens do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, e traba-
lhou muito nessa primeira guerra da nossa independência nacional.

Era rico, e assim, quando faleceu, deixou uma fortuna de sessenta mil
cruzados, com os quais tornou abastados seus filhos e netos.

Chegou a ser fronteiro ou Capitão da comarca do Alentejo, e foi um dos
ascendentes de Francisco de Moraes Sardinha, autor do Parnaso de Vila Vi-
çosa, de resumo esta notícia (L. 2, cap. 42). Diz ali também o citado au-
tor que os Moraes são das famílias mais antigas de Vila Viçosa, remontan-

do até o tempo de El-Rei D. Dinis que em certa ocasião de receios da guerra com Castela, dissera junto ele: Não tenho medo: lá estão os Moraes de Vila Viçosa e os Lobos de Olivença!

Da Crónica de D. João I por Fernão Lopes, Parte 2ª, Pág. 39, consta ainda que este Nuno Fernandes de Moraes fora, com outros muitos, armado Cavaleiro por D. João I no fim da batalha de Aljubarrota, a qual tinha assistido.

Foi contemporâneo do célebre Alvaro Gonçalves Coitado.

NUNO LOPES NETO

Calipolense, irmão dos Doutores Cosme, Manuel e Fernão, todos Lopes Neto. Se não illustrou a sua familia tanto como seus irmãos, foi, porque no meio da sua carreira literária teve uma enfermidade, que o deixou paralítico da cintura para baixo, de forma que nem com moletas se podia bu lir, diz o Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 55, donde extraiu a sua notícia.

Mas ainda assim, acrescenta o mesmo Parnaso, tornou-se uma excelente gramática, bom filósofo, e tão versado no Grego, que parecia ter nascido na Grécia antiga.

NUNO MACHADO DO CAMPO DE SANDE

Vereador em 1588 e 1602 (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 76).

Era Fidalgo da Casa de Bragança, comendador da Ordem de Cristo, e senhor da casa da Corredoura, que tinha à esquina um brasão com 5 machados, como filho (salvo erro) de Francisco Machado que lhe succedeu na casa e no morgado que ele instituiu de sua tença na herdade da terrugem, que vendia 15 moios de pão, fora as propinas, e na do Machado de Bencatel.

Neste morgado, à falta de sucessor legítimo, poderia suceder Cristóvão Galho, menor, que se criara em sua casa, o qual casou e teve descendência, chamando-se Cristóvão Machado Galho.

Fora ultimamente Tesoureiro do Duque.

Faleceu em 1617, a 19 de Maio e mandou sepultar-se na capela-mor de Santo Agostinho, onde jaziam seus pais e avós (diz ele em seu testamento que fecha o Tombo 2º moderno da Misericórdia).

Houve no tempo da Guerra da Restauração outro Nuno Machado, que era Capitão do exército em 1665 e faleceu na freguesia de São Bartolomeu em 1712, sendo sepultado no Convento de Montes Claros.

Este era filho de Cristóvão Machado Galho. Chamava-se Nuno Machado da Silveira. Em 1668 arrendou a sua herdade da Mouteria na Ourada, a qual vendeu no ano seguinte.

NUNO MACHADO DA SILVEIRA

Filho de Cristóvão Machado Galho. Capitão de Infantaria, em 1665.

NUNO MASCARENHAS DE BRITO

Filho de Estevão Mascarenhas da Gama e de D. Rodrigues baptizado em São Bartolomeu a 5 de Fevereiro de 1663. Foi Inquisidor do Santo Ofício de Coimbra, de que tornou juramento em 2 de Dezembro de 1705 a ocupar a segunda cadeira de Inquisidor no Santo Ofício de Évora; mas tinha já a primeira deste Tribunal quando faleceu em Outubro de 1717 (Colecção de Doc. e Mem. da Acad. de Hist. Portug. Tom. 3, pág. 427 e 484).

Seguiu a vida eclesiástica.

Por escritura de 17 de Julho de 1684 contratou com seu irmão morgado Pedro Mascarenhas da Gama renunciar as legítimas de seus pais, dando-lhe o dito irmão 100\$ réis para o seu sustento em Coimbra e alimentando-o em férias em sua casa; e não querendo estar em sua casa dar-lhe-ia 105\$ réis em dinheiro e 1 moio de trigo.

NUNO MENDES SANCHES

Casado. Médico nosso em 1642 e 1651. Neste ano ele e sua mulher fizeram dote a sua filha Ana Mendes para ser freira nas Chagas. Era casado com Maria Lopes. O dote constou de foros e censos nos termos de Borba e Estremoz. Teve também a João Mendes Sanches (1656).

NUNO RODRIGUES DE AZEVEDO

Casado com Joana Pacheca. Em 1625 estava ausente no Perú de Castela,

donde mandou em 1616 uma letra de 54\$ réis para receber em Sevilha a dita sua mulher (Notas).

Faleceu em 1624 em Granada de Nicarágua de Indias.

Deixou estes filhos: D. Catarina que casou com Luís de Abreu de Melo e Manuel de Azevedo. Teve também a Isabel Sanches que casou com o Licenciado Francisco Soares.

NUNO RODRIGUES DE AZEVEDO

Licenciado em Leis, já em 1629. Era filho do licenciado Francisco Soares, e resto do precedente.

Casado em 1634 com Inês de Aires. Era irmão de Manuel Soares de Azevedo.

Vivia em 1638 e 1643. Advogado em 1647 e 1650, sendo casado com Maria da Costa de Alcamim.



OVIDIO HONORATO BIGA

Filho de Francisco Antônio Biga, Pineque de alcunha e solicitador forense ou agente de negócios.

Depois de ser amanuense da Administração do Concelho, abriu uma escola particular de ensino primário, que foi logo muito frequentada; e como falecesse em 1878 o professor público José Bento Moreira, obteve que lhe dessem o lugar dele, ainda que provisoriamente.

Goza de bens créditos, como professor diligente com aproveitamento de seus discípulos.

Casou com Filomena Ferreira, natural de Borba e filha de Inácio Antônio Ferreira, da qual não teve descendência.



D. PASCOELA DA CUNHA DE ALMEIDA

Em 1678 sendo açafata do Príncipe Regente veio a esta vila cumprir um voto, à senhora da Conceição; e resolveu deixar-se cá ficar recolhida no Convento das Chagas, onde tinha freira professa uma sobrinha, filha de seu irmão Pedro de Almeida de Betancor, a qual se obrigou a dar ao Convento 40\$ réis anuais da Comedoria.

Era neta de António de Figueiredo Almeida. (Veja-se).

D. PASCOELA DE GUSMÃO

Eis o nome daquela Fidalga, tão conhecida no seu tempo, que deu a uma das ruas situadas entre as terceiras de D. João e da Fonte Grande, o seu próprio nome.

Dela fez menção a História Geneológica dizendo que era Dama da Duquesa D. Catarina e quem lhe tomava a cauda, quando a mesma senhora em 1580 foi a Vila Boim para cumprimentar a Filipe Prudente, que entrava a tomar posse deste Reino.

Morava no Terreiro de D. João por baixo da rua da Pascoela, casas que depois passaram a João de Tovar Caminha, Alfredo Vaz de Caminha, Jerónimo de Melo de Castro e outros até virem a ser ultimamente de estalagem.

Era filho de D. Vasco Coutinho, (neto do 1º Conde de Marialva) e de D. Joana d'Eça, filha de D. Garcia d'Eça irmão do nosso Alcaide-mor D. Fernando d'Eça 1º aquele que deu o nome ao Terreiro de Dom João.

Do registo Paroquial da Matriz consta, que D. Pascoela casou com Pedro de Andrade Caminha, também Fidalgo ilustre da Casa de Bragança, e teve dele muitos filhos depois do ano de 1580. Teve D. Pascoela um filho de nome João Caminha de Andrade o qual embarcou para a Índia, indo também, segundo parece, a mãe. Isto consta duma procuração do sapateiro Gaspar Sanches, a António de Melo, ambos em Lisboa, para lhe cobrar uma dívida do calçado que o Caminha lhe devia e constava dever ser lá pago por alguém.

Numa escritura de 25 de Janeiro de 1589, em que ela e seu marido nomearam procuradores no Porto, vejo que se assinava Paschoala em letras

bastardas de um centímetro de altura.

PAULO CORREIA DE MONTENEGRO

Juiz da Confraria do Rosário do Espirito Santo, em 1618 (Notas).

FR. PAULINO DE VILA VIÇOSA

Professou a Regra de São Francisco no Convento da Piedade da sua Pátria sendo portanto, Frade Capucho.

A Crônica da Província da Piedade, escrita por Fr. Manuel de Monforte, donde extraio esta noticia, exalta as suas virtudes e admiráveis penitências, dizendo que não comia carne, ainda a instância dos médicos, e apenas se alimentava com caldo, ervas cozidas e frutas.

Passou à India Oriental, onde com zêlo incançável pregou o Evangelho aos gentios, colhendo copiosos frutos. Ali foi nomeado Comissário dos Frades Menores; e conservou este cargo três anos; findos os quais voltou ao Reino.

Finou-se no Convento do Bosque em 1592; e ali teve sepultura.

PAULO COELHO DE ABREU

Casado com D. Filipa da Cunha em 1613 (Notas). Era cunhado de Diogo Cunha recebedor no Brasil no lugar de Boipeba em 1631, e compõem-se ambos sobre o morgado instiuído por Filipe Trinchôa, em que o segundo alcançara sentença a favor de sua mulher; e pagando a Paulo as despesas do livramento na causa da morte de Sebastião Banha, em que Diogo ficava culpado.

(Nota de 2 de Março de 1631).

PAULO CORREIA MONTENEGRO

É o nome de um burguês que parece frequentemente nas notas de 1608 e anos seguintes.

No dito ano vendeu por 30\$ réis uma escrava índia, chamada Jerónima, a Lopes Vaz, ferreiro do Duque, homem cujo nome figura também muito em es-

crituras de arrematações e fianças de rendas públicas, sendo morador no Rocio de São Paulo, segundo prédio por baixo da rua do Alandroal, ou Aldeia de baixo perto da fonte.

PAULO CORREIA VELHO

Já clérigo da missa em 1674; depois lavrador; Tesoureiro da Confraria da Conceição em 1687. Dava Capitais a juro (até 800\$ réis). Lavrador em 1702.

Instituiu uma capela de missa quotidiana, administrada pela Régia Confraria de Nossa Senhora da Conceição, dotando-a com bens, entre os quais figuravam muitos prédios de casas, sitos na rua de Santa Luzia, onde morava e onde faleceu a 19 de Dezembro de 1718.

Penso que foi ele que fez o arco da rua de Santa Luzia porque as casas tinham um foro de 8\$ réis à capela por ele instituída; e já se menciona este arco, na venda que Francisco Ferreira de Campos fez destas casas em 1758.

Era Calipolense e sacerdote; e teve o ofício de Tesoureiro da sobredita Confraria.

PAULO GOMES DE LEAO

Foi Procurador do Concelho em 1676 e 1680.

Era filho de Francisco Gomes, Corta-Largo de alcunha e de sua mulher Ana Rodrigues. Licenciado em cirurgia ou medicina. Casou na Matriz em 1673 com Guiomar Gomes, filha de João Martins e de Isabel Gomes.

Era falecido em 1717 sobrevivendo-lhe a mulher.

Deixou descendência e dele procedeu Frei Bernardo Gomes de Leão, Prior de São Bartolomeu em 1718-34.

PAULO GOMES DA SILVEIRA

Já casado com D. Teresa Maria da Silveira em 1698. Morava na rua Antó nio Homem (ou de José António d'Almeida?).

Tão habilidoso era para desenho e ornatos, que a nossa Câmara em 1699 o nomeou director das decorações da vila na recepção de D. Catarina, Ra-

inha de Inglaterra e nossa patricícia.

Em 1701 era escrivão do almoxarifado da Casa de Bragança. Escrivão do judicial em 1707.

Era ele ainda então muito novo; e só mais tarde o encontramos sentado nas cadeiras da Vereação (1717, 1719, 25, 28, 32, 36, 42, e 1745).

Neste último ano (1745) protestou contra a formação das pautas de Vereadores para os três anos seguintes, por conterem nomes de indivíduos não naturais de Vila Viçosa.

Em 1721 dotou a sua filha D. Rosa Freire da Silveira para casar com Jorge Ferreira de Carvalho. Dote: 40\$ réis anuais e 1 moio de trigo; e por morte dos dotados 700\$ réis entrando a legítima.

Era filho do dr. João Gomes da Silveira e de Isabel Gomes Freire; e casou em 1730 com Catarina Maria de Gusmão, filha de João de Gusmão e Angela Cordeira de Carvalho, sendo já viúvo de D. Teresa Maria da Silveira, de quem teve a José António da Silveira e Couto.

Faleceu a 17 de Abril de 1747 na freguesia de São Bartolomeu. Era ultimamente casado com Catarina Maria de Gusmão, a qual fez partilhas com os enteados em 1748.

PAULO LOPES DE FIGUEIREDO

Foi Vereador em 1714, 1720, 1722 e 1723. Em 2 de Outubro de 1723 foi investido no exercício do posto de Capitão de Ordenanças.

Era filho de António Lopes Valente, natural do termo da Sertã; casou a primeira vez em São Bartolomeu no ano de 1700 com Francisca Rebelo; e enviuvando, passou a segundas núpcias em 1710 com Catarina de Andrade.

Seus filhos Inácio Lopes de Figueiredo e Bernardo Lopes de Figueiredo, dotam-se em 1725 para serem clérigos.

Faleceu em 1738 a 19 de Maio e teve sepultura em S. Paulo.

Em 1705 foi padrinho de um filho seu na paróquia de S. Bartolomeu, o dr. Paulo Lopes de Figueiredo, que devia ser seu tio materno.

PAULO NUNES MAGRO

Já era cantor do Duque em 1621. Casado com Leonor Pirita em 1622. Em 1628 compra um quinhão de casas na Aldeia, que partiam com outras suas.

Em 1640, ele e sua mulher estavam condenados a pena corporal (sic) e pecuniária pela morte de António Cordeiro, lavrador que ele efetuou a rogos da mulher, como consta da escritura de perdão que lhes deu a filha do morto, Maria Cordeira, em 14 de Dezembro, figurando nisso o célebre espingardeiro José Cordeiro, que suponho ser irmão do assassinado. Mas talvez lhe valesse a revolução do ano de 1640 pois vejo que acompanhou depois a corte para Lisboa e lá viveu muitos anos.

Essa morte sucedeu em 1639, pois segundo uma procuração sua mencionada em nota de 1641, já em 15 de Agosto de 1639 estavam presos em Lisboa marido e mulher.

Era procurador do Concelho em 1631 e nessa qualidade protestou contra o tributo do bagaco da azeitona que Filipe IV de Castela chamava parabenefício do Estado (L. 1 dos Reg. da Cam., fl. 137 e sg.), como tributo e imposição nova não aceita pelos povos em cortes ou por comentário tácito dos mesmos.

Este protesto foi por mim arquivado no Tomo I, cap. 54.

Em 1641 fez El-Rei mercê do ofício de alcaide pequeno em Borba: ofício que ele arrendou logo por 18\$000 réis anuais a Maria Cordeira.

Em 1647 era morador na rua Nova da Praça dos homens de (.....) e músico da Capela Real de Lisboa, como consta de procuração que deu para cá ao requerente António Gonçalves Carvalho para ele vender uma courelas de vinha que possuía no sítio do Carvalho. E vivia também lá sua mulher.

Em 1651, sendo já viúvo mandou vender cá umas casas altas e baixas com seu quintal no arrabalde de S. Sebastião na Aldeia dos Buqios, que eram as da sua residência noutra vila. Partiam com lagar de uvas dos frades a S. Paulo.

Casou em 1615 na Matriz com Isabel Mendes. A família dos Magros era numerosa e bem estabelecida já no século antecedente, como vejo em muitos documentos.

PAULO REBELO DE FIGUEIREDO

Em 11 de Outubro de 1752 foi eleito capitão de ordenanças, tomou posse deste cargo a 10 de Fevereiro do ano seguinte; e falecendo a 13 de Dezembro de 1783, foi sepultado em Santo Agostinho como irmão dos Passos.

Era filho de André Rebelo, cerieiro e tesoureiro da Confraria dos Escravos faleceu em 1747 e de sua mulher, Francisca Maria de Figueiredo.

Era sobrinho de Paulo Lopes de Figueiredo e do dr. Manuel Rodrigues Rebelo.

Casou na Matriz em 1742 com Rita Nery do Espírito Santo, o que lhe sobreviveu, até o ano de 1811 e era irmão do dr. João Lourenço Canhão.

Paulo Rebelo não deixou sucessão. Vivia em 1789. Era falecido em 1794 (atrás se diz - 1783). Teve uma filha de nome D. Ana Delfina Rosa Rebelo a qual casou com o cirurgião militar de província João Carvalho que enviuvou em 1802 ficando-lhe os seguintes filhos menores: José Bernardo de Carvalho, Rosa Rebelo de 11 anos; António José de Carvalho Rosa Rebelo de 8 anos; D. Mariana Delfina de 12 anos; Joaquina tutora. Morava na casa de João de Tovar à esquina de Santo Agostinho, donde veio chamar-se-lhe em nossos dias Casa do Carvalhinho.

Foi um dos fundadores da Irmandade da Lapa. Sucedeu ao pai no ofício do tesouro da confraria dos Escravos, cargo que exerceu por muitos anos toda a vida.

Morava no Terreiro do Patacão ao fundo da rua da Praça, casa que a sua viúva Rita Nery vendeu em 1808 ao cônego A. Calado da Silva, por 650\$ réis.

PAULO RODRIGUES COCHEIRO 1º

Era filho de Vitoriano Rodrigues Cocheiro e de Doroteia de Aguiar. Casou em 1637 com Antónia Girôa, filha de Gaspar Girão e de Jerónima Rodrigues.

Escrivão dos Órfãos em 1625. Tabelação de notas em 1636. Procurador do Concelho em 1626 e 1639; e recenseado em 1641 para dar cavalo para a companhia de ordenanças montada por estar em boas circunstâncias.

Em 1606 vivia na Matriz casado com Brites Mendes e teve sucessão a Antónia Girôa.

Procurador do Concelho em 1630 e 1635 casado com Francisca Correia.

A família dos Cocheiros era antiga em nossa vila e continuou depois deste.

Assim, entendo que o título de Cocheiro dado a um distrito de vinhas do poente da nossa terra, vem de uma fêmea desta geração.

Teve um filho chamado André Mourão de Aguiar, que foi tabelião porque o pai lhe comprou o ofício a Maria Vicente por 200\$ réis em 1637 e falecendo este em 1654, sendo o pai vivo tornou a requerê-la com o fundamento de o ter comprado.

PAULO RODRIGUES COCHEIRO 2º

Em 1699 era soldado da companhia do 10 Conde das Galveias.

Foi Vereador em 1703 e vindo outra vez pautado para 1712, não pôde servir por qualquer causa.

Em 1711 era sargento-mor do Regimento de Cavalaria de Beja, segundo uma procuração que lhe passou sua irmã Maria do Sacramento, freira em Santa Cruz.

Em 1720 exerceu o cargo de procurador do Concelho em vez de João Martins Santinhos, que viera pautado, mas estava domiciliado já em Évora (Aqui há confusão de pessoas).

Devia ser neto do precedente do mesmo nome.

Dr. Paulo Rodrigues Cocheiro era filho do padre José Monteiro de Sá que houve de sua tia Antónia Teresa de Sá Girão as capelas instituídas por seu avô Amador Monteiro.

PEDRO DE ABREU DA SILVA

Fidalgo da Casa de El-Rei. Em 1601 era casado com D. Luísa de Melo, filha de Duarte de Abreu da Silva, fidalgo da casa de El-Rei (notas).

Era sobrinho de Margarida de Almeida, mulher de Estevão Ribeiro Raposo e creio que neto de Cristóvão de Mures Gançoso.

Tinha parte na herdade de Barrancos, junto a S. Miguel, a qual arrendou em 1602, juntamente com o dito Estevão. Tinha também a herdade de Lucas em Terena com o dito Estevão.

Em 1603 possuía a herdade do Forte da Estrada de Bencatel, que ele arrendou no mesmo ano. foi nisto que veio a formar-se a Aldeia de Bencatel. Não deixou descendência e por isso o seu morgado instituído por Pedro de Mures passou aos Mascarenhas.

Julgo ser bisneto do dito Pedro de Mures. Em 1704 residia na sua defesa de Terena, a de Lucas, depois tomou a esta vila.

Sua mulher D. Luísa era sobrinha por sua mãe de Francisco de Figueiredo, que fizera duas viagens a Maluco e lhe deixava os seus serviços; e por isso dispunha-se ela para requerer mercê de El-Rei pelos ditos serviços.

Parece-me ser falecido em 1614, sem sucessão.

PEDRO AFONSO

Alcaide-mor da nossa vila em tempo de El-Rei D. Afonso IV (1338).

Assim consta do tomo 7 da Monarqu. Lusit. pág. 389.

PEDRO DE ALMEIDA DA CUNHA

Foi filiado pelo Duque no foro da mesa da sua Câmara em 1638 e ele obrigou-se a tal serviço com anuência do seu curador Paulo Nuno Magro.

D. PEDRO DE ALMEIDA PORTUGAL

General da província em 1806 e 1807. Esteve cá nesta época e pôs aqui o quartel general da província. Organizou o simulacro da batalha de Austerlits na herdade da Abobreira (Ciladas) e beneficiou o Largo do Carrascal aformaseando-o como dito na crónica.

Tinha cá por médico e mestre dos filhos a (?) Caratery a quem no ano de 1807 fez doação de muitas terras em Almeirim, ficando somente obrigado a pagar pouco aos seus sucessores se ali formasse fazendas de novo.

Era vivo em 1807 arrendando parte dos seus prédios rústicos em Almeirim por 2:000 réis.

PEDRO DE ALMEIDA VILALOBOS

Vivia em 1588, sendo viúvo e fidalgo da Casa Real (notas) e porteiro da Câmara do Duque. Tinha um moio de trigo na mitra de Évora por mercê do arcebispo D. Teodósio (notas).

PEDRO ALVARES SANCHES

Florescia na segunda metade do século XVI este calipolense, formado em leis na Universidade de Coimbra; o qual veio a ser juiz de Fora, presidente em várias Alçadas, Desembargador dos Agravos e vereador na cidade de Lisboa. Teve dois filhos, também ilustres por sua posição social: 1º o dr. João Sanches, que frequentou a Faculdade em Coimbra, sendo aluno do Colégio de São Paulo e depois foi ali um acreditado Lente e em 1618 era desembargador da Misericórdia do Porto; 2º Bento de Baiena que também se formou em leis e passou a Goa por desembargador.

Faltam aqui as notícias posteriores ao ano de 1618, que Morais escreveu o Parnaso de Vila Viçosa, donde tirei as precedentes (L.2, cap. 57).

Posso acrescentar alguma coisa. O dr. Pedro Alvares Sanches foi casado em segundas núpcias com Maria de Baiena de Barbuda; e houve dela também duas filhas chamadas Soror Isabel de Jesus e Soror Leonor do Nascimento, ambas freiras na Santa Cruz e professoras - aquela em 1602 e esta em 1605 ambas eram naturais de Pinhel onde provavelmente estivera seu pai exercendo o cargo de Juiz de Fora.

Já em tempos mais atrasados tivemos em Vila Viçosa outro Pedro Alvares Sanches casado com Guiomar Rodrigues e pai de Soror Leonor das Chagas, professa no mesmo convento em 1544.

Devia ser próximo parente do sobredito. Esta família dos Sanches teve princípio num castelhano que veio de Albuquerque, cerca do ano de 1510 e se chamava D. Gil Alvares Sanches, este já foi bisneto o dr. João Sanches, que se passou a Lisboa.

Estas notícias foram-me comunicadas pelo dr. Visconde de Sanches Baena. 6º neto do sobredito dr., e que houve mexida em Benfica no termo de Lisboa.

PEDRO DE ANDRADE CAMINHA

Fidalgo do Duque D. Teodósio II e casado no ano de 1580 com D. Pascoela de Gusmão (veja-se).

Creio que era filho de Afonso Vaz Caminha. Faz menção dele Diogo de Couto na Dec. 8, cap. 280, dizendo, foi Francisco de Miranda, filho de Martim Afonso de Miranda morto na Índia em 1568, casada com uma filha

sua que se chama D. Mariana Coutinho, porque D. Pascoela era Coutinha, como filha de Vasco Coutinho e irmã de D. Luís Coutinho, que foi à Índia por Capitão-mor.

Foi poeta lírico e discípulo de Francisco de Sá de Miranda em poetizar.

Dele faz menção José Simões Dias no seu compêndio Curso Elementar de Literatura Portuguesa, dizendo natural do Porto, e afirmando que servira o infante D. Duarte. Por isso mesmo, pois passou a Vila Viçosa quando a filha D. Catarina casou com o Duque D. João I. Foi provedor da Misericórdia em 1588-89.

Faleceu na fazenda de Bartolomeu onde vivia a 9 de Setembro de 1589, segundo o Dic. Bibliog.

PEDRO ANTÔNIO PAZES VIEIRA DA SILVA

Filho de Manuel Fernandes Pazes, mestre dos oleiros da Casa de Bragança.

Herdeiro do padre Manuel Pazes da Veiga e de Inês Vieira da Silva. Recebedor das sisas dos bens de raiz em 1780.

Foi procurador do Concelho em 1777, 1780, 1784 e 1787; e almoxarife do castelo.

Casou em São Bartolomeu no ano de 1750 com Maria Jacinta Pais de Andrade e Biga, de Borba, filha de João Pais e de Isabel Maria Rita de quem houveram as casas do Terreirinho da herdade das Vaqueiras, viradas para norte (1754).

Não deixou filhos sobreviventes, mas estimando muito uma afillhada sua chamada Francisca Vitória, doou-lhe os seus bens juntamente com sua mulher, para casar com José de Torres Vaz Frade.

Faleceu em 10 de Janeiro de 1806.

PEDRO ANTÔNIO DE SOUSA DE BRITO

Filho de Manuel Antônio de Sousa, e herdeiro presuntivo da casa de Pedro de Sousa de Brito 1º. Vivia em Vila Viçosa, sendo já casado, mas sem descendência, quando a morte o surpreendeu a 28 de Outubro de 1722. Foi sepultado no jazigo da sacristia de S. Agostinho. Seu pai faleceu pouco

depois em Braga, vindo assim a suceder nos morgados Tomé José de Sousa, seu irmão imediato.

Morava já cá em 1717 e administrava os morgados de seu pai então residente em Braga. Em 1720 era mesário da Misericórdia.

PEDRO BARROSO

..... em sonoro acento

Alevanta, cantando até as estrelas

Os dons de amor e seu contentamento

Nobre pelos troncos de que descendia e outro sim pela sua posição de criado da Casa de Bragança. Seria pai de João Barroso?

Acompanhando ao Duque D. Teodósio II na infeliz jornada de África de 1578 lá ficou prisioneiro, não sendo isso do número dos mais desafortunados, que aliás perderam a vida nos campos de Alcácer Quibir; e ele veio a ser resgatado, tornando assim a ver os pátrios lares.

Possuía um génio fadado pela natureza para a poesia lírica Anacreônica; que metrificava em estilo sublime e elegante, como provam 14 oitavos que Morais Sardinha trás no Parnaso de Vila Viçosa, L. 3, cap.33, e que principiam assim:

Quando vejo de Aliarda a formusura

Tanto sua beleza me cativa

Que não quero de amor mayor ventura

Nem lhe peço mor bem para que viva?

Mas como sua aspereza ingrata e dura

Tenha de condição ser sempre esquiva,

Com mor vigor me trata e mor desprezo,

Quando de suas graças me vê preso.

Esta notícia é da Biblioteca Lusitana, que a tira do citado Parnaso.

A família dos Barrosos ainda continuou nesta vila até ao século XVIII; e, atrás fica um nomeado João Duarte Barroso. Hoje ninguém aqui sabe de tal apelido.

PEDRO ou PERO CALDEIRA

Vereador mais velho em 1607 (L. dos reg. da Cam. fl. 940) e juiz dos órfãos no mesmo ano Tombo 1º da Misericórdia) - Notas.

Era sobrinho de Inês Caldeira, mulher de Diogo da Silveira 2º; e casado com Leonor Gonçalves em 1602 (notas).

Tinha sete filhos em 1611; fizeram balanço de seus bens e acharam ter.....; e por isso fizeram dote a seu filho Sebastião Vaz Almirante para tomar ordens sacras.

PEDRO DE CASTRO AZEVEDO

Alcaide-mor de Melgaço, comendador de Santa Maria de Antime e de Santa Olaia da Palmeira, na Ordem de Cristo.

Em 1513 era um dos capitães da guarda do Duque D. Jaime, quando ele foi comandar a expedição de Azamor (Hist. Geneal. Tom. 5, pág. 512).

Creio ser aquele mesmo que em 1522 foi para a Índia por capitão de uma nau e era filho de Esteves de Castro, como diz João de Barros na Dec.

Teve o senhorio dos lagares de Ferreira.

Casou com D. Brites de Melo, filha de João de Melo, comendador de Casével de quem teve outros filhos a Fernão de Castro 1º, e a D. João de Melo que foi Arcebispo de Évora.

É provável que fosse adventício, mas deixou cá descendência, natural da nossa vila.

PEDRO DE CASTRO 1º

Que também era Azevedo, como neto do precedente e de seu filho Fernão de Castro 1º (veja-se este nome).

Sucedeu a seu pai no senhorio de Melgaço e Comendas. Exerceu o cargo de provedor da Misericórdia no ano económico de 1568- 69.

Em 1570 foi com o posto de sargento-mor em companhia de Francisco Barreto à conquista de Monotapa (Couto, Dec. 9, cap. 23).

Foi Fidalgo do Duque D. João I. Achando-se vivo no fim da batalha de Alcácer-Quibir (1578), não mais foi visto, vendo-se por isso que fora morto pelos mouros (Parnaso L. 2, cap. 33; e Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 309; e tomo 11, pág. 660).

Casou com D. Maria da Maia, filha de Diogo Pereira, de quem teve a Fernão de Castro 2º e Jerónimo de Castro.

PEDRO DE CASTRO 3º

Era filho de Jerónimo de Castro, atrás nomeado e de sua mulher D. Maria da Silva e foi desembargador e provedor da alfândega de Lisboa até à sua morte.

Seu pai morreu em Malaca na Índia, assim como seu avô Pedro de Castro 1º nos campos de Alcácer-Quibir.

Pedro de Castro 3º, casou com D. Lourenço da Costa, filha de Sebastião Homem da Costa e de sua mulher D. Isabel Pereira, de quem teve os seguintes filhos: 1 - Jerónimo de Castro (3º ou 4º conhecido por este nome), que, sendo capitão de infantaria foi morto em 1642 na empresa de Valverde pelos castelhanos; 2 - Fernão de Castro 3º, que, depois de ser religioso da Companhia de Jesus, foi Deão da Capela Real desta vila; 3 - D. Lourenço de Castro que professou na Ordem de São Domingos foi bispo de Angra em 1671 e transferido para a Sé de Miranda ao cabo de dois anos; 4 - D. Maria de Castro que casou com António Cabide em Lisboa depois de 1640, sendo este viúvo (Hist. Geneal. Tom. XI, Pág. 664).

Não tenho dado artigos distintos aos sobreditos, filho de Pedro de Castro 3º por não ter a certeza de serem calipolenses.

PERO CHAVES

A este indivíduo comprou o Duque D. Jaime o chão em que passou a edificar o mercado das freiras; e o dito Pedro passou à Índia como criado do Governador Nuno da Cunha. Ainda lá estava em 1536.

Os Chaves duraram nesta nossa vila até muito tarde.

PEDRO CORDEIRO VINAGRE

Capitão de cavalos em 1706. Lavrador na Aregosa em 1722.

Ele e Nicolau de Almeida, António Manuel e João Lourenço obrigam-se a dar cada um cinco cavalos para um troço de cavalaria sendo isto aprovado por El-Rei e ficando para capitão o dito Pedro. Assim consta de uma escritura de 27 de Setembro.

Vivia em 1731 sendo capitão de cavalos. Em 1740 era casado com D. Joaquina Maria de Brito e Noronha. Moravam nesta vila depois de terem resi-

dindo em Juromenha.

PEDRO DA COSTA TAVARES

Cavaleiro da Ordem de Cristo, vivia cá um sendo casado com D. Filipa de Carvalho.

PEDRO DA COSTA NICOLLES

Tabelião que começou em 172....

PEDRO DA CUNHA

Comendador de Monforte e Alcaide-mor da Aldeia Galega de Merceana.

Depois de ter sido nesta vila trinchante da Duquesa, já então rainha, fez seu Veador (Hist. Geneal. Tom. 7, pág. 110 e 200).

Creio que era filho de João Tovar de Caminha e de D. Isabel da Cunha Corte Real, sua segunda mulher.

PEDRO DIAS

Criado de Sua Magestade em 1657 veio cá arrendar umas vinhas.

PEDRO DURAO

Padre e capelão do Duque em 1629 - espanhol. Senhor da casa da rua de Santa Lúzia, hoje de Francisco Cordeiro.

Em 1634 era o procurador do Duque para comprar vender e aforar prédios (Notas).

Desembargador do mesmo Duque em 1638. Foi para Lisboa com a corte em 1640. Por isso vendeu cá o domínio útil da Quinta de D. Diogo de Melo ou dos Velhos que o Duque lhe tinha aforado em 7:500\$ réis com a vinha de serventia para a estrada do Paúl.

Em 1647 era já falecido.

PEDRO FALCÃO DA CUNHA

Tabelião em 1719.

PEDRO DE FARIA

Tabelião Geral do Duque em 1611 (Tombo 1º da Misericórdia).

PEDRO FEIO

Residia em Peixinhos depois de 1630 sendo feitor da Casa de Francisco de Lucena.

PEDRO FEIO DA COSTA

Capelão da Misericórdia e vigário em 1700 e tantos.
Primo de Manuela da Còsta. Tinha uma irmã chamada Francisca Teresa Feia que casou com André Rodrigues (...) e teve o Pedro da Costa Feio. Em 1722 era beneficiário na patriarcal.

PEDRO FEIO DA COSTA

Tenente de cavalos do Regimento de Olivença, vende o forno da Travesa do Valderrama em 1764. Em 1777 era a mesma coisa.

Faleceu em 1804 com testamento em que nomeou herdeiros, os filhos de João da Costa Feio: Francisco de Paulo e D. Leonor, mesário da Misericórdia; dizendo-se sobrinho nas partilhas que fizeram e em que coube a cada um 860\$46 e meio real; não sei se era irmão de Pedro ou se do pai deste João da Costa Feio.

PEDRO FERNANDES

Mestre de meninos nesta vila em 1695.

PEDRO FERNANDES DE SANTA MARIA

Filho de Baltazar Fernandes, músico do Duque D. Teodósio I, e de sua

mulher Francisca de Leão.

Foi primeiramente frade paulista e secularizando-se depois, recolheu-se à chamada Horta do Carrascal, onde hoje está o lagar de azeite; fazenda que ele aplicou e melhorou, fabricando o dito lagar, segundo creio. Dizia missa na Ermida de São João e ali se mandou sepultar, quando, faleceu em 3 de Maio de 1610. Diogo da Silveira Caldeira, filha de sua sobrinha Francisca de Leão.

Chamavam-lhe o Clérigo do Carrascal.

PEDRO ou PERO GARCIA CALDEIRA

Cavaleiro do Duque em 1567. Seu tesoureiro em 1607 (Notas).

Era pai de Belchior Garcia Caldeira (id.) e de João Garcia Caldeira que casou com D. Leonor Estaça, filha de Gaspar da Nóbrega.

PEDRO GARCIA CALDEIRA

Neto do precedente, filho de seu filho Belchior Garcia Caldeira, contrata-se com o Duque em 1607 para servir no foro de Moço de Guarda-roupa (Notas).

Provido em 1633 na comenda de S. Tiago, de Miranda, dividida de S. Gens de Parede (N).

Ainda cá estava em 1641. Dez anos depois era falecido; mas vivia a sua viúva D. Leonor Estaça e uma filha de nome D. Luísa da Silva.

PEDRO ou PERO GOMES

Foi procurador do Concelho em 1582, 1606 e 1616 - (L.1 dos Reg. da Cam. fl. 73 e 111).

O mesmo ou já outro era cavaleiro do Duque em 1629 e casado com Maria Nunes e senhor da herdade de Nolimoreno de Erixa em 1633. Aforou a dita herdade a André Mendes de Almeida neste ano.

PEDRO GOMES CASTANHO

Cavaleiro da Ordem de Cristo, casado com D. Maria Oliva, morava cá em

1672.

PERO GONÇALVES FREIXO

Deixou à Misericórdia um foro de 40 réis em 4 prédios, para ela fiscalizar o cumprimento de encargos pios, com que onerava os ditos prédios. Casou com Beatriz Lourenço que faleceu na peste de 1580, e ele, fugindo à epidemia veio a falecer no monte de Pedra Alva onde morava uma sobrinha chamada Maria Rodrigues e casada com Manuel Rodrigues Buinho, em Setembro do mesmo ano.

PEDRO JOSÉ DE COUTO

Vendeiro dos morgados de Gomes Pereira Freire de Andrade em 1799.

Escrivão das Sisas em 1804 antes disso cá estava, sendo feitor do General Gomes Pereira Freire de Andrade; e agora rendeiro de seus prédios.

Casado com Mariana Rosa em 1806.

PEDRO JOSÉ FREIRE LAMEIRO

Foi Vereador, pelo menos em 1829; e serviu outros cargos de menos importância.

Segundo ouvi, era natural de Olivença donde veio para Vila Viçosa no princípio do século corrente; e servia em casa sua na rua do Passadiço por cima da Horta da Fonte Grande, como proprietário.

Faleceu em 17 de Junho de 1833, sobrevivendo-lhe sua mulher D. Bárbara da Gama e Sousa, filha de Joaquim Falcão da Gama e Sousa até ao Agosto seguinte.

Deixou um filho e uma filha ainda menor. O filho chamado José Bento Lameiro casou pouco depois e foi eleito regedor da Matriz em 1839. Como porém não fossem boas as suas condições financeiras mudou o seu domicílio para as partes de Portalegre, onde vivia de sua agência e, foi ultimamente professor público vitalício de Ensino Primário no Assumar, e vagando em, 1875 a cadeira de sua pátria resolveu-se a mudar para cá pedindo a transferência do seu lugar. Pouco lhe durou o regresso; pois logo faleceu em 1878, deixando duas filhas solteiras e pobres.

A filha de Pedro Lameira (D. Gertrudes) casou com José Elizardo Pombeiro (veja-se).

PERO LOBO TAMAZES

Filha de D. Violante Loba que em 1616 sendo já viúva, renunciou no dito filho a capela instituída por seu tio D. Gaspar Cão, bispo de S. Tomé. Tinha a dita Capela a pensão de 12 missas e era dotada com estes bens: 68 alqueires de trigo da pensão fateusim na herdade da Gouveia na freguesia dos Arcos de Estremoz; mais 24 alqueires de trigo e de cevada na herdade de Feteira do termo de Juromenha (Data de 22 de Dezembro).

Como nós tivemos cá um Gaspar Cão Lobo, fico suspeitando que o dito Bispo pertencesse à nossa vila por origem ou domicílio.

Em 1624 estava sentenciado a 3 anos de degredo para Africa e 300 cruzados de milho pela parte que teve no monte de Jorge da Veiga, filho de Nicolau da Veiga .

Foi afiançado por Gaspar Mendes Leitão para ir cumprir a sentença depois de requerer novo julgamento por achar excessiva a pena (Notas).

PEDRO OU PERO LOPES DE SOUSA

Deste personagem dá notícia o Dicionário Bibliográfico no ponto de vista do escritor; pois enquanto militar e marinheiro, é o seu nome celebrado com muito elogio nas histórias deste Reino.

Era segundo irmão do grande Martim Afonso de Sousa e como este nasceu em Vila Viçosa e cá passou a sua mocidade, é probabilíssimo, senão certo, ser da mesma sorte Calipolense o sobredito Pedro, que como aquele, deixou o serviço da Casa de Bragança pelo da Coroa.

"Foi Fidalgo da Casa Real (diz o Dicionário citado); acompanhou ao Brasil o dito seu irmão na armada que saiu de Lisboa em 1530 de cuja de rota escreveu o roteiro abaixo nomeado. Foi Donatário de Itamaracá, Santo Amaro, etc.

Nomeado Capitão-mor de seis naus para a Índia em 1539, e tendo chegado a Goa em 10 de Setembro deste ano, ao fazer-se de volta para a Europa, perdeu-se na paragem de São Lourenço (Hoje Madagascar)".

Quando? Em 1543 foi com seu irmão Martim Afonso à expedição do pago-

de de Tremel, o qual faleceu por causa da Vara de Chorumândel (ciclone). Em 1646 assiste na defesa do segundo cerco de Diu por Capitão, como se lê nas Décadas de Couto (6ª). O mesmo Pedro Lopes é Capitão de Diu e falece neste posto em 1553. Será outro?

O roteiro supramencionado esteve inédito até 1839, em que Varnhagem o publicou com o título de Diário da navegação de Pero Lopes de Sousa - 1530 a 1532. - É obra curiosa e de muito merecimento, como pode ver-se.

Deste insigne capitão disse Camões fingindo-se profeta:

"Virão provar os Golpes e revezes

De Dom Pedro de Sousa, que provara

Já seu braço em Ampara, que deixada

Terá por terra à força só de espada".

(Lus. X, 104)

PEDRO OU PERO LOPO

Criado da Casa de D. Jaime. Dele faz menção Barros, Dec. 3, L.2, cap.4, dizendo: que fora reino de Sião em companhia de Duarte Coelho, em 1518; que

tendo chegado a Odiá, capital daquele reino levantaram ali, os portugueses uma Cruz de madeira para junto dela jurarem o tratado de paz que tinham ido ali celebrar; "e daí a poucos dias, ao pé dela enterrou Duarte Coelho um Pedro Lopo, criado do Duque de Bragança D. Gomes, que levava consigo, o qual faleceu de doença". Mais nada consta a seu respeito.

PEDRO DE MACEDO SOUTO MAIOR

Casado com D. Antónia Angélica Soutomaior.

Estava cá vivendo em 1794.

PEDRO MACHADO DA MAIA

Em 16 de Junho de 1646 foi eleito Capitão de Ordenanças a cavalo, da Companhia do Campo, sucedendo nesse posto a Manuel Cavaleiro.

Faleceu em 6 de Julho de 1647 e foi sepultado na Matriz em cova própria.

Creio ser filho de Afonso Machado da Maia.

PEDRO OU PERO MAGALHÃES DE FONTOURA

Casou nesta vila em 1627 por contrato dotal com Maria Leitão, filha de Catarina Leitosa, já viúva de João Piqueiro.

Foi esta Maria Leitosa quem instituiu a Capela da Galharda, azenha e horta dos Apóstolos de Pardais, administrada pelos Jesuítas da Casa de Elvas.

Renunciou em 1637 às (...) da Coutada, distribuídos em inquisidores.

Vereador em 1637. Escrivão Judicial em 1640.

Era já falecido em 1647.

PEDRO MASCARENHAS

Este nome Pedro revela parentesco próximo com aquele ilustre Pedro Mascarenhas, que foi Capitão de Malaça, destruidor do Rei de Rinhão, por causa do Governador da Índia, e que sendo por fim Capitão de Azamor na África pereceu no mar, voltando ao Reino (Barros, Déc. 4, L. 2, cap. 6).

Segundo o registo Paroquial da Matriz, vivia em 1577 um fidalgo deste no-

me e é provável que fosse pai de Fernão Martins Mascarenhas.

A casa dos nossos Mascarenhas era na Corredoura, onde se encontra sobre a porta o brasão deles.

Estava na Índia em 1557. Vai à jornada do Cinde com Manuel Mouros e outros muitos comandados por Pero Barreto Rolim (Déc.), L.3, cap. 13).

PEDRO MASCARENHAS DE BRITO

Era filho de Fernão Martins Mascarenhas; sucedeu-lhe nos morgados em 1630, mas faleceu poucos anos depois sem sucessão, deixando a casa ao imediato irmão Francisco de Brito Mascarenhas.

Em escritura de 11 de Janeiro de 1631 ajustou casamento com D. Maria de Vasconcelos, filha de Luís de Brito de Oliveira, de Estremoz e de sua mulher D. Inês de Vasconcelos já falecida, sendo dotada com a legítima da mãe e a capela que nela nomeava com bens, em Avis, Ervidal, e Fronteira e mais 480\$ réis à conta da legítima do pai.

Ainda vivia nos fins de 1633.

Em 1636 já era falecido ou não chegou a casar ou não teve descendência.

Tiveram dispensa por serem primos.

PEDRO DE MASCARENHAS DA GAMA BRITO

Era filho de Estêvão de Mascarenhas da Gama e foi baptizado em São Bartolomeu, a 3 de Abril de 1656, não tendo ainda seu pai casado com D. Maria Sanches, que era sua mãe.

Casou em 1676 com D. Maria Velha de Sandim, filha do Cônego de Évora, Tomé Alvares, que se finou, sendo já viúva, no ano de 1733 e teve sepultura em S. Agostinho no jazigo da capela de São Nicolau que era dos Mascarenhas, sendo freguesia de São Bertolomeu. Teve dela a Estêvão, nascido em 1679; Fernando em 1687; D. Germana Luísa Mascarenhas, que em 1700 casou na Freguesia de São Bartolomeu com João de Mesquita da Silva, natural de Torres Novas e já viúvo de D. Helena da Silva. Deste matrimónio procedeu Jorge Mesquita de Mascarenhas, que veio a herdar a casa dos Mascarenhas, pela mãe; e outros filhos.

Pedro Mascarenhas fundou o palacete da quinta de Bencatel, que se chamou

do Mascarenhas e edificou-lhe a capela da Senhora da Madre de Deus. Foi grande vivaço da nossa vila pelo seu casamento, em 1671, com a filha do padre Tomé Álvares Velho que juntou uma fortuna imensa em Évora e suas vizinhanças e formou o morgado opulentíssimo na mesma filha.

A herdade de Pedro de Abreu da Silva ou Forte da Estrada, que Pedro Mascarenhas começou a aforar, foi arrendada em 1627, por Fernão Martins de Mascarenhas em 1 moio de trigo anafil, 40 alqueires de galego, 30 de cevada e 4\$ réis de pitanças.

Em 1692 começou o aforamento de glebas em Bencatel, na dita herdade.

Em 1695 data de Bencatel uma procuração que deu ao seu criado Nuno Vidal! sinal de estar feita a casa senhorial da quinta.

Em 1708 já estava criado o pomar de laranja de (...) em Bencatel, na quinta da Madre de Deus e a vinha. Por isso arrenda-a por 3 anos em 80\$ réis, ficando-lhe as casas grandes para si e um quarteirão de terra variada para sementeira de farrejo.

Parece-me ser já falecido em 1716. A sua viúva continuou a viver muitos anos assinando-se D. Maria Teresa de Landim e não Velha e continuou a fazer aforamentos em Bencatel. Ainda vivia em 1732, ou morreu neste ano ou no princípio de 1733, em que o filho já arrendou os prédios de Bencatel e veio a Vila Viçosa.

A sua tença líquida foi 924\$424 réis, ficou a viúva e depois da morte ficaria um morgado anexo ao de Estêvão Ribeiro. Só teve a Fernando e a D. Joana Maria Luísa Mascarenhas, cada um dos quais levou em dote de casamento 2:400 \$ réis.

Em 1710 residia em Évora e daí resultou estabelecer-se lá seu filho Fernão Martins Mascarenhas. No mesmo ano voltou para Bencatel, continua os aforamentos do Forte da Ribeira, e sua mulher começa a assinar-se D. Maria Teresa de Landim. Em 1712 outra vez em Évora e em Bencatel.

PEDRO DE MELO DE CASTRO 1º

Era terceiro filho de Francisco de Melo Alcaide-mor do Castelo de Outeiro e de sua mulher D. Brites Nobre.

Foi Alcaide-mor da mesma vila e de Melgaço, e Fidalgo dos Duques D. João, D. Teodósio II, e D. João II, que o nomeou seu Veador, sendo já muito adiantado

de anos, tomando assim parte nas pomposas comitivas dos casamentos dos últimos dois dias em 1603 e 1633. Teve a Comenda de Montelavar.

Sendo moço, assistiu à batalha de Alcácer-Quibir (1578) onde ficou prisioneiro (Parnaso de Vila Viçosa, L.2, cap.33; e Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 309).

El-Rei D. Filipe II o mandou à Índia por Capitão de uma armada. Em 1616 arrendou a sua comenda de Montalegre (Santa Maria) por 4 anos a 85\$ réis fofros (Notas).

Serviu o cargo de Vereador (ao menos) em 1601 (L.1 dos Reg. fl. 76).

Duma escritura de 25 de Abril de 1635 consta que se tinha separado de sua mulher D. Isabel de Sá por segunda vez, depois de terem já feito partilhas judiciais de seus bens e que nesse ano trazia ela duas demandas contra o marido, uma na relação de Évora e outra na Legacia Apostólica. Compuseram-se então dando-lhe o enteado Jerónimo 56\$ réis em casa do Licenciado Gaspar Martins de Araújo.

Casou três vezes. Do seu segundo matrimónio com D. Guiomar de Sousa, Dama da Duquesa D. Catarina e filha de Sebastião de Sousa de Abreu, teve a Jerónimo de Melo de Castro, que herdou o morgado do pai do 1º Conde das Galveias Dinis de Melo de Castro, etc.

Esta faleceu a 6 de Abril de 1604. Residia na sua quinta do Mosteiro em Borba no ano de 1606.

Casou a terceira vez em 1612 na Igreja do Espírito Santo com D. Isabel de Sá, sendo testemunhas António de Ataíde Pinto e Vicente de Sousa de Távora.

Creio que só do segundo matrimónio houve descendência sobrevivente. A sua primeira esposa chamava-se D. Catarina da Silva.

Ainda viva Pedro de Melo quando foi aclamado Rei D. João, seu amo. Quis este que ele passasse então a capital do Reino; e pondo-se a caminho chegou à vila da Arraiolos já muito incomodado por causa dos seus oitenta e tantos anos; e por este motivo retrocedeu para Borba, e lá morreu na sua quinta (a do General) em 1641 (Vide de seu neto Dinis de Melo, L.1, nº 32).

Além do filho Jerónimo teve uma filha que professou na Esperança com o nome de Maria da Trindade a quem ele deixou uma tença de 20\$ réis.

PEDRO DE MELO DE CASTRO 2º

Bisneto do precedente, como filho de seu neto Dinis de Melo de Castro e sua mulher D. Angela da Silveira.

Foi 2º Conde das Galveias. Serviu no exército, regular como seu pai e às suas ordens, fazendo a guerra da Sucessão da Espanha onde ganhou a maior parte dos postos. Em 1704 tinha já a patente de Tenente General.

Foi baptizado na Matriz a 27 de Setembro de 1665, como seu pai e residiu entre nós a maior parte do tempo.

O dote que seu pai lhe fez para o casamento foi de 8 mil cruzados de renda; e porque ficaram juntos depois de casado, só em 20 de Fevereiro de 1692 lhe nomeou para esse rendimento e foram: 6 comendas, 2 alcaldarias-mores, o ofício de Cobre-mor da Casa de Bragança e 5 tenças. Em bens de raiz foram: os morgados das tenças de André Mendes Lobo e de sua mãe Angela da Silveira, e a legítima da dita mãe em que entrou a quinta do Mosteiro, em Borba.

Cá morreu a 17 de Janeiro de 1738.

Como fosse muitos anos Juiz da Irmandade do Sacramento da Matriz, obteve que esta lhe cedesse por 96\$000 réis o jazigo da sua capela, que pertencera a António Cabide e se achava abandonado pelos herdeiros do mesmo; e assim teve lá sepultura para si e seus herdeiros.

O filho mais velho, que herdou os morgados e o título de Conde das Galveias, chamava-se António de Melo de Castro (Veja-se).

Em 1716 deu procuração a Simão da Silveira de Vasconcelos para aforar terrenos da sua herdade de Bencatel para edificação de casas.

Aforou-se então o pedaço junto à Lagoa para uma estalagem em 3\$ réis; e não sei se mais algum pedaço. O resto da herdade foi aforada já por seu filho António de Melo de Castro em 1728 e anos seguintes. No mesmo ano arrenda a vara de Almeida de Monforte em 50\$ réis e propinas.

Em 1720 aforou um triângulo de terra ao pé da sua Azenha (a do Conde) a Manuel Pires, em 2:880\$.

Escravo da Nossa Senhora da Conceição. Também morava no Paço Ducal.

PERO (PEDRO) MENDES DE MATOS

Em 1588 era Fidalgo Cavaleiro de El-Rei e lavrador em herdades da ribeira

de Borba.

Casou com Isabel Vicenta, e teve a António da Silveira Vicente de Matos e Luís de Matos: todos pessoas principais desta vila e D. Isabel de Matos que casou para Olivença com Francisco do Rio. De António da Silveira, casado com Francisco da Silveira nasceu outro Pedro Mendes de Matos que em 20 de Julho de 1641 foi eleito Capitão de Ordenanças.

Ainda vivia em 1624, sendo já velho.

Pedro Mendes de Matos filho de António da Silveira, viveu com seu pai em Lisboa depois de 1640; mas em 1679 estava já cá, sendo casado com Catarina Monteira.

Em 1683 morava outra vez e entrega à Misericórdia o (...) as casas de João Correia na rua dos Fidalgos que seu pai aforou a 15\$ réis; casas que a Misericórdia vendeu logo a Jorge Vieira da Silva por 100\$ réis por se acharem arruinados pelo abandono dos foreiros.

Tomaram de todo e em 1684 estava casado com D. Catarina de Moura, filha de Domingos de Moura. Era Tenente de cavalos entretido em 1697 e Cavaleiro da Ordem de Cristo em 1701, morando cá.

Por não ter filhos legítimos doa em 1707 os seus serviços (...), a duas filhas naturais, chamadas Francisca Mendes e Maria Teresa, com 100\$ réis que tinha de tença na alfândega do Porto, com reserva de usufruto para si. As duas filhas moravam em Lisboa e houve as artes de vir para Vila Viçosa (sim?)

Era já falecido em 1711.

PEDRO MENDES DA SILVEIRA

Da Descrição de Vila Viçosa por Cadornega, quando ele menciona os personagens que tomaram parte na comitiva do casamento do Duque D. João II em 1633, vêm nomeados entre os Moços da Câmara e Guarda-roupa Estévão Mendes da Silveira e Pero Mendes da Silveira, seu filho; o que para mim não é claro e inteligível, mormente sendo certo que Cadornega escreveu de memória sobre este acontecimento ao cabo de 50 anos.

Houve efectivamente um Estévão Mendes da Silveira, que eu chamo segundo, mas falecido em 1621, e que deixou um filho de nome Pero Mendes da silveira, que em 1626 tinha 20 anos de idade; e alcançou permissão para vender sua legítima e embarcar-se para a Índia. Além deste não conheço outro de igual

nome em nossa época.

Mas este era falecido em 1630, segundo uma procuração de seu irmão Diogo, passada em 11 de Março para lhe arrecadarem lá os bens.

PEDRO DE MANGALHAO

Juiz dos órfãos em 1633 (Notas).

PEDRO MORENO

Casado com Maria Pinheira, e já falecido em 1624.

PERO DE MURES GANÇOSO

Tive conhecimento deste patricio pelo seu testamento, que se acha registado no tomo 10 da Misericórdia; e foi o mais que ali achei por me deparar miudezas etnográficas do seu tempo. É escrito no ano de 1563.

Pedro Mures Gançoso era filho de Alvaro Mures e de Catarina Vaz Gançosa; e casou com Margarida Afonso, filha de Rodrigo Afonso e de Inês Rodrigues Barbadalha. Teve a Cristóvão de Mures Gançoso, já nomeado aqui.

Foi um dos Cavaleiros "do Duque D. Jaime" a quem acompanhou na empresa de Azamor em 1513. Possuía em Bencatel a herdade da Torre, onde se compreendia um grupo de casas chamado agora Aldeia da Freira, da qual faz parte uma azenha construída ali na Ribeira por Francisco Fernandes. "Tangedor de escravo do Duque Nosso Senhor". Mas este não queria pagar-lhe foro algum do terreno occupado pela azenha, pretendendo limitar-se a satisfazer somente o foro de água do duque: donde resultou demandá-lo Pero de Mures e obter duas sentenças de El-Rei contra o crónista obrigando-o a pagar-lhe dez alqueires de trigo de foro: e por lhe ter dado muitos anos de fezes, recomendou a seu filho Cristóvão que nunca lhe vendesse a dita foragem "nem alqueire nem meiro". Com a dita herdade e mais um assento de olivais a val de Judeus (chamados agora de Jorge de Mesquita e situados perto de S. Paulo) formou uma capela e morgado em seu filho sobredito com o encargo de 12 missas, sendo fiscal do cumprimento desse encargo o Provedor da Misericórdia, o qual receberia anualmente cem réis de luvas para a Santa Casa. Deixou ao mesmo filho 3 escravos pequenos,

para que recebesse os salários deles, mandando ensiná-los quando tivessem dez anos "*Lázaro a cardador Manuel e Braz a alfaiates*". Declara também que tinha "*um arcaz de cedro com peças louçinhas da sua mocidade*"; o que tudo ficaria a seu filho Cristóvão; e nomeia o seguinte: uma citra de Genitabaia com uma mochila de pargania "*que fez em Azamor há cinquenta anos*"; uma arreata de fio de ouro lavrado e um barrete de grã vermelho; e assim um jaez dourado e outro prateado; e dois pares de esporas mouriscas douradas, e um freio gineto que custou mil e seiscentos réis; e assim mais um albernoz e uma espada dourada de quatro "*qualles de marca de lobo*". Quem quer seu filho Cristóvão haja todas estas peças "*com mais uns pantufo e umas cabeçadas e nómias e duas adargas, uma nova e outra velha, e as mais armas que se achassem em sua casa, a saber: duas suchas e dois pares de lanças*".

A seu neto Fr. Pedro de Mures, franciscano, deixa um vestido conforme sua regra; a São Bartolomeu dois mil réis para ajuda de suas obras; a manda vestir um certo número de pobres, com capa pelote e carapuça sendo homem, manto fraldilha e saindo, sendo mulher.

Recomenda o velho escravo Pedro Alves "*muito fill e bom homem*", para que não o apertem, mas lhe façam muita honra.

Nomeia por seu testamenteiro a António Gançoso (talvez cunhado) e pede a seu compadre Vasco Fernandes Caminha que olhe pelo cumprimento das disposições da sua última vontade.

Mandou que o sepultassem na Matriz de Santa Maria do Castelo num jazigo "*que tinha na capela contra o canto das casas de Ruy Mendes que Deus tem, que tem uma pedra falhada contra os pés*"; que o acompanhem doze pobres com tochas os clérigos recebendo estes um vintem; que lhe façam um officio e missa cantada com oferta de 1 quarteirão de trigo, 1 odre de vinho e 1 carneiro; incenso e leva; e que lhe ponham um campo com o letreiro: "*S. de Pero de Mures Gançoso, cavaleiro da casa do Duque D. James que Deus tem e primeiro deste nome*".

Este é o capitão esforçado e hábil, que Damião de Góis chama erradamente Pedro de Moraes, segundo creio, quando fala da expedição de Azamor.

PEDRO NUNES DA FONSECA

Fidalgo da Casa Real, casado com Inês de Faria Barradas, morava a viúva cá em 1631, como consta de uma procuração dada a um caseiro da sua quinta dos Moaques em Lisboa.

PEDRO NUNES XAVIER

Tabelião que começa em 1803.

PERO PAULO

Deste indivíduo fala Cadornega em sua Descrição, de Vila Viçosa, dizendo o estrangeiro o patrão da fábrica de vidros, que estava no Paço Ducal, junto ao tanque grande, montada por diligências do Duque D. Teodósio II; mas o seu nome não parece de estrangeiro, salvo se o erro era por seus pais unicamente.

Já era mestre do vidro de S. Exa. em 1626, talvez por ter morrido o Martim de Sousa. Era já viúvo, com duas filhas chamadas Ana Maria e Cristina; e passou então a segundas núpcias por contrato dotal com Maria Fonseca, viúva de Gabriel Fernandes e filha de António da Fonseca, a qual não tinha descendência. Em 1628 possuía uma tença de 20\$ réis de mercê de El-Rei, pagos no Almo-xarifado de Évora.

Acrescenta o mesmo Cadornega, que Pedro Paulo no seu tempo (1630 etc) tinha já arrendado a dita fábrica a artistas da terra, seus aprendizes, continuando sempre a Casa de Bragança a dar o edifício e a esteva da tapada, precisa para se aguentarem as fornadas.

Pedro Paulo estava rico por fim; e tanto, que em 1641 foi nomeado pela Câmara Tesoureiro da Real d'água do povo lançado voluntariamente para construção de trincheiras em defesa da vila; e em 1644 recensearam-no para servir na Companhia das Ordenanças montadas, com cavalo à sua custa.

Casou e teve (pelo menos) a D. Maria de Sousa, que foi mulher de dr. Domingos Pereira da Silva, nosso patricio.

D. FREI PEDRO DE SANTO AGOSTINHO

Primeiro Bispo Leão da nossa Real Capela em tempo da Regência do Infante D. Pedro II. Era titular de Constância. Faleceu em 2 de Janeiro de 1675, e jaz na Casa do Capítulo dos Capuchos em sepultura própria.

Faltam particularidades sobre a sua pessoa.

Apenas se lê no tomo V das Mem. da Acad. de Hist. Portg. pág. 203, que foi Religioso da Ordem dos Menores da Província dos Algarves (franciscano, on de teve o cargo de Guardião do convento de São Francisco de Setúbal; e que sendo

nomeado coadjutor do Bispo de Coimbra D. Manuel de Noronha, em 6 de Janeiro de 16.. com a cõngrua de 300\$ réis, passava a exercer o Deado da Capela Real da nossa vila.

PEDRO DA SILVA

Foi muito perito na arte de Cavalaria: tanto que escreveu um folheto intitulado: Arte de enfrear cavalos, que se não publicou pela imprensa; mas dela faz menção João Franco Barreto na Biblioteca Portuguesa.

Isto se lê na Biblioteca Lusitana sem mais esclarecimentos.

De Pedro da Silva eram em 1674 as melhores casas da rua de Santo António, pouco abaixo da igreja.

PEDRO DE SOUSA DE BRITO 1º

Era 5º filho de Cristóvão de Brito Pereira 1º (Veja-se) e veio a ser o tronco dos Sousas da rua de Santa Luzia, tornando-as o 2º ramo de Britos Pereira, que vinham de Fernão Ridrigues Pereira - o Pássaro.

Pedro de Sousa foi Alcaide-mor de Bragança, Comendador de 2 oitavos de Parada por morte de Álvaro Mendes de Vasconcelos ou tem o 1º de Agosto de 1581, e Veador da Duquesa D. Ana de Velasco, em 1603.

Foi Vereador em 1582 (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 73). Provedor da Misericórdia em 1600 e Vereador em 1605 1614.

Dele se ocupa a Biblioteca Lusitana, dizendo que era muito estudioso e escreveu um Tratado de todas as famílias de Portugal, que se conservava em poder de seu neto Tomé de Sousa.

A isto juntarei que me parece exagerada tal notícia. O tratado aludido, salvo erro meu, é aquele mesmo Livro de Família dos Sousas da rua de Santa Luzia, já por mim citado muitas vezes e ainda existente em poder do actual representante desta família - Tomé de Sousa Menezes. Começou a escrever nele Pedro António de Sousa, irmão mais velho de Tomé José de Sousa, tratando artigos diversos, já sobre Pereiras, já sobre Passanhas, já sobre Pintos, etc., por serem famílias com quem tinham contraído alianças os Pereiras por seus casamentos, e nada mais. Os seus descendentes até agora têm continuado a escreverem ali as suas genealogias, e ainda o livro não está cheio, apesar de

de não ser muito volumoso.

Casou com D. Luísa da Costa, filha e herdeira de António Mouro de Andrade, Comendador de uma pensão de Santa Maria de Moreiras, casado com D. Ana de Gambôa, diz o citado Livro da Família: mas era sem dúvida. Pode ver-se atrás no artigo de António Mouro, que este casou com Maria da Costa, cujo apelido se conforma com o da filha; e que houve outro António Mouro de Andrade desposado efectivamente com uma D. Ana Gâmbôa, que segundo o registo parquial de São Bartolomeu, estava tendo filhos (por exemplo em 1619), quando Pedro de Sousa já tinha netos, sendo casado até em segundas núpcias.

Pedro de Sousa já era casado com D. Luísa da Costa em 1582 e nesse ano teve na Matriz a sua filha D. Filipa, sendo seu sogro António Mouro casado em segundas núpcias com Marta Fernandes. Depois morou largos anos no adro de São Bartolomeu, por baixo da rua dos Fidalgos, hoje Praça Nova, casa de José Bernardo de Sousa da Câmara. Por morte do seu sogro ali por 1606 houve a casa da rua de Santa Luzia e a herdade e aldeia dos Galhardos, em rio de Moinhos.

Não consta quando enviuvou, mas é certo que tornou a casar em 1616, recebendo-se na Capela Ducal (e lavrando-se o assento na Matriz) com D. Mariana da Cunha, que julgo ser filha de João de Toro Caminha.

Teve Pedro de Sousa de Brito os seguintes filhos do 1º matrimónio:

- 1 - Duarte Pereira de Brito, Pagem da Mala do Duque D. Teodósio II, o qual morreu em 1597 na jornada dos Ingleses;
- 2 - Manuel de Sousa de Brito, que lhe sucedeu na casa;
- 3 - António de Brito de Sousa, que foi Deão da Capela Ducal;
- 4 - D. Maria de Sousa, foi Dama da Duquesa D. Catarina, e acabou Freira na Esperança, onde foi Abadessa;
- 5 - D. Filipa de Sousa, Freira no mesmo convento com o nome de Filipa da Conceição.

Faleceu Pedro de Sousa de Brito a 18 de Agosto de 1621 e jaz presentemente na sacristia do Convento de Santo Agostinho em sepultura própria cuja lousa tem aberto o seu brasão: tudo mandado fazer por seu filho Deão António.

Para clareza desta geração dos Sousas da rua de Santa Luzia, subsistente ainda em nossos dias, farei aqui a descendência de Pedro de Sousa de Brito 1º, seu tronco.

1 - Manuel de Sousa de Brito Pagem da Mala do Duque D. Teodósio II, e sucessivamente seu Trinchante, Veador e Estribeiro-mor, teve a Alcaidaria-mor de Évoramonte e foi apresentado na Comenda de Santa Marinha de Rio Frio de Carregosa, da Ordem de Cristo. Casou com D. Brites de Ataíde, filha de António de Ataíde Pinto e Dama da Duquesa D. Catarina, de quem lhe ficaram dois filhos, a saber: Pedro de Sousa de Brito 2º, que lhe sucedeu Pedro de Sousa de Brito 2º, que lhe sucedeu na casa, alcaidarias e comendas; António de Sousa de Brito, baptizado em São Bartolomeu a 13 de Dezembro de 1623. Este foi Alcaide-mor de Évoramonte, Beneficiado de Santiago de Monsaráz e Mestre Escola da Colegiada de Barcelos. Deixando estes benefícios para casar na mesma Barcelos com D. Estácia de Mendanha, não teve filhos dela; mas houve um bastardo chamado Manuel de Sousa de Brito, que depois de seguir os estudos casou em Lisboa muito mal (diz o livro da família). Manuel de Sousa de Brito faleceu em princípio de 1633 (Notas), segundo parece. Em Março já não vivia.

2 - Pedro de Sousa de Brito 2º, nascido em 1619. Sucedeu a seu pai na Comenda da Carregosa. Pagem da Cadeirinha e da Mala do Duque D. João II, casou com D. Francisca da Aragão, filha de Francisco Correia de Lacerda e de Isabel Maria de Castro, de quem teve a Manuel António de Sousa, o herdeiro da casa; e Francisco de Sousa da Câmara, tronco da casa dos Sousas da Câmara da Praça Nova, cuja Varonia se acha extinta, e é representada actualmente por António Pereira da Nóbrega, filho de Manuel José da Nóbrega Camisão. Foi Escrivão da Mesa da Misericórdia em 1660-61. Foi herdeiro de seu tio materno Vicente de Sousa de Távora e por esta houve as herdades de Santa Luzia, que foram Rui de Sousa Pereira.

Em 1661 era já Fidalgo da Casa de Sua Magestade e Comendador da Ordem de Cristo. Ainda vivia em 1679, segundo vejo no Tombo 3º, de Misericórdia, fl. 150.

3 - Manuel António de Sousa, nasceu em 1667, mudou a sua residência para Braga; casou com D. Joana Antónia de Meira, filha natural de João de Meira Carrilho. Dele diz a Hist. Geneal. Tom. XI, pág. 148, que fora Donatário da Aldeia de Riodemoinhos que é a chamada Aldeia do Fidalgo em Rio de Moinhos, hoje do Concelho de Borba; o que não parece verdadeiro; pois a dita aldeia não passa de um bairro seu, por estar fundado em herdades do seu domínio ou propriedade particular sem jurisdição alguma política sobre os caseiros.

Essas herdades vieram-lhe pelo seu casamento e foram instituídas em morgados pelo sogro Carrilho. Teve muitos filhos; e ao falecer em Braga no ano de 1723, sucedendo-lhe o seguinte.

- 4 - Tomé José de Sousa, que veio viver para Vila Viçosa e reedificou a casa da rua de Santa Luzia no gosto moderno. Casou com D. Maria Próspera e Menezes, e teve por sucessor a
- 5 - José de Sousa e Menezes, pai de
- 6 - José António de Sousa e Menezes, que teve por sucessor a
- 7 - Tomé de Sousa Menezes (Veja-se).

PEDRO DE SOUSA DE BRITO 2º

Casou em Lisboa com Francisco de Aragão, filha de Francisco Correia de Lacerda e de D. Isabel Maria de Castro, que era filho de António Gonçalves da Câmara e de D. Maria de Castro.

Veja-se a sua notícia no artigo antecedente. Escrivão da Mesa da Misericórdia em 1660-61.

A sua Comenda de Carregosa foi arrendada em 1634 por 250\$ réis anuais. Ainda ele era de menor idade.

Depois da morte de seu tio Deão em 1644 foi com a mãe para Lisboa. Lá estava em 1652, mas vem cá arrendar como procurador do Tio Vicente de Sousa as herdades de Santa Luzia e outras. Em 1658-59 era Juiz da Irmandade de São Bartolomeu. Já cá estava de todo e casado com D. Francisca de Aragão.

Em 1661 fez dote a sua filha D. Brites Antónia da Ataíde para ser freira nas Chagas (300\$ réis). O dote de sua mulher consta de uma escritura de 1662 (Vide).

Em 1665, meteu freira nas Chagas a sua filha D. Brites A. de Ataíde.

Em 1670 morava em Rio de Moinhos na Aldeia das Galhardas. Tinha a propriedade das Saboarias de Montemor-o-Novo que lhe rendiam 15\$ réis. Em 1687 era falecido (?).

PEDRO DE SOUSA GIRÃO

Vigário da Vara, falecido em 1763.

Vivia já em 1740 e era sobrinho do Padre Gaspar Girão e de Margarida Cor

reia que o dotaram em 1705 para se ordenar, sendo já seminarista.

PEDRO DE SOUSA MENEZES

Em 1808 foi notável da rua da Freira, onde morava e das ruas circunvizinhas, para manter a ordem no povo, não se rebelasse contra os Franceses; e teve o cargo de Vereador em 1809, 1811, e 1812.

Era filho legítimo de Tomé de Sousa Menezes baptizado em São Bartolomeu no ano de 1746.

Casou primeiramente com D. Ana Cândida, que faleceu em 1806; e depois com D. Maria Petronilha, filha de Luís Jorge da Costa Amado, mas não teve descendência.

Faleceu em 7 de Maio de 1815; porém, sua mulher que tinha muito menos idade, viveu até o ano de 1855.

PEDRO DE SOUSA PEREIRA DE LACERDA

Era fidalgo da Casa Real.

Vereador em 1622, 1626, 1633 (L.1 dos Reg. da Cam. fl. 118).

Provedor da Misericórdia em 1631.

Era de Serpa. Veio para esta vila em 1610, quando casou com D. Mariana da Cunha, dama da duquesa D. Catarina, como consta da sua escritura de dote, lavrada em 28 de Setembro; dote que constou de 660\$ réis, sendo 400\$ réis de um alvará da mesma senhora em pagamento de serviços e o resto em alfaias e móveis.

PEDRO TACITO SOLMARINHO

(Nome suposto ou pseudónimo, creio eu)

Homem bastante instruído em humanidades, poesia vulgar, lição da história, e disciplinas matemáticas.

E obra sua o Cortesão Fortunato, no qual, à sombra de duas curiosas novelas, se trata toda a história dos Holandeses no Estado do Brasil, e como por eles foi ocupada a Baía de Todos os Santos, etc. dedicado a D. Teodósio II, Duque de Bragança: manuscrito in folio, que se conservava na Biblioteca

Real, diz a Biblioteca Lusitana, donde extratei a notícia deste calipolense, e o mais que vou dizer.

Acaba o cap. 8º e último prometendo 2º tomo, se contentar o 1º, com estas palavras: "*O qual tratado sairá à luz quando esta parte foi bem recebida nos olhos dos que a lerem, e o Tratado terá por título: O Contesão descoberto, e o victorioso triunphante Lucideno*".

Toda a obra, diz Barbosa, está cheia de várias e excelentes poesias de diversa metrificacão.

PEDRO TAGARRO DA SILVA

Escrivão do Ouvidor em 1603 (Notas).

Escrivão da Casa do Duque em 1614 e filho de Diogo Tagarro que ainda vivia (Notas).

Casado com Brazia Nunes de Gâmboa, em 1618. Preso neste ano e criminoso pelo assassinio do mulato Pedro Vaz, perdoado por Domingos Fernandes, irmão do morto e também cativo.

Em 1622 arrendou a sua herdade Tomazes, estando já solto.

Renunciou em 1637 o seu officio de escrivão da Ouvidoria por estar velho, diz a respectiva escritura de Renúncia. Ainda vivia sua mulher.

PEDRO DE VALDERRAMA

"*Muito bom soldado*", é morto em Agacaim na Índia, quando o capitão Fernão de Miranda abordava, uma galeota de Malabares (Couto, Déc. 10, L.3, cap. 10).

Devia ser próximo parente de Apolinário de Valderrama o que não sei explicar.

PEDRO VAZ PEREIRA

Em 1610 foi inspecionar o aqueduto da água da Amoreira em Elvas a requerimento da Câmara de (Elvas).

Arquitecto do Duque em 1633 (antes e depois).

Não teve filhos. Criou em sua casa Jerónimo Roiz e em 1634 casou-ocom a sua segunda sobrinha Maria Pereira, filha de Manuel Pereira seu sobrinho, mo

rador em Castelo de Vide, dotando-os com 6 prédios pequenos em capela com obrigação de 6 missas. Deste matrimónio procederam, segundo parece, Manuel Peireira Botelho e Francisco Pereira Botelho.

Não sei se Pedro Vaz foi casado.

PEDRO VIDAL DE OLIVEIRA

Em 1617 estava em Évoramonte servindo o officio de Escrivão da Câmara. A sua morada era na Corredoura e casas nobres da esquina-sul da travessa de Valderrama.

PEDRO VIEIRA

Filho de João Gomes Vieira (veja-se).

Da mesma sorte que seu pai serviu a Casa de Bragança; e assistiu com elle à expedição de Africa, em que morreu El-Rei D. Sebastião (Parnaso, L. 2, cap 33; e Hist. Geneal., Tomo 6, pág. 310).

Deste mesmo, ou doutro calipolense do mesmo nome, diz o Parnaso de Vila Viçosa no L. 2 cap. 44, que, sendo em moço um estudante cábula-incorrigivel, "*está hoje (1618) em Biscaia sendo ouvido na humanidade com tanto aplauso, como se Cícero da sua cadeira estivera dando as regras e os documentos*".

POLICARPO JOSÉ DE ALMEIDA VALEJO

Tenente de Infantaria de Olivença em 1771. Sargento-mor reformado em 1797. Era filho de Nicolau de Almeida Valejo. Tenente Coronel de milícias em 1802.

Não casou, mas teve a D. Maria Almeida Valejo, bastarda que foi sua herdeira e vivia recolhida na Santa Cruz em 1807, quando o pai era falecido.

D. POLICARPO MATEUS DA SILVA LOBO

Filho de Francisco Xavier da Silva Lobo (veja-se), e 5º na ordem dos varões. Nasceu em 1828.

Assentou praça no exército da Rainha D. Maria II e subindo postos desde soldado raso teve em Setembro de 1883 a promoção de Tenente Coronel de Cavalaria, e dois anos depois a de Coronel do Estado Maior de Cavalaria.

É Calipolense de nascimento e criação. Em 1886 veio para Elvas a comandar o regimento de Lanceiros nº 1. General de brigada em 1892; e segundo combatente da 2ª Divisão Militar (Porto) que deixou em 1893 para se reformar; e logo faleceu em Lisboa a 8 de Abril.

Casou em Lisboa com D. Adelaide Caldeira Pedroso e teve descendência (uma filha).

PROSPERO DO CAMPO

Homem Fidalgo, que nas partes do Oriente deu tanto conhecimento de si como capitão valoroso e nobre, diz o Parnaso de Vila Viçosa no L. 2, cap. 48, acrescentando que ainda vivia no ano de 1618 na cidade de Goa, donde lhe não convinha retirar-se para sua pátria, a lograr o repouso da vida privada, por ter lá muitos bens.

Em 1588 mandou de Goa na armada de João de Tovar Caminha uma encomenda para esta vila dirigida a Diogo Rodrigues, feitor da Casa da Índia, o qual era já falecido em 1589; e foi reclamada pelo licenciado André, que nomeou procuradores em Lisboa para esse fim em 10 de Maio (Notas). Tem ali mais o apelido Lhorente.

Em 1606 já não era sua a horta da Cruz, que ele possuira (Notas). escreveu de 1608, quando as suas casas grandes do alto da rua da Freira foram vendidas a António de Abreu, escrivão da Câmara do Duque, centro daquele quartirão parte oriental, vi que ele se chamava ali Próspero de Campos Leite e sua mulher Branca de Castro; já falecidos em Goa nesse tempo; e também eram já mortos uns irmãos e cunhados seus herdeiros imediatos, dos quais vieram as casas a Gaspar de Sá, morador no Redondo.

PUBLIA HORTENSIA DE CASTRO

Natura, por mostrar quanto podia

Por nosso espanto a trouxe à luz do dia.

(Elp. Dur. -Ode em louv. dos Dorides)

Vou agora dar conta duma heroína, dessas que parecem legendárias ou fabulosas, mas que o não são.

A nossa Publica Hortensia de Castro teve por pai a Tomás de Castro (que julgo ser irmão de Fernão de Castro 1º) e a Branca Alves.

Desejosa esta ilustre Calipolense de se instruir nas ciências, desmentir o seu sexo, estudando em traje de homem na universidade de Coimbra em companhia de seu irmão Jerónimo de Castro, que depois seguiu a vida monástica.

Ali cursou Humanidades e filosofia, em que, contando apenas dezassete anos dependeu conclusões públicas em Évora com grande admiração de todos os espectadores, respondendo com prontidão aos mais nervosos argumentos que lhe opunham, como testifica André de Resende na sua carta a Bartolomeu Frias Albernöz por estas palavras: "*Puella septendecim amorum, Publica Hortensia a Castro, studii Aristotelicis non vulgariter instructa, publice disputans, multis doctis viris, quae proposuerat, convellentibus, cum summa dexteritate nee minore lepore argumentorum cavillationes eluderet, tanta animam tuam perfudisset jucunditate, ut spectaculum pulchrius tu te non vidisse, si adfuisses, utique fatereris*". (Em português: Se visses uma menina de 17 anos, chamada Publica Hortensia de Castro, de não vulgar instrução nos estudos filológicos, disputando publicamente com muitos varões doutos, que lhe serviam de argumentos, e como ela desfazia as suas obrigações com suma destreza e, não menor graça, se visses, digo tua alma se encheria de prazer, e confessarias que nunca tiveras assistido a um espectáculo mais belo).

Não foram menores os progressos, que a sua perspicaz compreensão mistérios desta sublime ciência; do que claro testemunho, sustentando em Elvas outras conclusões, dos quais mereceu ter por ouvinte a Filipe II, Rei de Castela e Portugal, que em aplauso deste acto literário lhe deu uma tença de 20\$000 réis.

Foi uma das eruditas Damas, que no seu palácio teve a Infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel, conciliando por sua descrição a estima desta senhora, e não menos o favor de seu irmão o Cardeal D. Henrique e do Duque de Bragança D. João I.

Faleceu em Évora a 10 de Outubro de 1595, e jaz no claustro do Convento da Graça.

Fazem dela honorífica menção - Nicolau António na Bibliotheca Hispana, Tomo 2º, pág. 347; Francisco de Moraes Sardinha, seu pai patricio e contemporâneo, no Parnaso de Vila Viçosa; Frei Luís dos Anjos no Jardim de Portugal, L. 2, cap. 64; e o Padre Francisco da Fonseca na Évora Gloriosa.

Compôs por ordem da Infanta D. Isabel, mulher do Infante D. Duarte D. Duarte e filha do Duque de Bragança D. Jaime, quando seu filho D. Duarte partiu para a expedição de África na Companhia de El-Rei D. Sebastião, uns - Psalms pela vitória e felicidade do Senhor D. Duarte e Declaração dos ditos Psalms em 4º, ms, os quais se conservavam na Biblioteca Real (diz o au tor da Biblioteca Lusitana, donde estou extraindo este artigo).

A dedicatória à Infanta D. Isabel reza assim:

"Vossa Alteza me ha mandado tirar os versos do Psalterio, com que se podessem pedir a Deus quatro cousas, - vida e victoria para o Príncipe D. Duarte, seu caríssimo filho; item, que Deus o livrasse dos perigos da terra, do mar e dos inimigos: e Vossa Alteza, com mais conversa com os Céus que com nós outros, me deu a ordem, como compuzesse o Psalmo, em o qual havia de pedir estas quatro coisas, s.: que o Psalmo comece em louvores de Deus; o qual eu observei, porque no principio ponho um os dois versos invitatorios ou que convidam a louvar a Deus; e logo um verso com que Vossa Alteza louva a Deus. Depois dos louvores, que se sigam versos de esperanças; no 3º logar a petição; e que acabassem no fim com grandes confianças no Senhor; o qual trabalhei para fazer brevemente por satisfazer ao serviço de Vossa Alteza.

Metera eu estas quatro petições em um Psalmo; mas sahira tão comprido, que causava fastio; e por tanto as dsitribui por seis psalms, porque fossem mais breves.

Os Psalms que colhi do Psalterio, são seis; e accrescento dois inteiros de David, porque tão vivamente pedem a Deus a destruir dos Tuncos, hereges e infiéis, que não pude deixar de os trasladar e ajunctar aos que V. Alteza me pede.

Em cada psalmo por o titulo do que pedi; por que, assim como serve a chave para abrir a porta cerrada, serve o titulo para declaração do seu Psalmo, como diz San' Jerónimo.

O 1º Psalmo é pela vida do Infante D. Duarte; o 2º, 3º, 4º e 5º pelas suas victorias; 6º para que Deus o livre da terra; 7º para que o livre do

mar; e 8º para que Deus o livre dos inimigos".

São compostos estes psalmos de vários versos do Psaltério e ilustrados com breves e eruditas notas.

Compôs mais as seguintes obras:

Flosculus Theologicalis em 4º, ms - constava de várias questões teológicas em diálogo.

Cartas Latinas e Portuguezas a diversas pessoas, em 4º, ms.

Todas estas obras se conservavam no ano de 1614 em poder de Frei Jerónimo de Castro, Religioso da Ordem dos Pregadores, irmão e Condiscípulo da autora.

Até aqui fala a citada Bibliotheca Lusitana.

Acrescentarei que não parece usual e próprio o nome de Publia Hortensia dada a esta nossa patricia, mas substitutivo de nome baptismo como recordando um grande orador Romano, contemporâneo, de Cícero - Publia Hortensia ou Quinto Hortensio, cognominado por sua eloquência o rei do foro; porquanto no Panorama, vol. 5º, páq. 310 está uma tradução da Viagem do Cardeal Alexandrino a Portugal no ano de 1571 por J. B. Venturino feita por Alexandre Herculano sob título de Archeologia que assim o dá a entender. Veja-se: "*Tem (Villa Viçosa) formosas mulheres, e entre outras uma que não o é menos da alma que de corpo, filha de Thomé (Thomaz) de Castro, à qual por sua muita litteratura chamam Publia Hortensia. Esta donzella, que tinha estado em Salamanca, quiz defender conclusões naturaes e legaes; o que não teve logar por causa da subida partida do legado*".

Deste escrito pois, que era inédito antes de o publicar Herculano (em parte) parece deduzir-se que a nossa pátria tinha outro nome de baptismo, substituído posteriormente pelo honorífico de Hortensia, mas tenho provas de que aquele nome era verdadeiro. A primeira é uma escritura pública de 25 de Agosto de 1588, lavrada nas Notas do tabelião António Cordeiro, donde consta, sendo ela então residente em Lisboa, entregara 80\$ réis a seu irmão padre frei Diogo da Silva, dominico, para este os emprestar a Francisco Rodrigues, morador nesta vila, em nome dela Publia Hortensia de Castro, devendo ficar na sua mão em Depósito à conta de um dote de 350\$ réis no caso de ela se resolver a professar freira, ou ser restituído no caso contrário; e esta escritura foi lavrada em casa de sua mãe viúva, Branca Alves, que ainda vivia.

Depois achei novas escrituras em que figurou como ser testamenteiro o irmão frei Jerónimo de Castro, domínio assistente no Convento de Mérida. E pois indubitável ser verdadeiro o seu nome, porque não se encontra menção doutro nas ditas escrituras, quando aliás é frequente haver com dois nomes: um para o século e outro para a sua religião; mas disso dão explicações as escrituras públicas.

Se ela porém estudou em Salamanca ou em Coimbra, é coisa que não me proponho resolver, bastando-me constatar, que se trata aqui de uma história verdadeira.

Segundo uma escritura de 26 de Junho de 1602, veio a esta vila seu irmão e testamenteiro Frei Jerónimo de Castro assistente no Convento de Santo André Mérida, para cumprir o seu testamento: Nessa escritura, diz ele, que a dita sua irmã ordenava que do remanescente dos seus bens, que foram 50\$ réis formasse um capital para tença a favor de suas irmãs freiras, em que era uma chamada Maria Eufemia de São Jerónimo, professa na Santa Cruz (tudo a seu alvedrio); e assim, comprou a Estêvão Dias a favor desta um censo de 3\$333 réis com os ditos 50\$000, imposto numa horta de Chelles. Isto fez com licença do seu patriarca Vicelegas.

Frei Jerónimo de Castro ainda vivia em 1614 sendo morador no seu Convento de Mérida como consta escritura em que lhe outorgou por procuração ao Licenciado Gaspar Fernandes de Torres em 16 de Fevereiro sobre demandas que houve sobre os bens de sua irmã Publia.

Vivia Frei Jerónimo no Convento de Mérida, sendo Provedor em 1615. Veio a Vila Viçosa e deixou uma procuração a suas irmãs: Eufémia de São Jerónimo, professa na Santa Cruz; e, Paula do Espírito Santo, professa no Mosteiro da Conceição de Biga para administrarem os bens da sua finada irmã Publia Hortensia de Castro.



QUINTERIO JOSE PRADER

Lavrador em 1769.



D. RAFAEL DE LUCENA NORONHA ALMEIDA E FARO

Escravo Mesário de Nossa Senhora, em 1804.

Filho de D. Joaquim Eugénio e do seu segundo matrimónio. Seguiu a carreira militar, acabando no posto de Major reformado de cavalaria e no estado de solteiro, a 20 de Março de 1816.

Teve sepultura no jazigo da Esperança.

RAFAEL PEREIRA

Nasceu nesta vila, tendo por pais a Baltazar Fernandes e Isabel Rodrigues. Entrou para o Colégio dos Reis no 1º de Maio de 1684; e acabado o curso, ordenou-se e foi Capelão da Real Capela desta nossa vila.

RAFAEL DE TORRES VAZ FRADE BICHOVERDE

Era filho de João de Torres da Silveira Bichoverde (veja-se). Nasceu na Freguesia de São Bartolomeu onde foi baptizado a 23 de Julho de 1774. Assentou praça no 2º Regimento de Infantaria de Olivença; e no ano de 1806 era já casado com Eugénia Francisca. Teve a fortuna de sair sã e salvo da guerra Peninsular e portanto com grande acrescentamento em seus postos: estava feito Tenente Coronel de Infantaria nº 16; e foi depois reformado no posto de Coronel.

Passando então a ser administrador do Hospital de Runa, de militares inválidos, ali se conservou até 1834: ano em que, fechando-se o mesmo hospital, passou a viver de seus soldos em Lisboa, onde faleceu, pouco mais ou menos, em 1840, nomeadamente por sua herdeira a sua irmã D. Margarida de

Torres, solteira, que tinha ido para a sua companhia.

Não deixou descendência.

Teve um tio paterno do mesmo nome baptizado em São Bartolomeu no ano de 1729.

RAFAEL VAZ FRADE

Escrivão do Almojarifado da Casa de Bragança, em 1710. Era do Alandroal e casara cá com Girôa, filha de António de Torres.

Era cunhado de João de Gusmão.

Outro Rafael, tio de João de Torres da Silveira era falecido no Rio de Janeiro, em 1774, sendo Tenente de artilharia. A mãe de Rafael e seus irmãos dão procuração para receberem os bens dela.

REIMÃO

Há apelido de um homem que em nossa vila instituiu uma capela em que entrava a horta do Ribeiro do Beijudo, que está por baixo dos Pelames e por cima da horta de São Luís. É antiga esta capela, pois o Reimão já era falecido em 1588; e neste ano administrava a da Capela uma Joana da Costa que vivia em Lisboa (Notas).

Em 1785 era administrada esta capela por Paulo Martins, morador em Lisboa, que fez dela arrendamento a José Joaquim Miguéns por 12\$ réis.

ROBERTO DIOGO DE ARAOJO

Natural de Borba e filho de Braz Rodrigues e Luísa Maria.

Em 1783 era Capitão de Milícias e, ainda em 1808.

Ouvi que tinha as agências de armador e director de funerais, etc. e morava na casa nobre da rua de António Homem, que tem duas janelas de sacada para a Praça Nova: parece, porém, que não era nascido em nossa vila.

Casou em São Bartolomeu, com D. Mariana Teresa da Silva Ramos, calipolense filha de Domingos da Silva e de Maria Correia, da qual enviuvou em 1800, ficando-lhe uma filha D. Ana Bernarda da Silva Ramos, que foi Freira num dos Conventos desta vila. Esta Mariana Teresa da Silva era sobrinha e

foi herdeira por testamento do Padre Cristóvão da Silva Ramos: razão porque possuía as casas da Praça por baixo da rua de António Homem.

Faleceu em 22 de Setembro de 1820; e então as suas casas foram vendidas a Simão de Oliveira.

ROBERTO TORNAR

Estrangeiro e filho de Estêvão Tornar e Raquel Pheppe (parece ingleses ou castelhanos).

Veio para Vila Viçosa para ser mestre de música da Capela Ducal e do Duque de Barcelos D. João que foi Rei de Portugal; pois estudara aquela arte com Gui de Gresseem, discípulo do célebre Capitan de Madrid.

Casou na Matriz em 1617 com Catarina Lopes de Quintana, filha de Domingos Lopes Quintana e de D. Ana de Castelhanos, de quem houve descendência.

Em 1692 adquiriu por compra (22\$ réis) o terceiro prédio da rua de Santa Luzia da faceira do poente a contar do norte, e que haviam sido já do Licenciado Jerónimo Soares Homem.

Era já falecido em 1637, quando sua filha Ana Maria de Quintana foi dotada com as suas casas, para casar com Gonçalo Toscano Foreiro.

Creio que faleceu muito antes de 1640; pois nesta época já era Mestre da Capela o celebrado Rabelinho (João Lourenço Rebelo).

D. RODRIGO D'ALENCASTRO

Bisneto de D. Dinis, que era irmão do Duque D. Jaime. Mandou sepultar-se em Santo Agostinho, onde jaz hoje no centro do cruzeiro. Vivia em Madrid no ano de 1588; e era lá seu procurador, o segundo Afonso de Lucena, que lhe fez arrendamento da sua herdade de Santa Margarida no termo de Monsaráz (Notas). Parece ter falecido ali por 1598.

Foi seu testamenteiro João Viegas, agente do Duque em Madrid (Notas). Fora mordomo-mor de El-Rei em Madrid (notas).

Deixou a Afonso de Lucena, um dos seus testamenteiros, uma cama de tafetá com sobrecéu e colcha da Índia; a qual foi entregue em 1607. O outro testamenteiro foi Rodrigo Rodrigues.

RODRIGO ALVARES

Cirurgião-mor de Cavalaria em 1675, casado com Maria Restrolha.

RODRIGO CALDEIRA

Fidalgo da Casa do Duque D. João II. Era filho do Dr. Desembargador Fernando Caldeira lente de prima de leis e de D. Leonor Caldeira, sua prima irmã.

Passando em 1640 a viver em Lisboa, era ali Fidalgo da Casa Real e Cavaleiro de Hábito de Cristo.

Casou nesta vila com D. Joana da Veiga Cabral, sua prima, de quem teve a Sebastião da Veiga Cabral. Faleceu ali por 1650.

Veio a ser bisavô do bispo de bragança D. António Luís da Veiga Cabral e Câmara, falecido em 1819.

Os Caldeiras eram antigos e muito considerados em Vila Viçosa, como se tem visto.

RODRIGO FRANCO DE ARAÚJO

Casado com Mecia Silveira da Veiga, filha de Sebastião Alvares e de Isabel Rodrigues, já falecidos em 1654.

Em 1659, e já em 1652, era Capitão de Auxiliares infantis da Companhia da nossa vila, como consta da Vereação de 17 de Maio do mesmo ano, em que a Câmara lhe nomeou por Alferes o Francisco Pazes.

RODRIGO DA GUERRA

Vereador em 1609, casado com Isabel Roiz Robles, filha de Alvaro Roiz.

Era já falecido em 1618. Deixou estes filhos: Inês da Guerra, que casou com o Licenciado Sebastião Vaz Almirante; Jerónimo da Guerra; Jerónima Loba e, Doroteia da Guerra, ainda solteira em 1692.

D. RODRIGO MANUEL (DE MELO?)

Era filho de D. Cristóvão Manuel; foi Fidalgo da Casa da Bragança; teve

as Comendas de Santiago de Miranda e das Alcáçovas, e a Capitania de Chaúl na Índia. Faleceu em 1615 (Hist. Geneal. Tomo. 6, pág. 659).

Casou na Capela Ducal com D. Isabel de Vilhena em 1568, lavrando-se o assento respectivo no registo da Matriz; mas em 1601 acho ser casado com D. Filipa de Castro. Morava na vila das Alcáçovas.

Neste ano resgatou D. Teodósio II, por 540\$ réis uma tença de 90\$ réis de que seu avô D. João I lhe fizera mercê em 1565 (Nota de 9 de Outubro).

RODRIGO MENDES

Em 1750 tinha acabado o serviço de soldado de cavalos da Companhia do Coronel Manuel Lobo da Silva, mas devia-lhe o Estado 45\$151 réis.

Foi Procurador do Povo, tendo por colega a João José da Ascensão, sapa-teiro. Em 1780 requereram ambos e obtiveram que se decretasse uma Postura para não entrar vinho de Fora do Concelho, enquanto houvesse do nosso, com pena de 6\$000 réis.

Era natural das Alcáçovas e filho de Francisco Mendes e Agueda do Espírito Santo.

Casou nesta vila em 1727 com Maria de Jesus, viúva de João Rodrigues; e depois tornou a casar com Mariana Teresa da Silva; a qual faleceu em 1781. Ele viveu ainda até 22 de Outubro de 1796, sendo outra vez casado com Rita Joaquina.

Creio que tiveram a Tiago Mendes; e este a Crispim Mendes, ambos sapa-teiros e tesoureiros da Câmara por serem também proprietários.

Houve na Matriz outro Rodrigo Mendes natural desta vila, o qual casou em 1730 com Leonor Pires. Era filho de Estêvão Mendes e Maria Mouró.

RODRIGO NOGUEIRA DA FONSECA

Licenciado, morador nesta vila em 1614 e anos seguintes (Notas).

Era falecido em 1616; e sobrevivia-lhe sua mulher Cristina da Silva.

RODRIGO RODRIGUES

Em 1585 era Escrivão da Câmara e Chancelaria ou Secretário do Duque D.

Teodósio II (Hist. Geneal. Tom. 6 páq. 660).

Chamavam-lhe Rodrigo Rodrigues Oráculo, por ser o principal conselheiro do mesmo Duque.

Em 1603 foi padrinho de certos fidalgos no torneio das festas do casamento do mesmo D. Teodósio II (Ibid. páq. 434).

Casou com D. Maria de Valadares. Teve um filho chamado Francisco Rodrigues Valadares (veja-se), que em 1618 era colegial no Colégio de S. Paulo de Coimbra e prometia vir a ser uma notabilização literária, diz o Parnaso de Vila Viçosa, no L. 2, cap. 57. Foram também suas filhas legítimas - a Madre Catarina Evangelista, que professou no Convento de Santa Cruz, em 1600 e faleceu em 1695; a Madre Isabel dos Anjos, professa no mesmo Convento em 1602; e a Madre Francisca da Apresentação, que professou no ano seguinte, dotadas todas a 350\$ réis.

Em 1588 vivia ainda sua primeira mulher Maria de Valadares, assim como vivia em Mourão, o pai de Rodrigo, chamado Manuel de (...) a quem passaria uma procuração.

Depois de viúvo, casou com D. Maria de Castro, também viúva de Lopo Vaz de Almeida. Em 1601 era já casado com a segunda mulher. As filhas deles foram todas freiras na Santa Cruz e as dela nas Chagas.

Francisco Rodrigues de Valadares, o filho varão mais velho dele, foi padre; e deixaram somente no estado livre a Manuel de Lemos, filho dele, e por fim casaram-nos. Deste matrimónio procedeu outro Rodrigo Rodrigues de Lemos, que acompanhou a D. João IV, para Lisboa e teve lá cargos elevados.

Em escritura de 10 de Fevereiro de 1607 declarava ele e sua segunda mulher D. Leonor de Castro, que tinham já colocado no Convento de Santa Cruz as filhas dele, filha de sua primeira mulher; e que Joana de Padia estava já contratada e recolhida para professar; e que nas Chagas tinham metido freiras as filhas de sua segunda mulher: Ana da Conceição, Leonor do Céu, e Francisca de Jesus, filhas também de Lopo Vaz de Almeida: Total 6 freiras e uma noviça. Declararam mais - que o filho mais velho varão de Lopo Vaz, chamado André Mendes de Almeida tinha recebido a tença de seu pai e se achava casado; e que só restavam para herdeiros da sua casa Manuel de Lemos e Francisco Rodrigues de Valadares, filhos deles, e D. Catarina da Silva, filha dele.

Quanto ao Francisco estava dedicado à vida eclesiástica, e portanto re-

solviam dotar os 2 restantes Manuel de Lemos e D. Catarina, para casarem um com o outro, formando neles um morgado constante de 12\$ cruzados, em que entrariam 1º - os bens móveis do casal; 2º - as casas nobres em que residiam na rua das Cortes ao cimo; 3º - a horta do D. Félix Teixeira, junto à Aldeia; reservavam porém, o usufruto destes bens durante sua vida, e no caso de não terem descendentes os noivos, ficaria morgado sem efeito. Mas houve descendência. A instituição do morgado havia contudo de ser formada numa outra escritura.

Para colocar as filhas e enteadas nos conventos com seus dotes para freiras teve de fazer muitos sacrifícios, porque os dotes de 300\$ e 400\$ réis com as propinas ordinárias eram então cada um o preço de uma herdade; e tanto que em 1607 vendeu a Catarina Álvares um censo a retro de 8\$ réis na horta de Félix Teixeiras por 100\$ réis, isto é pagando um juro de 8 % (Notas). No mesmo ano vendeu outro de 14\$ réis a Pedro de Melo de Castro na mesma horta de 200\$ réis, ou a 7 %.

Era já falecido em 1622, sobrevivendo-lhe sua segunda mulher (Notas).

RODRIGO RODRIGUES

Tabelião da judicial em 1633, casado com Luzia Gomes (Notas), de quem já era viúvo em 1642.

Neste ano meteu no Convento de Santa Cruz a sua Filha Isabel Franca afim de professar ali com dote de 350\$ réis, sendo 200\$ réis em fazenda e dando pela comedoria do noviciado e mais tempo - 12\$ réis anuais.

RODRIGO RODRIGUES DE LEMOS

Era filho de Manuel de Lemos e de D. Catarina da Silva (veja-se), e casou com D. Joana de Figueiredo. Já tinha o grau de licenciado em 1637.

Seguiu a Corte para Lisboa, e teve ali a Madre Mariana dos Mártires que professou na Santa Cruz em 1673, com dote de 2.250\$ réis por tudo.

Em 1661 fez arrendamento da horta de Félix Teixeira em 33\$ réis, 2 alqueires de nozes e 4 galos.

Era então secretário de El-Rei. Vivia ainda lá em 1668. Em 1669 faz arrendar a sua herdade da Raposeira nas Ciladas.

Em 1672 veio cá e aforou umas casas e pardieiros que tinha na Aldeia dos Buzios. Era falecido em 1675. Parece que só teve uma outra filha, de nome D. Catarina da Silva e Castro, a qual casou com Francisco de Baena Sanches, que foi quem ficou arrendado a horta de Félix Teixeira as herdades da Raposeira e S. Rafael, etc. enquanto vivo e a dita D. Catarina depois de viúva.

Casou ultimamente com D. Joana de Figueirôa que vivia em Lisboa no ano de 1680, sendo viúvo.

D. Catarina ainda vivia em 1700, sendo viúva. Em 1703 aforou em 20\$ réis, 6 cabos de cebolas, 6 galos e 2 alqueires de nozes ou o seu valor a Domingos Pereira, e dali veio à dita horta de Félix Teixeira o nome da horta do Pereirinha. O marido deixou vocalmente à sra. da Conceição do Castelo para uma lâmpada - 1 olival a Val de Pegas com Cabeceira de vinha, uma vinha à Cocheira e um foro de 1.700 réis; e a viúva fez entrega destes prédios. O olival foi aforado pela Confraria em 1703 por 4 alqueires de azeite e a vinha em 750 réis.

RODRIGO XARA QUEJMADO

Já era morador nesta vila e casado com D. Isabel da horta em 1662.

Era Bacharel formado em Medicina. Por não descender de famílias de Vereadores, houve muita oposição dalguns patrícios seus para se lhe não pôr cantaro nas eleições municipais, e não vir conseguintemente pautada para Vereador; mas ele, que adquirira já nobreza pelo seu mérito pessoal, agravou para o Desembargo do Paço e alcançou sentença a seu favor em 1668: ainda assim a Câmara actual protestou contra a sentença; porém debalde. Foi Vereador não menos de seis vezes (1674, 1684, 1688, 1691, e 1694).

Parece-me que era de Monsaráz, pois a sua viúva em 1708, doou todos os seus bens a sua sobrinha Paula de Pina Chaves, que lá morava.

Era já falecido em 1698.

Foi mesário da Misericórdia em 1666/67. Teve o partido da medicina do Hospital desde 1660. Foi sepultado na capela-mor da igreja das Chagas em 25 de 1695. Creio que não teve descendência.

Obteve o hábito da Ordem de S. Tiago e teve brasão com dois ramos de esteva, aludindo ao apelido Xara, que também significa esteva.

ROQUE FRANCO COELHO

Serventuário do officio dos Órfãos em 1684.

RUY D'ABREU DE SOUSA

(Ruy era contracção de Rodriquo).

Vivia em 1554, sendo Fidalgo do Duque D. Teodósio I, (Hist. Geneal. Tom. 6, páq. 59).

Era Calipolense e filho de Sebastião de Sousa d'Abreu (veja-se).

RUY DIAS COELHO

Moro da Câmara do Duque de Bragança, D. Teodósio I, diz Diogo de Couto, Dec. 6, L. 8, cap. 10. Servia de Capitão-mor do mar de Maluco em 1549.

Foi numa fusta, com Manuel Lobo noutra, fazer guerra ao rei de Geilobo, mandado por Bernardim de Sousa, capitão de Ternate (Ibid).

RUY LOPES DE SOUSA

Era fidalgo da Casa de Bragança, já em 1602 e comendador, residindo em Vilavelho, termo de Chaves; tomou parte na comitiva do casamento do Duque D. João II, montado em bom ginete e sua mulher D. Paula em coche, assistida por seu cunhado Fradique Lopes de Sousa (diz Cadornega).

Parece não ter tido casa assente nesta Vila Viçosa. Vivia cá em 1637 e 1638 com sua mulher D. Paula de Vilhena, que era natural de Viseu e filha de Valério Coelho e D. Maria de Sousa. Assim consta, de uma procuração para reclamação de seu dote.

Vereador em 1639 (Notas). Nesse ano arrenda por 40\$ réis a sua comenda de S. Pedro de Monsaráz.

RUY MENDES

Juiz Ordinário da nossa vila em 1529.

RUY DE SANDE

Rui de Sande, filho de Guiomar Machado, era menor em 1623 e vivia a mãe em 1638.

Afigura-se-me pai de Fernão de Sande e de D. Jerónima de Sande Corte Real, fundadora da Capela da Assunção ou da Senhora do Pilar na Esperança; de frente da qual está a sepultura sobredita.

Faleceu em 19 de Outubro de 1649.

Note-se que Ruy de Sande vale o mesmo que Rodrigo de Sande.

Acho notícia de outro Ruy de Sande, filho de Manuel Sande e Vasconcelos e de Margarida de Almeida, baptizado na Matriz em 1626. Era neto do precedente. Houve uma filha de nome D. Luísa de Vasconcelos que a avó Margarida de Almeida dotou em 1665, em 400\$ réis por tudo para professar na Santa Cruz, os pais deste Rui de Sande e D. Leonor Mexia, já eram falecidos.

RUY DE SANDE DE VASCONCELOS

Ruy de Sande, escrivão dos Orfãos em 1590, era casado então com D. Serigada.

Ruy de Sande era falecido em 1616; mas vivia sua mulher D. Antónia da Silveira, filha de Manuel da Silveira, (Notas). Teve a Manuel de Sande de Vasconcelos, que em 1622 era maior de 25 anos.

Fidalgo da Casa de Bragança na primeira metade do século XVII. Está na Igreja da Esperança a sepultura sua e de seus herdeiros com brasão de armas.

Foi casado com D. Francisca da Silveira, que já era viúva em 1605 (Notas).

RUY DA SILVA

Vereador em 1624 (Notas).

RUY DE SOUSA (era o Lopes?)

Fidalgo da Casa de Bragança, do qual diz Cadornega ter figurado em 1636

na comitiva do casamento do Duque D. João II, chamando-lhe Ruy de Sousa do Rocio para o distinguir do seguinte.

RUY DE SOUSA PEREIRA

Este morava na rua dos Fidalgos e casa, que faz esquina para a travessa da Amoreira, do lado da Praça Nova.

Era Alcaide-mor de Montalegre e Comendador de São Bartolomeu de Rabal.

Duma escritura de 29 de Setembro, de 1602 consta o contrato feito com Manuel Fernandes, alfaiate de Badajoz, para lhe arranjar o vestido de gala com que devia concorrer à boda do Duque.

Quando casou a primeira vez com D. Mécia de Melo, dama da duquesa D. Catarina, assinava-se Rui de Sousa Pinto, como se lê na escritura de dote, feita em 15 de Outubro de 1588. Foi de 1.796\$ réis o dote da sua dita mulher, entrando nele umas tenças, uma de 30\$ réis e outra de 80\$ réis e muitas alfaias e A dita escritura foi lavrada no Paço Ducal.

D. Mexia era filha de D. Violante da Silva que faleceu no Alandroal, em 1602 (Notas).

Foi fidalgo do Duque D. Teodósio II, à qual acompanhou a Elvas em 1619 (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 463); e seu Copeiro-mor. O mesmo Duque o escolheu para aio de seu filho D. João II, que veio a ser Rei de Portugal. Assis- tiu em 1633 ao casamento deste último; e no seguinte logrou a honra de chegar à pia baptismal o Príncipe D. Teodósio III, sendo já adiantado em anos. Vê-se portanto que a gosou de muita consideração e estima.

Descendia de Vicente de Sousa de Távora 1º e de sua segunda mulher D. Maria Pegada, de Elvas, Casou em primeiras núpcias com D. Mécia de Melo filha de Jorge de Melo, de quem não houve descendência; e passando a segundas núpcias em 1613 com D. Francisca de Noronha, sobrinha de sua primeira mulher, também não teve filhos.

Em 1608 arrendou por 180\$ réis os frutos da sua comenda a S. Bartolomeu de Rabal (Notas). Senhor da horta junto do Pinhal de Elvas, chamada então V. Alvarez.

Em 1634 mandou fazer na sua quinta dos Paços, em Pardais a fonte de mármore que lhe custou 20\$ réis e foi feita pelo canteiro Manuel de Torres; e em 1638 acrescentou o prédio de casas com uma cozinha nova com chaminé de 9

palmos.

As herdades de Santa Lúzia eram: Santa Luzia, Penedos, Louções, Pereiros e duas de Rabo de Pegas total 16.

Em Setembro de 1642 já era falecido. Foi sepultado no jazigo da Capela de Nossa Senhora dos Prazeres da Igreja de Santa Cruz, que sua segunda mulher comprou, para instituir ali uma capela de duas missas quotidianas, administrada pela Misericórdia (Veja-se o cap. 7 do Tomo IV).

Nos bens dessa capela entraram as quintas dos Paços e de Patinhos em Paçais; donde julgo ser Ruy de Sousa o fundador da casa, que por ser nobre, tem o nome de Paços e deu o nome à primeira das mencionadas quintas.

Foi Vereador (ao menos) em 1604, 1607, 1615, 1628 (L. 1 dos Reg. da com. fl. 79, v.) e Provedor da Misericórdia em 1639 - 40 e mais vezes.

Sua mulher D. Francisca de Noronha, por ser muito mais nova, viveu até 5 de Janeiro de 1652.

Como costumavam ir ouvir missa a Santa cruz, quiseram ter ali a sua sepultura.

RUY VAZ CAMINHA

Fidalgo da Casa de Bragança, falecido em 12 de Abril de 1577.

Foi criado com Catarina Sarmento que se finou a 3 de Junho de 1597. Jazem na capela-mor das Chagas em sepultura própria.

RUY VAZ PINTO 1º

Senhor de Ferreiros e Tendais, Alcaide-mor de Chaves e de Montalegre e Adiantado ou Fronteiro-mor de Entre Douro e Minho. Foi em 1476 na batalha de Touro (Hist. Geneal; Tom. 6, pág. 44 e 656).

Era filho de Aires Pinto e foi pai de Gonçalo Vaz Pinto 1º (Veja-se este nome).

RUY VAZ PINTO 2º

Neto do precedente, como filho de seu filho Gonçalo Vaz Pinto 1º.

Era Calipolense de nascimento; assistiu em 1513 à conquista de Azamor

com o sobredito seu pai, a quem, como mais velho, sucedeu no senhorio de Ferreiros e Tendais.

Foi Alcaide-mor de Chaves, Camareiro-mor do Duque D. Jaime, e do Conselho de El-Rei D. João III.

Casou com D. Joana Pereira, filha de Fernão Rodrigues Pereira, o Pássaro de quem teve a Gonçalo Vaz Pinto 2º, Vicente de Sousa de Távora 1º, Nuno de Távora de Sousa Pinto; e D. Francisca de Castro, que casou com D. Cristóvão Manuel de Vilhena, filho de D. Francisco Manuel, Alcaide-mor de Portel e Comendador de Moreira, de quem procedeu Pedro da Cunha de Mendonça e os senhores de Melo (L. de Fam. dos Sousas).



SALVADOR DE BRITO PEREIRA 1º

Era segundo filho de Cristóvão de Brito Pereira 1º (veja-se); foi Fidalgo do Duque D. João I; e teve a Comenda de Monsaráz e a Alcaidaria-mor de Alter do Chão. Morreu em 1518 na Batalha de Alcácer-Quibir (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 309; e Parnaso de Vila Viçosa, L. 2, cap. 33, e principalmente no 59, onde está o seu elogio, como guerreiro), tendo o mesmo fim que seu irmão Fernão Rodrigues de Brito Pereira 1º.

Creio que era Solteiro.

SALVADOR DE BRITO PEREIRA 2º

Filho de Cristóvão de Brito Pereira 2º (veja-se).

Foi Trinchante-mor do Duque D. João II; e figurou na comitiva do seu casamento.

Era Vereador em 1640, e assim assistiu em 7 de Dezembro à aclamação do mesmo Duque, como Rei, nesta vila: mas no ano seguinte mudou o seu domicílio para Lisboa, seguindo a Corte.

El-Rei lhe deu em 1649 a Capitania da província do Rio de Janeiro, que ele regeu com geral satisfação; e acabou ali os dias de vida, em 1615.

Tinha casado em Portalegre com D. Brites da Fonseca, filha de Fernão Tavares Falcão e de D. Maria da Fonseca, da qual houve quatro filhos a saber:

Cristóvão de Brito 4º (veja-se); D. Luísa Pereira, que casou com D. João da Cueva, Comendador do Pinheiro; Fernão Pereira de Brito, que lhe sucedeu na varonia; e o Beato João de Brito, que em 1853 foi elevado às honras do culto público pelo Papa Pio IX, como Mártir da Missão de Malduré. Dele faremos comemoração no 1º de Março; e se lhe não dedico aqui um artigo especial é por ter nascido já em Lisboa no ano de 1647.

Juiz do Sacramento em São Bartolomeu, em 1632-33 (Notas).

SALVADOR MONTEIRO

Licenciado, serviu de testemunha, em 1642.

Foi Procurador do Concelho em 1652 e 1658.

Em 1618 vivia na Matriz um homem deste nome, sendo casado com Catarina Rodrigues; e teve nesse ano um filho, chamado também Salvador, por ser afilhado de Salvador de Brito Pereira 2º. - O sobredito era um destes dois, ou pai ou filho.

SEBASTIAO D'ALMEIDA DE FIGUEIREDO

Casou na Matriz em 1639 com Isabel da Silva, de Vila Viçosa também. Foi eleito Capitão de Ordenanças em 25 de Novembro de 1641; e teve o cargo de Vereador, em 1647.

SEBASTIAO DE ARAÚJO

Feitor de S. A. D. Catarina em 1602.

Cavaleiro da Duquesa D. Catarina e seu porteiro, em 1606 (Notas).

Feitor do Duque em 1619.

FREI SEBASTIAO BARBOSA

Foi apresentado na abadia de Covas de Barroso, termo de Montalegre, em 1634; e para lá foi com sua mãe Maria Bispa, dona viúva (de que marido?).

SEBASTIAO BARRADAS

Este homem era feitor de Fernão de Sousa, em 1628 e enquanto ele governava o reino de Angola. Morava na quinta da Serra de Santo André donde veio chamar-se a dita Serra, até agora Serra de Barradas. Ainda lá vivia com o mesmo ofício, em 1649.

SEBASTIAO DE BESSA DE BARROS

Copeiro pequeno do Duque, em 1610, casado com Leonor de Faria (Notas).

Em 1626 tratava de meter duas filhas no Convento das Maltezas, de Estremoz. Em 1637 era já falecido. Sua viúva Joana de Bessa para professar na Santa Cruz.

SEBASTIAO DE BRITO DE CARVALHO E ABREU

Foi Vereador em 1839, 1841, e 1842.

Era, segundo ouvi natural de Elvas e possuía um morgado em Montemor-o-Novo. Tinha casado com D. Mariana Bárbara Fallé Ramalho, irmã de José Anastácio Ramalho fallé que casava com uma irmã sua (D. Maria Rita); e como todos eram Miquelistas vieram refugiar-se em Vila Viçosa, até que, serenando as perseguições dos Liberais, tornou para Elvas. Teve descendência.

SEBASTIAO DANTAS

Cônego da Colegiada de Ourém. Era filho do Licenciado Arcádio de Andrade.

Seguiu a vida eclesiástica. Em 1617 obrigou-se a fazer dote de mil cruzados a sua irmã Catarina Madureira, entrando-lhe nele a sua legítima e uma tença do Duque; e pondo ele o resto em bens de raiz que possuía em Ourém. (Notas).

SEBASTIAO DE FARIA

Cônego de Ourém no ano de 1658 e seguintes. Era filho de Pedro de Faria e de Isabel Simões. Vivia em Ourém com sua irmã Mariana de Mariz.

SEBASTIAO FERNANDES LEITE OU CONDESTAVEL

Este homem tinha tal apelido por ser Condestável de Artilharia em 1656, e ainda em 1659.

Em 1656 comprou umas casas no Castelo e rua da Cadeia a Manuel Dias por 47\$, talvez ele as melhorasse e que seja o melhor prédio que ali existe.

Foi procurador do Concelho em 1662. Nesse mesmo ano prestou fiança para ser almoxarife da Casa de Bragança.

Em 1665 estava preso na cadeia e posto a ferros, e para lhe serem tirados destes, deu por fiador a João Nunes, espingardeiro em 19 de Janeiro.

No ano de 1666-67 foi mesário da Misericórdia um Sebastião Fernandes Leite que não sei discernir se é este mesmo individuo.

Vivia em 1668 casado com Leonor Solteira.

D. SEBASTIAO DE LUCENA E NORONHA

Era filho de Joaquim Eugénio de Lucena, e de D. Rosália Leonor Delgado, sua segunda mulher; e foi baptizado em São Bartolomeu a 3 de Março de 1775.

Seguiu a carreira das armas e achava-se feito Capitão de Infantaria nº 22, quando foi demittido pelo Marechal Beresford no tempo da Guerra Peninsular.

Tornando a vida de paisano, elegeram-no para 1815, 1818, 1821 e 1822: em que faleceu a 7 de Outubro; e foi sepultado no jazigo da Capela-mor da Esperança.

Casava com D. Maria do Carmo Lobo e Mesquita, de quem houve quatro filhos, que lhe sobreviveram a saber: D. Bernardo de Lucena e Noronha, de quem dei notícia; D. Maria, que não tomou estado; D. Joaquina, que casou com o Capitão Damasco de Cavalaria nº 2; e D. Rosália d'Ascensão Lucena e Noronha, que casou com Inácia da Costa de Carvalho 2º. Só o varão deixou descendência.

SEBASTIAO MENDES DA ROCHA

Calipolense, filho de Damasco Joaquim da Rocha, natural de Fronteira, que veio para esta vila por cantor da Real Capela e foi depois Mestre de Latim do Colégio dos Reis e de Mariana Rita, de Campo Maior. Nasceu em São Barto-

lomeu a 16 de Dezembro de 1833.

Na sua mocidade aprendeu música, e saiu excelente pianista, organista e rebequista.

Assentando praça de soldado no regimento de Cavalaria nº3, e sendo Sargento, casou com D. Maria Isabel, filha do primeiro matrimónio que Joaquim Cipriano dos Santos (veja-se), Almojarife da Casa de Bragança.

Promovido pouco depois a Alferes Arquivista da 7ª Divisão Militar (Estre moz), ficou pertencendo ao Estado Maior; e quando se reduziram as Divisões Militares, passou a exercitar seu ofício na 4ª (Évora).

Em 1883 já o vi feito Capitão.

SEBASTIAO DE SA

Era Fidalgo do Duque D. João II; e figurou em 1633 na comitiva do seu casamento, segundo Cadornega.

SEBASTIAO DE SANTA MARIA

Deste santo varão e missionário nas plagas inóspitas da África ocidental se lê em extenso elogio na História das Sagradas Congregações de São João Evangelista em Portugal pelo Padre Francisco de Santa Maria, pág. 898 e seguintes, donde vou transcrevê-lo na sua maior parte.

"Entre os Cônegos que foram à Missão do ano de 1521 com o Príncipe D. Henrique (1), tem justamente o primeiro lugar o Padre Sebastião de Santa Maria, como Prelado dos outros e superior, não só na dignidade, mas na virtude. Nasceu este ilustríssimo varão em Vila Viçosa, por sítio, por grandeza, por excelências, umas das melhores e mais insignes povoações do Reino.....

Nesta illustre vila ... nasceu o Padre Sebastião de Santa Maria, de pais humildes e pobres, mas que lhe souberam dar o mais seguro princípio de uma boa fortuna, qual é a boa criação. Com os anos se foi descobrindo nele uma indole virtuosa e natural agilidade e esperteza: razão porque o Duque D. Jaime o quis em sua casa, ocupando-o no seu serviço, e dispondo que juntamente se applicasse ao estudo. Em um e outro emprego se esmerou muito como quem entendia, que em servir grangeava a vontade de seu senhor, e em estudar se fazia

digno dos seus favores. Sendo de vinte anos, tocado de Deus, se deliberou, a qual elle lhe louvou muito, e prometeu que brevemente veria satisfeito o seu desejo. Costumavam os nossos Geraes, quando iam visitar o Convento de S. João de Evora, passar a Vila Viçosa a beijar a mão do Duque, como o singular protector da nossa Congregação. Foi o Geral por este tempo àquella Corte, e o Duque lhe pediu quizesse admitir o hábito aquelle seu criado: coisa, que o Geral fez com duplicado gosto, assim porque o era de tão grande Príncipe, como pelas boas partes, que descobria no pretendente. Tomou o hábito em o Convento de Evora, e começou logo a resplandecer tanto nas virtudes, que era venerado por santo; e o Duque se mandava repetidas vezes encomendar nas suas orações, e lhe chamava o seu Frade. Foi mudado para o Convento de Santo Elói de Lisboa, onde viveu alguns anos, occupado sempre em exercícios virtuosos, e sempre com maiores progressos. De todos era devedor à Virgem Santissima, da qual foi sempre devotissimo; e em penhor da sua devoção se quis chamar de Santa Maria, presando-se muito de ser todo seu em o nome e no affecto. Como se criou debaixo da sua sombra em Vila Viçosa e bebeu com o leite a devoção da Senhora da Conceição (que é universal em todos os moradores daquela vila e especial em cada um) esta devoção o quiou e fortaleceu da maneira, que o fez digno de muitas luzes e consolações do céu, e buscado de todos como oráculo da vida espiritual. A Rainha D. Maria, mulher segunda de El-Rei D. Manuel o mandava chamar muitas vezes, e como elle se confessava, e consultava as matérias de sua consciênça. Por este tempo, determinou El-Rei mandar ao Reino do Congo terceira Missão dos nossos Cónegos; e foi por cabeça dela o Padre Sebastião de Santa Maria, como em outra parte fica dito....

Voltando daquelle Reino para este, sobre a grande aflicção de deixar mortos seus companheiros teve outra não menor jornada porque, ateando-se no navio um mal contagioso, caíram enfermos quase todos os que vinham nele. Aqui se viu o grande fervor deste grande espirito; porque quase sem interpoção se occupava em os servir e ajudar: elle os curava, os lavava, os limpava: elle lhe guisava o comer, e ministrava os sacramentos: elle os ajudava a bem morrer, sem perdoar a desvelo ou a trabalho, andando num moto successivo de uns para outros sem cessar, sendo só, nesta arriscada empresa, porque os são fugiam dos enfermos, temendo que se lhe pegasse o mal. Durou este até chegarem a Lisboa, dilatando-lhe o Céu as occasões do trabalho e do merecimento.

Em Lisboa foi recebido de El-Rei com muito agrado e grande estimação; mas ele, recolhendo-se ao nosso Convento de Xabregas, se despediu para sempre de ver mais a cara ao mundo. Aqui se entregou à oração com tal fervor, que gastava nela, entre dia e noite, seis horas, além das obrigações do Coro, a que acudia sem falta: também frequentava muito o confessional, ancioso de guiar almas para o céu; e fez em muitos maravilhosos efeitos, até que lhe chegou a última enfermidade, na qual padeceu e mereceu muito: durou-lhe quase cinco meses, oprimido de agudíssimas dores, mas sofridas sempre com inalterável paciência. Falava continuamente de Deus e da glória dos Bem-aventurados, divertindo com estas suavíssimas memórias as dores e as saudades. Aqui lhe sucedeu um caso peregrino, etc.

(1) Este príncipe era negro e filho de D. Afonso, Rei do Congo, convertidos já à nossa Fé Católica.

Foi este caso (diz o Cronista) receber uma noite um caldo, que muito de sejava, e que efectivamente recebeu da mão do que supunha outro dia que tal coisa fizera, nem achando meios de que fora feito por outrem, de dentro ou de fora do Convento, ficaram entendendo os Lóios, que algum Anjo o socorreu naquele momento em prêmio da sua caridade.

Continua depois dizendo:

"No discurso do tempo que esteve enfermo, se confessou muitas vezes; e na última afirmou ao seu confessor, que na matéria da castidade estava tão puro que se não lembrava havê-la ofendido, nem com obra, nem com palavra, nem com pensamento: prerrogativa rara, e concedida só a grandes santos, mas digna e própria de um tão devoto da Mãe da pureza. Na última hora lhe apareceu esta Soberana Rainha, acompanhada do Evangelista S. João, a cuja vista se alegrou sobre modo, e chamou dizendo: Não vedes Padres, a minha Senhora da Conceição e o meu Evangelista?! Eu vou...; e com estas palavras na boca despediu a ditosa alma, a qual (como piamente cremos) caminhou alegre em tão soberana companhia para as celestiais moradas da Bem-aventurança. Concorreu muita gente ao seu enterro, e de todos foi aclamado por santo, levando muitas várias reliquias do seu hábito, e de outras coisas do seu uso. Entre outras, o seu Breviário (companheiro seu em toda a vida e em todas as suas peregrinações) foi levado ao Sereníssimo Duque de Bragança (2), que fez dele singular estimação: porque de muitos anos havia venerado e reconhecido ao Padre Sebastião de Santa Maria por Varão excelente em virtudes. Faleceu em S. Xabregas,

a 30 de Maio de 1540".

(2) D. Teodósio I sem dúvida.

O mesmo Cardoso diz a respeito do nosso Padre Sebastião (Agiol. Tom. 39, pág. 454), que esteve missionando no Cargo perto de quinze anos: circunstância de imenso vulto, que o Cronista da Ordem, aliás tão difuso no seu panegírico, não devia deixar despercebida.

SEBASTIAO DE SOUSA

Era filho de Rui de Abreu, Alcaide-mor de Elvas e natural de Elvas, segundo parece. Foi Fidalgo da Casa do Duque D. Jaime.

Em 1505 navegou para a Índia com o Vice-Rei D. Francisco de Almeida, levando a capitania da nau Conceição, e devendo tornar com carga de especiaria; em 1509 tornou lá com o Marechal D. Fernando Coutinho, indo também por capitão duma nau (Barros, Asia). Tendo ido em 1521 com João Faria a fazer a fortaleza de Matatana, em Madagascar, separou-os um temporal; e assim tomaram o caminho da Índia à ilha de Banda (Molucas); o que fez levando consigo seus sobrinhos Francisco de Sousa e João de Sousa; e tornou para o Reino em 1523. Barros chama-lhe: Fidalgo honrado e de serviço, ali naquelas partes, como cá no Reino - vol. 5.

Tomou parte na expedição de Azamor em 1513, sendo capitão de uma das Guardas do Duque; e em princípio de seus serviços, lhe alcançou o mesmo Duque, em 8 de Maio de 1520, o Hábito de Cristo.

Em 1527 achava-se outra vez em Cochim. Barros chama-lhe Sebastião de Sousa de Elvas. Tornou para a Índia em 1538 com o Vice-Rei D. Garcia de Noronha; e achava-se nomeado capitão de uma caravela para ir em Socorro de Dio, quando chegou notícia de ser levantado o cerco.

Casou com D. Maria de Brito, filha de António de Brito, caçador-mor de El-Rei D. Manuel, e já viúva de D. Nuño de Castro; e segundo a Hist. Geneal. (talvez em outras núpcias) casou com D. Filipa de Abreu.

Foram seus filhos: D. Ana de Sousa, que casou com Cristóvão de Brito Peireira 1º; e Sebastião de Sousa de Abreu, que se segue.

SEBASTIAO DE SOUSA DE ABREU

Filho do precedente. Foi Alcaide-mor de Borba, Comendador da Ordem de Cristo e Camareiro-mor do Duque D. Teodósio II.

Assistiu à batalha de Alcácer-Quibir em 1578, ficando prisioneiro (Parnaso L. 2, cap. 33; e Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 309).

Casou com D. Maria de Barbuda, e houve dela os seguintes filhos: António de Sousa de Abreu; D. Guiomar de Sousa, que casou com Pedro de Melo de Castro, de quem descendem os Condes das Galveias; e D. Joana, que depois de ser Dama da Duquesa D. Catarina, acabou Freira na Esperança.

Diz o Livro da Família dos Sousas, que uma noite, indo para o Paço Ducal arremeteu com ele um touro e o matou. Quando? Era falecido já em Janeiro de 1607 e sobrevivia-lhe sua mulher D. Maria de Barbuda ainda em 1611 (Notas).

Militou na Índia. Em 1559 numa viagem ao Estreito do mar Rôxo (Couto, Déc. 7, L. 6).

Foi capitão de Diu, cujo governo acabou em 1597 (Idem, Déc. 10, L. 1, cap 7).

Ele (ou talvez seu pai) fez uma horta no caminho de Borba, que então se chamou ou ainda se chama Horta Nova, pertencente ao Morgado que andou na sua descendência.

Vereador em 1589 (Notas).

SEBASTIAO VAZ ALMIRANTE

Homem nobre dos que serviam no governo municipal, filho de Francisco Cardeira e de Leonor Gonçalves; o qual casou na Matriz em 1618 com D. Inês da Guerra, filha de Rodrigo da Guerra e de Isabel Robles, de que houve descendência.

Licenciado em 1622. Vereador em 1630. Fez partilhas com os cunhados em 1629.

Depois de viúvo abraçou a vida eclesiástica, e já era padre de missa em 1638.

Creio ser seu filho Gaspar Vaz, Almirante que em 1642-43, foi mesário da Misericórdia.

Houve também um sacerdote, Licenciado de igual nome falecido em 1653 e sepultado na Matriz em cova própria. Este foi beneficiado em São Bartolomeu.

(E o mesmo indivíduo).

SEBASTIAO DA VEIGA CABRAL

Filho de Rodrigo Caldeira, Fidalgo do Duque e Rei D. João IV e de sua mulher D. Joana da Veiga Cabral.

Seguindo a vida militar durante as campanhas na arma de infantaria, quando assistiu à batalha de Montes Claros. Foi o seu Terço o primeiro que deteve a furia da Infantaria Castelhana. Depois de ser derrotado o Terço de Auxiliares de António de Saldanha e outros, e ganhou a primeira bandeira: insígnia que arvorada prontamente influiu nos soldados em tão seguro alvoroço, que olhavam já para a batalha, como se fosse depois da vitória, diz um historiador destes sucessos (Júlio de Melo - Vida de seu tio Dinis de Melo e Castro).

D. SERAFINA DE BRAGANÇA

Nasceu nesta vila a 20 de Maio de 1566, sendo filha do Duque D. João I e de D. Catarina sua mulher.

Casou por procuração em 6 de Janeiro de 1594 com D. Juan Hernandez Pacheco, 5º Duque de Escalona, Marquês de Vilhena, etc. o qual veio a Vila Viçosa a fim de a conduzir para a sua vida de Escalona; e assim ratificaram o matrimónio nas mãos do Arcebispo de Évora, D. José de Melo, que de propósito se achou presente, a 20 de Fevereiro do dito ano. Levou em dote 60 mil cruzados.

Faleceu em Roma a 6 de Janeiro de 1604, sendo seu marido Embaixador de Castela diante do Papa Clemente VIII. Teve descendência.

SILVESTRE MENDES

É o nome de um tabelião de notas que está sepultado na ermida de São Bento. Foi casado com Angela de Andrade; vivia na paróquia de São Bartolomeu; onde baptizou um filho no ano de 1687. Depois Capitão de Auxiliares.

Era filho do Tabelião Francisco Gonçalves Durães. Casado com D. Camilia da Silveira em 1700. Já deixara o ofício de tabelião e tinha o posto de Capitão de Auxiliares. Ele e o Padre Manuel Vieira reedificaram a ermida de São Bento em 1701-2.

Rendeiro do morgado dos Condes do Redondo e procurador de vários ricos-ausentes. Em 1712 era já capitão entretido e capitalista.

Casou segunda vez com Camilia da Silveira Sonda, filha do Dr. Diogo Rodrigues Figueira e de Beatriz Pereira. Ficou viúva. Teve a Bento Mendes Pereira e a Maria Antónia da Purificação, que foi freira na Santa Cruz, em 1706.

Era falecido em 1724.

SILVESTRE MENDES DA SILVEIRA

Alferes de Auxiliares, em 1738.

SIMAO D'ALMEIDA VALEJO DE MARIS

Filho de Francisco Cândido, d'Almeida Valejo (Veja-se). Foi baptizado em São Bartolomeu no ano de 1763. Era militar; em 1819 estava na sua pátria, e foi Guarda-mor da saúde no distrito das Chagas, perto de cujo Hospício morava na casa nobre que depois comprou e reedificou o Padre Joaquim Cordeiro Galão. Em 1807 eracapitão de Cavalaria em Beja. Escrivão mesário em 1812.

Elegeram-no Vereador em 1822-23, e serviu este cargo.

Em 1809 abandonou Olivença por ser já espanhola; vendeu os bens que lá tinha a Damaso do Espírito Santo Limpo de Elvas, por 3:694\$400 ou 92:260 reales em moeda espanhola. Veio para Vila Viçosa.

Algun tempo depois retirou-se para Abrantes a tomar posse de um morgado, que ali herdara e lá morreu.

Creio que não casou.

SIMAO ANTUNES

É o primeiro dos calipolenses ilustres pelas armas, que vem no Parnaso de Vila Viçosa (L. 2, cap. 40).

Nasceu no Castelo desta vila, onde se criou até à idade de 15 anos; achou-se na batalha naval do Lepanto em 7 de Outubro de 1571 às ordens de D. João de Austria; dalipassou a militar em Flandres ao serviço de Castela, ganhando o posto de Capitão, do qual subiu posteriormente ao de Mestre de Campo. Teve de El-Rei D. Filipe II, em remuneração dos seus serviços: o foro de Fidalgo da Casa Real; o Hábito de Cristo e uma comenda, que lhe rendia mais de duzentos mil réis.

Em 12 de Janeiro de 1610 outorgou, como procurador, sobre um prazo da Comenda de Vaivães de que era comendador, o nosso patricio António Correia da Costa. Dessa escritura vê-se que Simão Antunes era nesse tempo mestre de Campo de infantaria, em Flandres, do Concelho de Guerra de S. M., Comendador da Ordem de Cristo e governador de Dunquerque onde a dita procuração foi passada a 20 de Março de 1608 (Notas).

Em 1616 tinha um prédio de casas na rua de António Gançoso.

Ainda vivia no ano de 1618, em que Morais Sardinha o reputava septuagenário, achando-se ausente da pátria há mais de meio século.

O dito Morais teve-lhe os maiores elogios possíveis de bravo e galhardo militar.

D. SIMÃO DE CASTRO

Era Fidalgo do Duque S. Teodósio II, desfrutando por isso uma comenda; mas tinha largado já em 1619 o serviço da Casa de Bragança (Hist. Geneal. Tom. 6 pág. 459).

Parece-me filho de Pedro de Castro; e tinha Dom provavelmente por estar ao serviço de Castela.

FREI SIMÃO FRANCISCO TEIXEIRA

É o nome de um Beneficiado de São Bartolomeu, que muitas vezes foi encomendado Prior durante os cinquenta anos que serviu esta freguesia (da sua naturalidade); pois faleceu em 4 de Fevereiro de 1762, contando 91 anos, 3 meses e oito dias, como especificou o Prior Vale no assento do seu óbito.

Filho de Tomé Francisco e de Maria Francisca. Em 1716 tinha um irmão chamado António Manuel Teixeira que era alferes de cavalos entretido e comendado

dor.

SIMÃO FREIRE PEREIRA

Foi Fidalgo do Duque D. Teodósio II e figurou, em 1603, nas festas do seu casamento (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 429).

Era casado com D. Maria Loba, já falecido em 1611; mas a sua viúva ainda vivia em 1616.

Em 1554 vivia em Elvas outro Fidalgo do mesmo nome, talvez seu neto o qual casou com D. Violante da Guerra de quem houve a D. Luísa, que em 1672 vivia em Elvas, com o avô Bernardino Freire Pereira.

A mesma Violante casou depois com Gaspar Raimundo de Sande.

SIMÃO GARCIA DE BRITO

Fidalgo de cavalo da Casa de El-Rei. Residia em Goa no ano de 1606-7 (Notas).

Casou em 1614 com Leonor Mendes, irmã de André Mendes Lobo, dotada por sua mãe com 300\$. Em 1624 era escrivão da Câmara de Borba.

Passou a Lisboa e creio que lá morreu. Ambos eram falecidos em 1665.

SIMÃO HENRIQUES

Acho uma escritura de 1637 em que se obrigou a servir no foro de Escudeiro da sua casa.

SIMÃO JOSE DO PRADO

Filho de António do Prado e de Mariana Rodrigues, moradores na rua de E-vora e baptizado na Matriz em 1711, irmão de João Rodrigues do Prado, Inácio Xavier do Prado e de Quintino José do Prado.

Era um rico Burguês, que em 1778 se achou feito Capitão de Ordenanças. Já Alferes de Auxiliares em 1755.

Faleceu no estado de solteiro a 6 de Junho de 1783, sendo freguês da Matriz.

SIMÃO LOPES FRANCISCO

Cavaleiro Fidalgo da Casa Real. Senhor de herdade do Penedo Gordo no termo de Estremoz.

Vivia cá em 1590 (Notas).

SIMÃO LUIS DA CERVEIRA

Tabelião que começou a servir em 1601 e era-irmão de André Luís da Cerveira, proprietário do mesmo officio.

Casado com Brites Alvares em 1605 (Notas). Em 1622 era escrivão dos Ór-fãos em Arraiolos (Notas).

SIMÃO DE MIRANDA

Filhado pelo Duque, em 1634, no foro de moço da sua Câmara.

Era filho de Sebastião de Miranda (Notas).

SIMÃO DE OLIVEIRA

Foi Procurador do Concelho em 1806, em 1807 depois da morte de Elói José Calado, em 1811 e 1812, mas neste último ano pediu escusa.

Em 1809 comprou as casas a Roberto Diogo de Araújo, por 1:200\$ réis.

Era conhecido nos seus princípios por Simão Colhereiro, porque fabricava colheres de pau; porém, com a sua diligência e economia, sob a protecção do Juiz de Fora Pimentel, que o casava com a sua ama ou governadeira D. Gertrudes da Conceição, chegou a possuir uma boa fortuna, como quase todos os Beirões, que vêm estabelecer-se entre nós.

Parece que ambicionava o cargo de Vereador; mas os nossos patrícios não quiseram pautá-lo; e assim, como adquirisse a herdade dos Alenqueres no termo de Monsaráz e lhe servisse ali melhor a fortuna política, estabeleceu lá o seu domicílio e veio a conseguir a honra que desejava.

Mas não alugou as suas casas da rua de António Homem, para pousar nelas quando vinha a Vila Viçosa; e por isso mesmo cá morreu a 27 de Outubro de 1827, sem ter descendência. Legou os seus bens a sua mulher, que veio a fa

lecer muito mais tarde nos Alenqueres.

Além do precedente Beirão, tivemos um patricio do mesmo nome, que, sendo Religioso Trinitário e filho de Manuel de Oliveira, veio tomar ares pátrios para casa de seu pai e cá se finou, em 15 de Abril de 1722, na freguesia Matriz.

SIMÃO PEREIRA DE CARVALHO

Era descendente de famílias de Vereadores da nossa terra, como consta das actas do município; e ele mesmo teve o cargo largos anos (em 1757 - 60, parte de 1761, em 1765, 1766, 1777, 79, 81, 85, 89, 1792, 97, e 1801.

Foi Contemporâneo de José de Antônio da Silveira e Couto; e ambos trabalharam muito na administração do Município.

Creio que era filho de Teodósio Pereira Gomes (Veja-se) e baptizado em São Bartolomeu no ano de 1721.

SIMÃO DE SEIXAS DA SILVA

Tomou posse do posto de Capitão de Ordenanças em 25 de Maio de 1710. Era cavaleiro da Ordem de Cristo e casado com D. Joana Ridrigues Alcarracha. Faleceu em São Bartolomeu a 20 de Agosto de 1736, sem deixar sucessão.

Era filho de Manuel de Figueirôa Castelo Branco.

SIMÃO DA SILVA DE VASCONCELOS

Dono do lagar de cima, de São Marcos em 1710. Cavaleiro da Ordem de Cristo,.....

Casado com D. Joana Rodrigues, em 1719. Creio não ser natural de cá.

Era falecido já em 1741. Não deixou filhos. A sua viúva doou ao Padre Francisco da Costa Feio e suas irmãs freiras na Esperança, os serviços do marido, que eram: de 36 anos de couteiro; 3 de almoxarife da Casa de Bragança; e, 8 de Furril - diz uma escritura do ano referido.

SIMEAO LEITAO

Foi Procurador do Concelho em 1611, 1617 e 1623 (L. 1 dos Reg. da Cam., fl. 114).

Casara em 1606 na Freguesia de São Bartolomeu com Sabina de Gouveia.

Era falecido já em 1637, do qual encontrei uma escritura de dote para se ordenar seu filho João Leitão; e da mesma consta que deixara a sua tença à mulher com a condição de se tirar dela o que faltasse para o dote do referido filho no caso que se resolvesse a tomar ordens sacras. Nessa escritura figurou como testemunha outro filho, chamado António Leitão.

Em 1672 havia outro Simão de Oliveira Leitão, filho de Gonçalo Leitão.

SUEIRO PERES

É a pessoa mais antiga de Vila Viçosa que conheço. Natural dela ou naturalidade pelo domicílio, é certo que tinha o cargo de Alcaide-mor pelos annos de 1297 em tempo de El-Rei D. Dinis, sendo assim a primeira autoridade local.

Com effeito: em 30 de Outubro do sobredito anno foi, como testemunha, assistir à tomada de posse de Campo Maior e Ouguela, unidas então, por convénio com Castela, ao Estado Português. Assim consta do Tomo V da Monarq. Lusit., L. 17, cap. 41.



D. TEODOSIO I, 5º Duque de Bragança

(Fica a sua biografia na Parte 1ª, cap. 40 e seguintes).

D. TEODOSIO II, 7º Duque de Bragança

(Fica a sua biografia na Parte 1ª, cap. 47 e seguintes).

D. TEODÓSIO III, 9º Duque de Bragança

Este é o 8º Marquês de Vila Viçosa, 9º Duque de Bragança, 4º de Barcelos, 1º Príncipe do Brasil, est.

A 8 de Fevereiro de 1634, pelas 4 horas e um quarto da tarde, dava à luz a Duquesa D. Luísa Francisca de Gusmão este seu filho primogénito, que devia suceder na Casa Ducal de Bragança, e cingir a Coroa de Rei de Portugal por morte de seu pai, El-Rei D. João IV, se a Parca inexorável o não arrebatara em verdes anos, destruindo lisonjeiras e bem fundadas.

Foi baptizado na Capela Ducal a 27 do referido mês pelo Deão António de Brito de Sousa.

Jurado Príncipe herdeiro do Reino em 28 de Janeiro de 1641, e declarado Príncipe do Brasil e Duque de Bragança em 27 de Outubro de 1645, todos punham os olhos neste esperançoso jovem a quem seu pai chamava o seu Salo mão, auspiciando-lhe um sábio e glorioso reinado.

Ficou desde então resolvido - que os Príncipes Reais da nossa Dinastia Brigantina tivessem o título de Duques de Bragança ainda em vida de seus pais, como até ali haviam tido o de Duques de Barcelos, e fosse esta casa sua desde logo que nascessem.

Na puerícia teve D. Teodósio III, por mestre a D. Pedro Pueres, cavaleiro irlandês; e poucos anos soube perfeitamente o latim, em que começou a escrever alguns tratados, que a sua prematura morte não deixou aperfeiçoar para se imprimirem. São eles: *Aureum saeculum*; - *Macareopolis*, nome grego, que significa cidade bem - aventurada; - *Historia universal do mundo*; - *História da Suécia*; - e *De Sacramento Altaris* dedicados à rainha da Suécia.

Teve bastantes conhecimentos das línguas Grega e Hebraica; entendia bem o Francês e o Italiano; e falava com energia o Espanhol.

Era muito intruído em Filosofia, Teologia, Direito Canónico e Civil, e tinha até luzes de Medicina e da Química.

Em Novembro de 1651 veio de Lisboa a Elvas para tomar parte no comando das tropas; e foi ali recebido com pallio, indo ele montado num cavalo, que de rédea levou D. João da Costa, Governador interino das armas do Alentejo; mas, considerando seus pais que não convinha andar exposto aos azares da guerra, escreveram-lhe para a convencer a tornar para a Corte.

Deixou então Elvas e veio para Vila Viçosa, onde se entreteve alguns dias a caçar na Tapada; e teve o prazer de mandar a seu pai Augusto dois javalis, que matara ele mesmo a tiro.

Seu pai o nomeou pouco depois Generalíssimo das Armas de todo o Reino.

Tão sublime e precoce era o seu talento, que de treze anos começou a assistir aos Conselhos de Estado; e os seus pareceres mostravam-se tão bem fundados e tão solidamente definidos, que os ouviam os Conselheiros, como se foram oráculos.

Até nas coisas domésticas dizia muitas vezes seu Augusto pai, antes de responder a consultas, que lhe faziam: "*Quero ouvir o seu Salomão*".

A sabedoria deste jovem Príncipe aliava-se uma eminente santidade. Exercitava muitas devoções; fazia um acto de Contrição todas as vezes que ouvia o relógio dar horas; e comungava todos os domingos e festas maiores do ano. Era tão modesto e tão casto, que não sofria ouvir palavras obscenas; e nunca mais, voluntária e cordialmente procurava as pessoas a quem tinha ouvido tais descomedimentos.

Adoecendo a 9 de Maio de 1653, quando contava 19 anos, morreu a 15 do referido mês, abraçado com a imagem de Cristo Crucificado e repetindo fervorosamente: *Praebe mihi, fili, cor tuum, et ego elabo tibi cor meum - Sic ut desiderat cervus ad fontes aquarum, ita desiderat anima mea ad te, Deus*. Em português: Dá-me filho, o teu coração: e eu te darei o meu. Assim como o veado sedento deseja chegar às torrentes de água, assim suspira por Vós a minha alma, oh Deus meu.

Jaz no mosteiro de Belém.

Que profundo golpe não sofreram os corações de D. João IV e D. Luísa Francisca de Gusmão!...

Talvez que a morte do Rei, sucedida três anos depois, tivesse origem no desgosto da morte de tão caro e amável filho!

Cá lhes restavam dois ainda; porém, nenhum deles prometia juízo tão sólido, madureza tão reflectida...

Portugal também perdeu muito com esta morte prematura, porque aliás não se dariam os conflitos, que houve entre os dois irmãos Afonso e Pedro; e o primeiro não teria que carpir-se jazendo entre ferros até expirar.

Em Vila Viçosa, por ordem de El-Rei, levou-se ainda para a Capela Real a Imagem da Padroeira do Reino, para ali se fazerem preces pela saúde do

esperançoso Príncipe; mas a sua doença foi tão curta, que nem deu tempo a isso.

Este esboço é um resumo de que se lê na Hist. Geneal. Tom. 7, pág. 263 pode porém ler-se notícia mais vasta deste nosso patricio na sua Vida, escripta por João Baptista Domingues e impressa em Lisboa no anno de 1747.

TEODÓSIO D'ALMEIDA CABRAL

Foi Provedor da Misericórdia em 1638 - 39, sendo já então Comendador da Ordem de Cristo, e mais vezes depois, porque permaneceu em Vila Viçosa.

Em 1640, antes da Revolução do 1º de Dezembro, estava já feito Capitão de Ordenanças; no anno de 1643 foi superintendente das obras das trincheiras da vila; e no anno seguinte serviu interinamente como Capitão-mor.

Possuía, como seu pai, a horta do Couteiro chamado então Quinta de S. Domingos.

Em 5 de Novembro de 1645 foi eleito Procurador às Cortes de Lisboa, onde se demorou 52 dias; e coube-lhe a glória de votar na eleição da Virgem Imaculada para Padroeira do nosso Reino.

Em 1647, por justos respeitos, renuncia à pensão que tinha na Comenda de Santa Leocádia de Moreiras (Notas, 12 de Dezembro).

Dois annos depois apresentou à Câmara um Alvará de 12 de Abril do mesmo anno de 1647 (L. 1 dos Reg. fl.203), do qual consta ser encarregado por El-Rei de levantar Cavalaria nas Comarcas do Alentejo. Meu criado lhe chama D. João IV neste diploma. Era com efeito criado na Casa de Bragança e até Couteiro-mor dela, como já o fora seu pai António Rodrigues.

Casou, em 1623, com D. Antónia de Melo, filha de José Mousinho de Melo e de Inês de Reboredo, já defuntos, moradores todos em Setúbal (Notas), e teve entre outros filhos a António Rodrigues de Almeida Cabral e a D. Antónia de Melo, que em 1650 professou na Esperança com dote de 300\$ réis, que lhe deu seu irmão.

A viúva dele (a sobredita ou outra) casou com Inácio das Póvoas de Vasconcelos, segundo leio no L. de Lembr. da Misericórdia do anno de 1665. Possuía o ferragial de S. Domingos. Era falecido em 1649.

TEODOSIO LEITAO

Vereador em 1592 e 1601 (L. 1 dos Reg. da Cam. fl. 65 e 761).

Era casado com Maria Oliva; e teve uma filha chamada Catarina de Oliva, a qual casou em 1590 com Francisco de Carvalhal, dotada com a quarta parte da fazenda dos pais e 50 cruzados em móveis (Notas); e outra chamada Isabel de Oliva (Veja-se). Teve também um filho chamado Padre Francisco Machado, o qual em 1601 era vigário de Lavre (Notas).

Em 1605 era vereador mais velho e juiz pela ordenação em 1609.

Faleceu em 7 de Outubro de 1610 e foi sepultado na antiga Igreja de Santo Agostinho.

Os Leitores eram antigos em nossa vila; e recorda-se ainda a herdade dos Leitores nas Ciladas, que foi desta família.

TEODOSIO PEREIRA GOMES

Almojarife da Casa de Bragança em 1704 e procurador de alguns fidalgos de Lisboa, mas deixou de o ser em 1711, por se alcançar com os dinheiros rendidos.

Serviu o cargo de Vereador em 1710. Neste mesmo ano foi eleito para ir a Lisboa com o Escrivão da Câmara Manuel António de Magalhães fazer uma representação a El-Rei sobre os vexames, que nos causavam as tropas inglesas; não sei porém dizer, se sempre foram: pois no ano seguinte vejo que mandaram a Jerónimo Godinho com igual missão.

Tabelião de notas em 1721.

Tornou a ser Vereador em 1713, 1717, 1719, 1723, 1728 e 1734. Tinha casado em 1699 com Maria Pereira Sanches, sendo já viúvo de Maria Freire. Maria Sanches era filha de João Pereira da Costa, catalão, que viera para cá em 1713, e era cá Capitão de Cavalos.

Faleceu a 15 de Janeiro de 1736 e foi sepultado em Santo Agostinho. Era freguês de São Bartolomeu; mas, natural de Coimbra, donde veio muito moço.

Teve a Simão Pereira de Carvalho. D. Maria Pereira tinha uma tença de

60\$ réis à filha Catarina de Sena Pereira, e 20\$ réis à filha Josefa Peireira Sanches.

D. TEOTÔNIO DE BRAGANÇA

Era quarto filho do segundo matrimónio do Duque de Bragança D. Jaime com D. Joana de Mendonça; e parece que nasceu acidentalmente em Coimbra a 20 de Agosto de 1530, estando lá seus pais, por fugirem à peste que impedia o Alentejo e outras províncias do Reino: mas por isso não deixa de ser Calipolense, visto que o domicílio de seus pais era em Vila Viçosa, e além disso ele cá se criou até à idade de treze anos, com que saiu para começar os estudos em Coimbra.

Foi o 3º Arcebispo de Évora, ficando assim entre D. João de Melo e D. Alexandre de Bragança, ambos calipolenses, e o último também segundo sobrinho seu.

Dos Esboços cronol. e biográf. dos Arcebispos de Évora, por A. F. Barata extraio mais as seguintes notícias:

"Viajou no estrangeiro e estudou em Bordéus e Paris, onde tomou o grau de Doutor em Theologia.

Voltando ao Reino, opulento de instrução e virtudes, professou a Regra dos Filhos de Sancto Ignacio, e foi nomeado Thesoureiro-mor da Collegiada de Barcellos, e em 28 de junho de 1578 Coadjutor e futuro sucessor do Cardeal D. Henrique com o título com o Bispo de Fez, quando o referido Cardeal tomou segunda vez o governo do Arcebispado d'Evora.

Fez a sua entrada n'aquella cidade e tomou posse do governo da Igreja em 27 de Dezembro de 1578, visto achar-se o Cardeal já aclamado Rei.

Foi D. Theotonio um magnanimo Prelado.

Nas pestes, que assolaram Evora e o Reino em 1580 a 1599, gastou avultadas sommas com os aprestados, propinando até elle mesmo aos dentes os necessários medicamentos.

Beneficiou a Sé, dando-lhe, entre outras coisas, uma lâmpada grande, que se julga roubada pelos franceses em 1808.

Os jardins, que para recreio dos Prelados mandara D. João de Melo construir sobre o palácio Arquiepiscopal, converteu elle em vastas salas.

Deu começo ao Colégio de São Manços; doou às Convertidas o palácio de

Camões, e acabou o Convento de Santo António, extra-muros.

A sua principal obra foi a Cartuxa, onde gastou ainda, mostrando em sua mesmas ruínas a grandeza do Príncipe que a fundara.

E obra sua o Regimento do Auditório Eclesiástico do Arcebispado de Evora o seu cadáver, foi sepultado na Capela-mor do Convento de Santo António", que ele acabara.

Tinha mais de 70 anos.

Instituiu no Convento da Chagas duas Capelas de missa quotidiana por sua alma e pelas de sua mãe e irmãs.

Pode ler-se uma biografia mais extensa na Hist. Geneal. Tom. 5, pág. 649; e nas Mem. da Acad. de Hist. Portug., Tom. V, pág. 230.

TOMAS COELHO

Foi Procurador do Concelho em 1644.

Casou com Maria Bispa em São Bartolomeu no ano de 1660. Consta das Notas igualmente.

D. TOMAS GIRALDINO

Natural desta vila e filho de outro do mesmo nome e de uma D. Catarina.

Casou na Matriz em 17 de Abril de 1636 com D. Dionísia de Lemos, Almiranta, filha de Manuel Gonçalves e de Maria Lourenço, todos Calipolenses, sendo testemunhas Francisco Serrão da Veiga e Francisco Madeira.

Em 1645 vivia no Terreiro de Santo Agostinho e casas suas que hoje se vem de estalagem tendo outra morada anexa na rua do Ribeiro (do Passadiço). É a segunda morada do bairro da (...) foraleira ao lago...

Seguindo a carreira das armas, fez a Campanha da Restauração da Monarquia até o cerco de Badajoz de 1658, onde morreu gloriosamente num assalto do Forte de São Cristóvão, sendo Capitão de infantaria.

Não teve descendência. A sua herdeira foi sua mulher D. Dionísia, que sendo parenta dos Silveiras da Nave, doou a Estêvão Mendes da Silveira 3º a remuneração dos serviços do seu marido; e por esta razão encontram-se as patentes e certidões dos serviços militares de D. Tomás no Cartório dos referidos Silveiras. Faleceu D. Dionísio em 1663.

TOMÁS XAVIER DE TORRES

Licenciado e sacerdote dono da Quinta da cebola onde vivia no ano de 1767.

Tinha começado a sua carreira no Colégio de São João Evangelista e como não era professo, ficou de fora e ordenou-se clérigo secular do hábito de S. Pedro.

Foi ele quem deixou a dita Quinta à Misericórdia com a pensão da Missa das 11 horas no dito Colégio; missa hoje dita no Espírito Santo.

Em 1775 perfilhou uma menina de 2 anos por nome, Francisca Bernarda, que ele houvera de Maria Luísa, mulher solteira "com quem teve trato". Esta menina morreu freira no Convento das Chagas. Fez-lhe dote em 1792 com o nome de Francisca Balbina Clara da Custódia.

Tinha uma das Capelas de D. Teotónio nas Chagas e nenhum outro benefício em 1793.

TOMÁSIA CAETANA DE SANTA MARIA

Foi-me oferecido em 1887 pelo meu ilustradíssimo e dedicado amigo dr. Pedro Augusto Ferreira, Abade de Miragaia um folheto, impresso em Lisboa na oficina de Pedro Ferreira, ano de 1761 e intitulado.: Jubilos festivos de Portugal e suas conquistas ao nascimento de Sereníssimo Príncipe de Beiva D. José Francisco Xavier de Paula, etc. Soror Tomásia Caetana de Santa Maria, Religiosa no Convento de Santa Cruz de Vila Viçosa. Tem 8 páginas. Dados à luz por seu pai Manuel de Meira Valadão, cirurgião aprovado nesta Corte. Este cirurgião era também solicitador forense, conforme creio pois encontro muitas procurações de Vila Viçosa para ele, excepto se tinha algum filho com o mesmo nome.

Por escritura de 1 de Outubro de 1741 consta que fora admitida a professor com dote de 80\$ réis somente "por entrar com as suas partes de tocar rebequa e cravo e orgam e rebequam".

Consta o dito folheto de um Soneto à Princesa de Portugal e Brasis (D. Maria I), e outro soneto contendo os jubilos festivos, o qual serve de mote para uma glosa de 14 oitavas. No fim um outro Soneto de Caetano Francisco Xavier de Zuniga elevando aos astros a freira poetisa.

Junto com o dito folheto recebi uma elegia à morte do mesmo Príncipe D. José, intitulado Lembrança saudosa, com que Portugal comenta a sempre chorada morte do Sereníssimo Senhor D. Joseph, Príncipe do Brasil, impresso em Lisboa na oficina Patriarcal de Francisco Luís Ameno em 1788.

Tem 13 páginas, e ainda que vem anónimo, revela ser da mesma autora na 2ª estrofe:

*"Se já foi agradável o meu canto
A quem as tristes lágrimas dedico
Cheio de confusão, cheio de espanto,*

*Agora nesta mágua te suplico (Musa)
que me inspires noções, que justamente
Expliquem bem a pena em que fico.*

ainda, que o adjectivo cheio indica ser masculino o poeta. Não o sei. Certo é porém, que os versos dos Jubilos festivos não são para desprezar. Se abundam outros melhores, também sobejam outros piores.

Consultando o Catálogo manuscrito das Freiras do Convento sobredito, redigido por meu irmão com algumas outras notas, achei ser Tomásia Caetana, filha legítima do sobredito cirurgião e de sua mulher Maria Josefa, natural da Freguesia de Santa Justa de Lisboa, professa em 18 de Outubro de 1742 e falecida na mesma casa a 18 de Novembro de 1794.

É provável que esta Safo enclausurada produzisse outras composições poéticas, embora não lograssem a perpetuação da imprensa.

TOME ALVARES

Sem mais apelido acho este indivíduo ser vindo a cargo de Provedor da Misericórdia em 1534. Era casado com Constança Mendes e tiveram a Beatriz Misurada.

TOME ALVARES

Licenciado. Vivia em Lisboa no ano de 1602, sendo Capelão de serviço de

Sua Magestade e mandou uma procuração a seu sobrinho Miguel Fernandes Prado, prioste para lhe vender o que tinha cá (Nota).

Em 1618 mandou outra ao Licenciado Jerónimo Dias Galego. Foi Tesoureiro-mor da Capela Real: e teve uma sobrinha chamada Maria Álvares que ainda vivia em 1662, e era tia do Padre Manuel Rogado da Silva.

Era falecido em 1662.

TOMÉ ALVARES DO RISSOL

Foi Vereador em 1692.

Casado com Catarina Maria Matos.

Era filha de Fernão Álvares do Rissol ou Russol; e teve um filho do mesmo nome do avô, que em 1730 morava em Estremoz.

TOME ALVARES VELHO

Filho do outro do mesmo nome, homem proprietário, senhor da herdade das Mimosas em Juromenha e de Gracia Lopes, que moravam na Corredoura. Em 1609 fizeram dote a sua filha Ana de São João para professar na Santa Cruz. Só de 100\$ réis fora as propinas por ser tangedora de harpa, do que havia falta.

No Livro 4º das Provas dos Cursos de Teologia da Universidade de Évora, achei notícia de ter este patricio frequentado em 1617-18 o 3º ano de Teologia, sendo aluno do Colégio da Purificação.

Seus pais o dotaram para ser clérigo das ordens sacras em 16 de Dezembro de 1611. Da respectiva escritura de dote consta terem 6 filhos incluído a fêmea, que estava para professar na Santa Cruz e que podia caber-lhe só a legítima de 96\$611 réis, que lhe assinaram em foros de courelas a Vale da Noqueira; e por isso a mãe doou-lhe a sua terça mais 75\$ réis; com o que ficou elevado o dote a 169\$500 réis, em prédios. O pai só fazia garatujás por ser velho no nome e na realidade; e a mãe não sabia escrever.

Era falecido o pai em 1614; e em 4 de Dezembro deu a sua viúva fiança a tutela de seus filhos menores, que eram oito, sendo quatro varões e quatro fêmeas, sendo Tomé de 20 e Diogo de 6. Logo, o célebre Tomé Álvares Velho, doutor e Cônego de Évora nasceu na freguesia de São Bartolomeu em 1594.

Consta do registo Paroquial da Freguesia das Ciladas que fora ali Cura dois anos (1628-30); e de um fragmento de livro de receita e despesa do Colégio dos Meninos Orfãos, vejo que servira de Escrivão da Misericórdia em 1635-36, sendo Licenciado. Vigário da Vara em 1633. Ainda em 1639 e senhor da herdade da Mulatinha.

Segundo o Santuário Mariano, Tom. 6, l. 1, Tit. 63, era sobrinho do Vigário da Vara Diogo Vieira, Cónego de Évora e muito conhecido. Em 1645 já era Cónego Capitular e foi pelo cabido nomeado capitão dos Clérigos, mais António Avez organizando-se duas companhias (Arq. Év. nº 2). E teve este posto 16 anos. Do mesmo Arquivo constam outras comissões que lhe deu o cabido.

Mas onde encontro notícias mais honrosas para a sua pessoa é num livro do Jesuíta e Dr. Sebastião de Abreu, intitulado - Institulio Parochi, impresso na Universidade de Évora em 1665 e dedicado ao mesmo Tomé Alvares Velho, que custou as despesas da publicação da dita obra, como ali se declara. Na dedicatória se lê ser o nosso patrício - Doutor na Sagrada Teologia amigo e Condiscípulo do autor, Cónego da Cathedral, Provisor de todo o Arcebispo sede vacante e Reitor Apostólico da Universidade de Évora. Vê-se portanto que foi uma grande notabilidade.

Provavelmente faleceu em Évora não muito tempo depois.

A herdade da Cavaleira ficou vinculada na Capela de missa quotidiana, administrada por sua filha D. Maria Velha de Laudim e seu marido. Dessa capela foi primeira administradora já em sua vida (1665) sua irmã Soror Joana Baptista, freira na Santa Cruz. em 1657 foi substituído no posto de capitão Cónego Gaspar Pereira Godinho.

Em 1662 teve uma dissensão com o Deão Teotónio Manuel donde resultou mandar este atirar-lhe um tiro de espingarda, por cuja razão foi o mesmo deão privado de ter voz activa e passava no cabido por um ano (Arq. Av. nº 3).

O perigo das prosperidades temporais para a vida pura do cristianismo está bem frisante na biografia deste nosso patrício. As grandes riquezas, adquiridas em Évora com o canonicato e sobretudo com os rendimentos da Provisoria sede vacante durante largos anos, inspiram-lhe a vã soberba de construir um morgado em uma filha sua e (coisa maravilhosa) havida de uma mulher casada para poder, a dita filha desposar-se com Pedro Mascaren

has da Gama (Veja-se). Chamava-se a noiva D. Maria Velha de Laudim e fora baptizado como filha legítima de João Rosado e de Pois reconheceu-a como filha com provisão de S. A. D. Pedro II! A escritura do morgado e do te lavrada, em 3 de Março de 1671, pelo Tabelião João Baptista de Carvalho em Évora, em casa do Doutor, que morava na Travessa de São Pedro. Nesse morgado incluiu uma capela de missa quotidiana na Santa Cruz, dotada da Cavaleira da freguesia de Santo Estêvão do termo de Estremoz; o que de certo não durou até os nossos dias.

O pai do noivo por sua parte nomeou logo nele três morgados que possuía instituídos por seu avô Estêvão Ribeiro Raposo (Fonte do Sobral), Gil da Gama e Catarina Coelho, podendo em sua vida tomar posse de quatro herdades no termo de Olivença, pertencentes a esses morgados; mas a fortuna do Cónego que ele reservou por sua vida era coisa opulenta em quintas e herdades, principalmente no termo de Évora, Montemor, Portel, etc. Aqui perto de nós só tinha a herdade das Mimosas no termo de Juromenha e uma quinta às Courelas. Como o dote de morgado tinha a clausura de passar à Misericórdia na falta da descendência de D. Maria Velha, está registado no Tombo 3º a fl. 103 V.; e foi por aí que tive largo conhecimento desta matéria.

Em seguida à escritura da instituição do morgado, está o registo de testamento do mesmo doutor, donde extraio as seguintes notícias. Mandou meter o seu corpo num caixão decente para ser produzido, em caleça para Vila Viçosa em liteira, acompanhado por 12 sacerdotes com tochas. Chegado, aqui seria depositado na igreja de Santa Luzia, onde lhe fariam um officio com a esmola costumada e a oferta de, 30 alqueires de trigo e 3 almudes de vinho e lhe diriam missas a rol de 80 réis de esmolas. Findo o officio sairia o enterro para a igreja da Santa Cruz, acompanhado pela confraria da Misericórdia de que era irmão, e por 24 pobres com tochas a 50 réis de esmola; ganhando cada padre meio arrátel de cera, e tendo sepultura na capela de Santa Mónica, a qual dotou com 200\$ 000 réis a favor da sua fábrica. Aos pobres deixou 20\$000 réis. Queria que na dita capela se pusesse uma pedra de mármore com legenda semelhante à da Senhora dos Prazeres pertencente a Rui de Sousa Pereira; mas os seus testamenteiros não puderam ou não quiseram fazer-lhe essa vontade; mas ele preveniu junto ao Cruzeiro, recebendo o Convento 100\$000 réis pela dita sepultura. É prová-

vel que cá estava, mas não com epitáfio a descoberto. Também é provável que vigorasse a capela de missa quotidiana, mas que cessasse perante as leis pombalinas, pois que não durou até aos nossos dias.

Diz mais no testamento que uma irmã da filha D. Maria Velha, chamada Catarina, de quem diziam ser sua filha, não o era: se porém quisesse professar freira lhe dessem 350\$ 000 réis para o dote e 100\$000 réis para os gastos da sua profissão.

Libertou a sua escrava Isabel e deixou-lhe um moio de pão durante sua vida etc. Foram testamenteiros seu irmão Diogo Vieira Velho e seu compadre Estêvão mascarenhas da Gama.

Faleceu a 17 de Fevereiro de 1672.

É provável que fosse octogenário e que já caducasse algum tempo antes.

TOMÉ ANTUNES MOREIRA 1º

Filho de Manuel Antunes (boticário?) e de Inês ou Catarina Martins. Formou-se Bacharel em Leis e faleceu em 9 de Novembro de 1735, sem tomar estado.

Teve sepultura em São Bartolomeu. Vinha a ser irmão de Clemente Antunes e tio paterno do seguinte.

Em 1732 dotou a seu sobrinho José Antunes Sameiro para o clérigo.

TOMÉ ANTUNES MOREIRA

Natural desta vila e filho do Dr. Luís Antunes Moreira e de sua mulher D. Isabel Vicência Garcia, baptizado em São Bartolomeu em 1739.

Tomou posse do posto de Capitão de Ordenanças no 1º de Setembro de 1764; e em 1796 passou a Sargento-mor do mesmo corpo.

Foi Vereador em 1767-77 (dez anos a fio por não virem pautas novas), 1779, 82, 86, 87, 91, 94, 98 e 1801 (dezoito anos ao todo).

Casou primeiramente com D. Maria Joaquina Pimenta e Veiga, natural do Redondo, da qual enviuvou; a passou a segundas núpcias, em 1780 com D. Luísa Doroteia de Brito Revacha, filha do capitão Diogo Braz da Silva, e de D. Catarina Josefa dos Santos, mas não deixou descendência.

Teve da segunda mulher duas filhas: D. Mariana Simplício Máxima do Céu

e D. Isabel Vicência Querubina dos Anjos às quais ele meteu no Convento das Chagas, em 1794 para professarem com dotes de 400\$ réis, além das propinas e entradas.

Faleceu em 11 de Dezembro de 1801 e foi sepultado à porta da Igreja do Espírito Santo no taboleiro de fora, e sepultura dos Garcias; e ali teve também sepultura a sua segunda mulher quando faleceu em 1820.

Possuiu a Quinta do General, que comprou em 1764 à viúva do Conde de Alva e que ainda em seu tempo se chamava Quinta do Colmeal.

Morava Tomé Antunes no prédio da rua do Cambaia, contíguo à cadeia, mas sendo completo. Sua mulher D. Luísa é que vendeu duas partes dele, tirando-lhe o merecimento, quando era já viúva.

TOMÉ GOMES PEREIRA

Filho de outro do mesmo nome e de Maria da Piedade Pires, natural de São Bartolomeu.

Em Abril de 1891 foi promovido a Capitão de cavalaria e em Junho de 1894 obteve reforma.

TOMÉ JOSÉ DE SOUSA

Natural de Braga e filho de Manuel António de Sousa, que era 4º administrador dos morgados de Pedro de Sousa de Brito 1º (Veja-se).

Sendo filho segundo e sem esperanças em herdar a casa de seu pai, doutorou-se em Canones na Universidade de Coimbra, e tomou alguns graus de ordens menores, para poder ser provido em benefícios eclesiásticos.

Obteve com efeito em Roma, que se lhe desse um benefício simples de 200\$000 réis na Sé de Braga, outro em São Pedro de Évora de 20\$000 réis, também simples, e o Arcebispo de Penela.

Como porém seu irmão mais velho Pedro António de Sousa não deixasse descendência legítima, ao falecer estava em 1722, Tomé José deixou Roma, onde estava residindo, renunciou os benefícios, e veio suceder nos morgados e comendas de casa. Já cá estava em 1724. Por não ter ordens sacras desposou-se em 26 de Maio de 1729 com D. Maria Próspera de Menezes, filha de D. Francisco Frutado de Mendonça e Menezes; donde veio ficarem-se ape-

lidando Menezes os Sousas da Rua de Santa Luzia.

Transferiu o domicilio dos Sousas para Vila Viçosa e reedificou a casa de Pedro de Sousa de Brito 1º, pondo-a na forma, em que se encontra em frente da Igreja de Santa Luzia.

Em 1731 herdou o morgado dos Moraes do Alandroal, por morte de D. Isabel da Gama Cogominho, em que se extinguiu a dita linha.

Teve o foro de Fidalgo da Casa Real.

Nunca escreveu cargos municipais. Ele mesmo requereu a excusa de lhe porém cântaro para Vereador, com a alegação do seu privilégio de militar (Ajudante de cavalaria).

Comprou em 1752 por 800\$ réis a Quinta do Capitão em Bencatel, já foreira em 6\$ réis ao Conde das Galveias, melhorou a mesma em 1752 anexando-lhe uma courela das Janelas, foreira em 3\$000 réis ao Conde das Galveias e que era de António Silvestre. Nesse ano de 1752 era Fidalgo da Casa Real, Comendador e Mestre de Campo dos Auxiliares de Portalegre.

Teve 14 filhos legítimos dos quais mencionarei os seguintes: Manuel António de Sousa, que faleceu pouco depois do seu casamento; D. Joana Violante de Menezes, Freira outrossim nas Chagas; José de Sousa Menezes, que sucedeu nos morgados; Joaquim de Sousa de Menezes, que foi Deão da Sé de Évora; João de Sousa Menezes, Freire no Convento de Aviz; Pedro de Sousa de Brito Menezes, que assentou praça de Cadete e D. Teresa Josefa de Menezes, que casou com João de Mesquita, de Torres Novas (Do L. de Fam.).

Em 1751 compra a herdade da Lagoá de Pardais a D. Antónia Francisca Luzia de Aragão por 830\$ réis.

Tomé José faleceu na quinta de São João Baptista de Bencatel a 20 de Agosto de 1764, sendo então Mestre de Campo de Auxiliares, diz o assento do seu óbito parece-me isto o mais provável.

TOMÉ LOBO

No Tombo 1º da Misericórdia, a fl. 97 v., está registada a verba testamenteira do sobredito, que instituiu a primeira capela de missa quotidiana que houve na Santa Casa. Testou em Chaul, na Índia, onde militava, a 16 de Setembro de 1551. Declara ser natural de Vila Viçosa, onde tinha uma irmã viúva por nome Teresa Lobo, jazendo o pai em Santa Maria do Cas-

telo e a mãe no mosteiro da Graça.

Deixou à Misericórdia 1:500 pardaus para lhe comprarem moios de trigo e dotou-se com eles uma capela de missa quotidiana, sendo por alma de seus pais duas missas por semana e o resto por ele, devendo o capelão ser designado por sua irmã enquanto ela viesse, e tendo o Provedor um moio por assistir às ditas missas. Chegou o dinheiro ao cabo de alguns anos.

Em 1562 comprou-se a Fernando Aires de Moraes e sua mulher Catarina Nunes metade da herdade da Marinela, confinando com a Mourinha, a Briôa, etc, e outras terras já compradas da Capela uma herdade de São Romão, que é a dita metade.

Parece ser irmão de Jaime Lobo (veja-se António de Figueiredo).

TOMÉ LOPES PEREIRA

Contratado com o Duque em 1634 para o servir como Cavaleiro. Era filho de Cosme Lopes (Neto?).

TOMÉ DE MELO E CASTRO

Era irmão ou tio de Pedro de Melo e Castro. Pai de Públia Hortensia de Castro?

Militava na Índia em 1651 e parece ter ido para lá com o Vice-Rei D. Constantino de Bragança (Couto, Déc. 7, L. 9).

Em 1570 servia no Malabar. É depois Capitão de Baraim, de cujo cargo acabou seu tempo em 1584 (Couto).

TOMÉ DE SOUSA COUTINHO

Natural desta vila e filho de Fernão de Sousa 3º e de sua mulher D. Maria Ana de Castro, fregueses da Matriz, onde Tomé foi baptizado a 7 de Junho de 1606, sendo padrinho João de Tovar Caminha.

Foi Fidalgo do Duque D. João II, senhor de Gouveia, etc. Em 1639 acompanhou o mesmo Duque na expedição a Almada; e na ocasião de ele passar a Lisboa com o fim de cumprimentar a Duquesa de Mantua, Governador do Reino teve rixa com um fidalgo espanhol, por querer que o Duque seu senhor, fos

se equiparado nas honras à dita Duquesa de Mantua, como está escrito no Portugal Restaurado (Tom. 1, pág. 90 da ed. de 1751). Porém Cadornega, na sua Descrição de Vila Viçosa, é mais explicito, contando, com o Duque D. João II mandou cumprimentar a Elvas a Duquesa de Mantua pelo seu Aposentador-mor Francisco (?) de Sousa Coutinho, quando ela vinha tomar conta do governo de Portugal e não foi visitá-la pessoalmente: coisa que melindrou a dita Princesa que era prima - irmã do Rei Filipe IV de Castela. Diz mais - que o dito Filipe determinara por ocasião da visita mencionada que nela se tratassem de igual para igual os personagens referidos, sentando-se ambos em cadeira de espalda debaixo do solio; e como o dito fidalgo Castelhana puchasse para o meio a cadeira da Duquesa e Governadora e afastasse para o lado a de D. João II, Tomé de Sousa, pegou nesta e chegou-a para o centro, contradizendo o castelhano. Ora o nosso Duque, observando a alteração dos dois fidalgos, julgou prudente resolver o caso não tomando assento e fazendo a sua visita de pé.

Depois de aclamado Rei no ano seguinte, D. João IV cuidou em recompensar a fidelidade e dedicação deste fidalgo da sua casa, conservando-lhe na Corte de Lisboa, e fazendo-lhe mercê para si e para seu filho Fernão de Sousa, depois da sua morte, da Alcaidaria-mor da nossa vila. A carta desta mercê foi apresentada à nossa Câmara em Vereação de 5 de Janeiro de 1647.

Faleceu Tomé de Sousa em Lisboa no ano de 1650, sendo ainda de menor idade seu filho e sucessor Fernão de Sousa, que veio a ser mais tarde 1º Conde do Redondo da família dos Sousas (Hist. Geneal: Tom. 6, pág. 654).

Julgo não me enganar, dizendo que este é aquele mesmo Tomé de Sousa, que tomou parte na revolução ao 1º de Dezembro de 1640 em Lisboa, figurando entre os célebres 40 fidalgos; e quem prendeu o Marquês de Vila Real em 1641, com se lê na Hist. Geneal, Tom. 7, pág. 84, 88 e 157.

Casou com D. Francisca de Menezes, filha de D. João de Castelo Branco, o qual era irmão de Conde Meirinho-mor, e de D. Cecília de Menezes. Teve os seguintes filhos: Fernão de Sousa Coutinho, seu sucessor na casa; João de Sousa, que foi Arcebispo de Santa Cristina, Bispo do Porto, Arcebispo de Braga e Arcebispo de Lisboa, onde morreu; D. Cecília de Menezes e D. Maria de Sousa, ambas Freiras em Santa Marta de Lisboa (L. da Fam. dos Sousas).

Filho de José António de Sousa Menezes (Veja-se) e 8º administrador da casa de Pedro de Sousa de Brito 1º.

Nasceu nesta vila a 27 de Maio de 1818.

Teve por aio e mestre ao Padre Frei Francisco Carlos de Carvalho, Frei de Aviz e Ex-prior de Terena a quem vulgarmente chamavam o Peleiro, e que passaria por muito instruído.

Como seu pai assistia muito em Lisboa depois que foi para lá em 1832 co mandando o Batalhão de Voluntários Realistas de Vila Viçosa, enamorou-se ali de D. Joaquina Carlota da Costa Vilalobos Moscôso, filha de João Baptista da Costa, Capitão-mor de Portalegre, e de sua mulher D. Gregória Antónia Bueno Cevalhos de Vilalobos, - e irmã que veio a ser do Visconde do Lumiar: Família, que por ser miguelista, havia deixado Portalegre para se refugiar em Lisboa por causa das perseguições dos Liberais. Casou com ela em 4 de Junho de 1837 na Igreja de nossa Senhora da Purificação de Sacavém; e pouco depois veio viver na casa paterna da rua de Santa Luzia.

Por alvará da Junta Governativa de Évora de 20 de Junho de 1845 foi no meado Presidente da Comissão Administrativa do Município, de que tomou posse a 24, durante o seu exercício até 26 de Dezembro de 1847. Este foi o princípio da sua influência nos negócios públicos da terra; e bem certo é, que sendo lhano, tratável e obsequioso para com todos, as eleições para os diversos cargos do Concelho ficaram sempre sendo preparados sob seu conselho e direcção.

Saiu eleito Vereador Presidente para os biénios de 1850-51, 1852-53, 1860-61 e 1862-63. Em Outubro de 1860 recebeu à porta do Nó o Rei D. Pedro V e dirigiu-lhe uma breve felicitação pela sua vinda à nossa terra, composta por ele mesmo; pois, ainda que só estudara em casa com Padre Peleiro por mestre, nasceu com propensão para a literatura: do que já dava bastantes provas, escrevendo comunicados para a Nação, como depois os ficou escrevendo para os outros jornais, que firmando o seu nome, quer sob a capa do anónimo. Nesse tempo só ele Caetano Alves e seu genro o dr. Pousão, escreviam em jornais.

Aí por 1850 e anos seguintes foi Presidente da Comissão Administrativa da Santa Casa da Misericórdia; e nesse tempo se efectuaram importantes o-

bras de melhoramento, como foi fabricarem-se tectos de fasquiado nas enfermarias, acrescentar-se a das mulheres, substituirem-se os leitos de madeira por catres de ferro, porem-se mesas junto da cama de cada um doente para seu serviço, etc.

Depois de um descanço de catorze anos, consentiu em ser eleito Vereador para 1878-79, tomando posse no 1º de Abril, depois de vencidas muitas tropelias e vilezas de adversários seus; e em Agosto foi reeleito para o quadriénio de 1878-81, assim como depois para o de 1882-85, ficando seu primo José de Sousa com a presidência e ele a vice-presidência.

Desde muito moço começou a servir nas Confrarias de Nossa Senhora da Conceição, como juiz da dos Officiais e Tesoureiro da dos Escravos.

Enviuvou em 2 de Setembro de 1877, ficando-lhe vivos os seguintes filhos: João de Sousa e Menezes, e Cristóvão de Brito Pereira de Sousa Menezes. Sua filha D. Ana Guiomar, casada com o tio José Saldanha Sousa e Menezes, tinha já morrido; mas deixou um filho Guiomar e D. Maria das Dores. Era o que lhe restava de onze filhos legítimos que houvera do seu matrimónio.

Conservou-se fiel ao partido miguelista que era o de seu pai; e posto que tivesse Alvará de Fidalgo Cavaleiro, não o fez registar na Câmara nem vestir a competente farda. Contudo a sua consideração na terra e fora dela é bem palpitante, por o terem todos na conta da pessoa principal de Vila Viçosa; e os Reis D. Pedro V e D. Luís I sempre o convidaram para um jantar nas suas visitas à pátria de El-Rei D. João IV.

Ninguém mais do que ele tem presado os melhoramentos da nossa vila, forçando sempre por obtê-los, ainda que vendo a cada passo baldados os seus desejos; e foi a pessoa que mais me tem estimulado a envidar todos os meus esforços para sair à luz uma história das grandezas da terra que nos viu nascer, dizendo-me a cada passo: "*Eu sou fanático pelas cousas da nossa gloriosa villa: Deus me não leve d'este mundo sem ver publicadas as suas Memórias de Villa Viçosa!*"

Mas levou, pois faleceu em 13 de Dezembro de 1888 de apoplexia fulminante, próximo às 8 horas da manhã.

TOME VIÇOSO

É o nome do mais antigo Mestre de meninos da vila ou professor do Ensino Primário que conheço.

O Duque D. João I nomeou-o para tal emprego por Provisão de 2 de Junho de 1582 com 6 mil réis anuais de gratificação, pagos pelo cofre do Concelho; e porque um mestre é de rapazes principalmente, é sempre um grande benemérito da sociedade, aí fica registado com glória o seu nome, sem mais particularidades, por não se me terem deparado.

TORCÁDIO D'ANDRADE

Veja-se Arcádio ou Andrade.

(Era Arcádio e não Torcádio como lhe chamavam os plebeus)

Escrivão e Conselheiro ou Oráculo (como então se dizia) do Duque D. Teodósio II para os negócios de Fazenda, conforme diz o Parnaso de Vila Viçosa no L. 2, cap. 36. Porém, o seu nome exacto e puro Arcádio e não Torcádio.

TRISTÃO DE SOUSA DE OCÉM

Foi Fidalgo do Duque D. Teodósio II e seu Pagem da Mala (Hist. Geneal Tom 6, pág. 81).

TROCADIO DE ANDRADE

Talvez corrupção de Torquato. Era casado em 1613 com Brites Moreira e proprietário.

Procurador da Câmara e povo às Cortes de Lisboa em 1619 com procuração passada em 10 de Julho.

Escrivão da Fazenda do Duque em 1622.

U

URSULA BORGES

Instituiu por sua morte em 31 de Julho de 1672 uma capela de 15 missas anuais, administrada pela Misericórdia. Era viúva e morava na rua da Freira.

Deixou por sua universal herdeira a Isabel Leitão, a quem deixou também uma capela de missa instituído pelo Padre Afonso Lourenço. Por morte da sobredita Isabel e de duas filhas da mesma deixou passar a sua capela à Misericórdia e a do Padre Afonso à Confraria do Rosário de São Bartolomeu.

Testamenteiro o seu vizinho Manuel Bispo.

V

VALÉRIO DA FONSECA

Filho de Francisco Lopes Vidigal, prioste em 1733, e de Leonor da Fonseca, baptizado em São Bartolomeu a 27 de Novembro de 1720.

Era Procurador do Povo ou dos Misteres em 1750 e anos seguintes com grande zêlo do bem comum, fazendo vistorias nos açouques, nos campos, ect, e requerendo a demissão de alguns Misteres que não eram prontos em acompanhá-lo nestas excursões (ex. na vereação de 17 de Outubro de 1759). Ele fez que as courelas da Coutada em 1752 fossem arrematadas a uma por uma, e não todas juntas em um só lote, para assim venderem mais e poderem os seareiros pobres ter ali suas pequenas searas, bem como anular-se a especulação dos ricos nesta matéria. Pugnou porque nunca amditissem no mercado géneros estranhos enquanto os houvesse, igualmente bens do Concelho. Assim consta de Diversas Vereações daquele tempo.

Era, portanto, um verdadeiro Iribuno da plebe.

Nos seus princípios exercia o ofício de serralheiro; depois foi Prioste ou Cobrador dos dízimos; e com a sua muita indústria, pode melhorar a condição da sua família.

Francisco José Vidigal da Fonseca (Veja-se) era seu filho e fê-lo aprovar cirurgião.

Faleceu na Matriz em 24 de Fevereiro de 1790, sendo casado com Maria de Jesus, com quem casara depois de ter enviuvado de Josefa Bernarda. Recebeu-se com esta em 1742.

O seu ofício era de tecelão de pano de linho em 1747.

D. VASCO D'ÊÇA

Veja-se D. João d'Êça, art. II, nº 1.

VASCO FERNANDES CAMINHA

Fidalgo de grande autoridade Camareiro-mor do Duque D. Teodósio I. Vivia em 1542 e anos seguintes (Hist. Geneal. Tom. 6, pág. 81).

Parece ser irmão de Afonso Vaz e parente de João Alvares e Pedro d' Andrade.

VASCO JOSÉ LOBO

Quinto Bispo Deão (sagrado) da nossa Real Capela e 1º Prelado ou Governador do Exempto.

Depois de ser Bispo no Ultramar (em Moçambique, dizem,) veio ser Deão da Capela no estio de 1811 ou 1812, e, em 18 de Dezembro de 1815 tomou conta do governo do Exempto da nossa vila e seu termo.

Era rigoroso em punir os clérigos de duvidosa; e contam que uma noite mandara prender 22 e remetê-los, para o Convento dos Capuchos, onde pagara 400 réis diários de alimentos e carceragem.

Não querendo em 1821 jurar algumas das Bases na Constituição Democrática, foi prendido por ordem do Governo Central e recolhido na torre de São Julião da Barra de Lisboa, donde voltou em 3 de Abril de 1822.

Faleceu repentinamente em 28 de Maio seguinte com suspeitas de o terem envenenado, e foi sepultado em 29 no jazigo da Capela do Santíssimo da Matriz, tocando-lhe atrás a charanga de Cavalaria nº 2 o Hino da Constituição por ordem do Coronel Torres.

Era grande caçador; e frequentemente o viam caminhar a pé para Tapada Real a fim de se entregar a tal exercício levando furões consigo além da espingarda.

VASCO RIBEIRO

Cavaleiro da Casa do Duque D. Jaime, em 1531.

Apresentou em nome do mesmo Duque, um quintal da rua das Vaqueiras, pertencentes a Gonçalo Peres Carniceiro para o dar à Misericórdia (Tombo 1º).

VENAUT DE LAMASURE

Cônsul da Flandres, em Lisboa.

Vivia cá já em 1674 e arrendou a horta e lagares dos Peixinhos. Tomou de arrendamento o morgado dos Peixinhos onde vivia; e por isso, chamava-lhe o povo o estrangeiro dos Peixinhos.

Jaz em Santo Agostinho ao cimo da via central. Teve ao Padre João de Lamasure, que vivia em Lisboa no ano de 1731, e, duas netas foram freiras nas Chagas chamadas Violante Rosa do Céu e Maria Violante de Jesus.

VICENCIA DO ESPIRITO SANTO

Era filho do segundo matrimónio do Duque de Bragança D. Jaime com D. Joana de Mendonça.

Professando a Regra de Santa Clara no Convento das Chagas, como fizera sua irmã D. Maria, gozou ali de muita estimação e respeito, sendo-lhe por isso confiado quatro vezes o báculo da Abadessa.

Faleceu em 1603, e jaz no coro de baixo.

Esta notícia é da Chon. Seraph. da Prov. dos Alq., Tom. 4, da Hist. Geneal.

FREI VICENTE DA CUNHA

Freire de Aviz, prior da Conceição. Pelos anos de 1680 dava seus capitais a juro de $6^{1/4}$. Donde era?

D. VICENTE DA GAMA LEAL

Depois de ser Coadjutor do bispado do Rio de Janeiro veio a ser em Évora Coadjutor do Cardeal Arcebispo D. João Cosme da Cunha, em 1759, com o título de Bispo de Hetalónia e, veio a ser Deão da nossa Real Capela, tomando posse em 5 de Agosto de 1777. Nos últimos tempos da sua vida retirou-se ao lugar de São Sebastião do Espinhal, termo de Penela, donde se julga natural, com licença da Rainha D. Maria I, e falecendo aí em 27 de Outubro de 1791, teve sepultura na Igreja do dito lugar.

VICENTE DE MATOS

Filho de Pedro Mendes de Matos (Veja-se).

Em 1642 era meirinho e almotacé da Casa e Estado de Bragança. Morava no Rocio para baixo da esquina rua de António Homem.

Casado já em 1640 com Catarina Senga, falecida em 1663, sendo já viúva.

Foi Vereador em 1645 e superintendente das obras das trincheiras. Em 1649 passou a ser couteiro-mor da Casa de Bragança. Em 1655 era Comendador e em 1659 era já falecido.

Era filho de Pedro Mendes de Matos e de Isabel Vicente, baptizado na Matriz em 5 de Março de 1596.

VICENTE PEDRO DA ROSA

Filho de José da Rosa (o do Manfreire) e de Francisca Xavier, já falecida em 1752 quando o pai lhe formou o dote para tomar ordens sacras. Já era Licenciado.

Freire de Aviz, Pároco de São Romão, Vigário da Vara em 1798 e Licenciado em Canones. Era Calipolense, filho de José da Rosa, curtidor.

Conserva-se na Biblioteca de Évora um pequeno manuscrito seu (C^{III}_{I-5}n^o5), intitulado Notícia da antiguidade da Igreja Matriz de Vila Viçosa: razão principal porque dou aqui um artigo a seu respeito. O dito opúsculo, exarado em duas folhas de papel almoço, não é de grande importância, e parece feito a pedido de outrem e por ventura o Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho. Não tem data; e foi redigido por ele, outro de boa e graúda caligrafia o tirou a limpo, sendo no fim assinado pelo próprio, cuja forma de letra não era boa. O escopo desta obrinha, em meu sentir, é negar o padroado da Ordem de Aviz sobre a dita Igreja impossível, por constar concerteza que El-Rei D. Dinis lhe concedera tal padroado (Tom. I destas Memórias, cap. 23).

Uma outra coisa o tomou notável: foi advogar o despacho de um requerimento da nossa Câmara Municipal, feito a instâncias de vários cultivadores do Concelho, sobre dispensa de alguns dias santificados. O Arcebispo D. Joaquim Xavier, a quem era dirigido o requerimento no ano de 1784, deu feriu à supplica da Câmara e Povo de Vila Viçosa por meio de uma Provisão de 23 de Agosto do mesmo ano, dirigida ao Vigário Padre Frei Vicente Pedro da Rosa, Pároco de São Romão, e que se encontra registada em nossas paróquias. Acto contínuo, porém, advertiu o Arcebispo que as razões da redução do número dos dias santificados se davam igualmente em todo o Arcebispado; e, portanto, fez uma outra Provisão Geral, fazendo extensivo a toda a diocese o que principiara por ser privativo de Vila Viçosa. Os dias de preceito abolidos ou dispensados então foram os mesmos, que em 1844 aboliu o Papa Gregório XVI a instâncias do Governo menos cinco: as 3 primeiras oitavas do Natal, Páscoa e Espírito Santo, o dia de São José e o da Natividade de Nossa Senhora; as quais subsistiam.

Nasceu Frei Pedro Vicente no ano de 1727 a 30 de Novembro, e faleceu a 15 de Dezembro de 1800, com 73 anos de idade.

Morava na rua dos Gentis e casa nobre, que tem uma imagem de Santo ou Santa de azulejo e uma Varanda sobre a rua.

Ouvi que, como Vigário da Vara (naquele tempo em que a autoridade eclesiástica era uma realidade, fizera aprender uns títeres, que chamam de Santo Aleixo, e em que figura desonesta e filmente o Padre Chanca, sendo tudo quebrado e queimado pelo Meirinho defronte da sua porta.

VICENTE RAIMUNDO DA SILVA

Natural de São Bartolomeu e filho de José da Silva e de Mariana Inácia entrou para o Colégio dos Reis em 21 de Maio de 1743; e saindo com o curso Completo de Música e Latim, alcançou uma escrivania de Tabelião de Notas na sua pátria.

Casou com Maria Francisca, da qual houve a José da Silva, chamado, o Fradinho por em moço andar vestido com hábito de frade; e dele procedem os Frades de Pardais, que são pobres trabalhadores.

Vicente Raimundo faleceu em 24 de Setembro de 1824, sendo já viúvo e octogenário.

VICENTE DE SOUSA DE TÁVORA 1º

Era segundo filho de Rui Vaz Pinto 1º (Veja-se). Embarcou-se para a Índia, onde estava em 1553 e foi a Ormuz (Couto). Voltando à sua pátria, foi Trinchante do Duque D. João I.

Casou com D. Brites de Azevedo, filha de D. António Maldonado, Fidalgo de Salamanca, o qual se passara a Portugal em tempo de El-Rei D. Manuel; e teve matrimónio a António de Ataíde Pinto (Veja-se).

Contraindo segundas núpcias com D. Maria Pegada, filha de Rui Pegado, de Elvas, houve a Rui de Sousa Pereira de quem já dei notícia.

VICENTE DE SOUSA DE TÁVORA 2º

Neto do antecedente, como filho de seu filho António de Ataíde Pinto (Veja-se).

Foi Fidalgo da casa do Duque D. Teodósio II, a quem acompanhou a Elvas no ano de 1619 quando ele foi esperar o Rei Filipe III de Castela que entrava em Portugal. Tinha a Comenda de Santa Maria de Antima (Hist. Geneal Tom. 6, pág. 462).

Vicente de Sousa 2º não casou; e assim deixou a sua fortuna a seu sobrinho Pedro de Sousa de Brito 2º. Entre os seus bens contavam-se as herdades de Santa Luzia que lhe deixara D. Francisca de Noronha, viúva de seu tio Rui de Sousa Pereira.

Em 1637 renunciou a sua comenda de São Gens de Parada a fim de receber a de Santa Maria de Riade, que vagara por óbito de Fernão de Sousa (N.F.).

Em 1643 arrendou a Alcaidaria de Arraiolos por 43\$ réis anuais e mar-rãs gordas.

Seguiu a Corte para Lisboa e lá vivia em 1652 com a irmã D. Brites e o filho desta Pedro de Sousa Brito.

Em 1655 vendeu as suas casas do Ruivo entre as ruas de Frei Manuel e António Homem por 255\$ réis.

VITAL DA CRUZ PEREIRA

Soldado de cavalos da Companhia do Capitão João Lopes Veladas, em 1711. Ajudante de Infantaria reformado em 1716(?).

Foi um dos cooperadores da fundação da Igreja da Lapa do Regimento de Moura em 1746 e estante em Olivença no dito ano.

Era Major ou Sargento-mor em 1755 de Infantaria do Regimento de Olivença (ainda único); e faleceu com 83 anos ao 1º de Dezembro de 1775 sendo solteiro e filho de Pedro Mendes, ferrador, e de Margarida Martins. Era natural da freguesia de São Bartolomeu, onde foi baptizado em 1692.

Em 1763 comprou as casas nobres que estão na rua dos Caldeiros, secção ocidental olhando para o Norte ou de frente do forno. Estas casas doou ele em 1766, creio mais um olival à Fonte do Lobo, a suas sobrinhas Maria na Joaquina da Silva, Margarida Antónia da Silva e Maria Joaquina da Silva, filhas de sua irmã Maria da Conceição, em cuja companhia ele vivia. Parece que era solteira.

VITAL DE SOUSA

Foi Procurador da nossa Câmara por eleição de 31 de Março de 1674 para substituir nas cortes de Lisboa a Diogo Lopes de Carvalho, que retirara de lá justos respeito. Dizem os vereadores ser pessoa capaz e residente na corte.

Creio ser dos Sousas, Condes do Redondo.



XAVIER CAETANO REBELO

Médico, casado com Paula Joaquina da Rosa em 1761-67.

Teve uma filha chamada D. Ana Delfina, a quem deu licença para se emancipar em 1775.

XAVIER PEDRO DE SOUSA

Filho mais velho de Francisco de Sousa da Câmara (Veja-se). Nasceu acidentalmente em Borba.

Casou com D. Inácia Jerónima de Sousa e Refoios, de Castelo de Vide. Teve, em 1724, um filho do nome do avô, que morreu solteiro de 23 anos; em 1725 a Vicente Joaquim; em 1727 a José Bernardo de Sousa da Câmara (Ver); em 1730 a Joaquim; em 1733 a António.

Creio ter sido militar. Nunca serviu cargos municipais, Vivia na casa de seu pai na freguesia de São Bartolomeu.

Era falecido em 1739. Nesse ano prestou fiança sua mulher para tutora dos filhos, todos menores de 25 anos, obrigando-se "a educá-los, ainda que não chegasse o rendimento de suas legítimas, mandando-os ensinar a ler, escrever e latim". Foi seu fiador o capitão Clemente Luís Lobo e aboador António Lopes.

Sucedeu-lhe nos morgados o filho Francisco Xavier de Sousa, que não chegou à maioridade.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NESTE TRIGESIMO QUINTO FASCICULO

MANUEL DA VEIGA	7
MANUEL VELHO DE GOES	8
MANUEL VIDAL SALGADO	8
MANUEL VIEIRA VELHO	8
FREI MANUEL DE VILA VIÇOSA	8
MARGARIDA AFONSO	9
MARGARIDA DE JESUS	9
MARGARIDA DE MORAIS	11
MARIA ALVARES FAGUNDA	11
SOROR MARIA DAS CHAGAS	11
MARIA DA CONCEIÇÃO	12
MARIA DA CRUZ 1º	13
MARIA DA CRUZ 2º	13
MARIA DIAS	14
MARIA FERNANDES	14
MARIA GERTRUDES MARTELO	14
MARIA GUEVARA DE GUSMÃO	14
MARIA JOAQUINA DE ANDRADE	15
MARIA JOAQUINA DA SILVA	15
MARIA LEITÔA	15
D. MARIA DE MOURA	15
D. MARIA DE PORTUGAL	15

MARIA RODRIGUES	16
MARIA DO SALVADOR	16
MARIA DE SÃO BENTO	16
MARIANA DE JESUS	17
MARIANA PEREGRINA DA CONCEIÇÃO XAVIER	17
MARIANO JOSÉ DA SILVA	18
MARIANO JOSÉ DA SILVA PREZADO	18
MARTIM AFONSO DA FONSECA	19
MARTIM AFONSO DE LUCENA	19
MARTIM AFONSO DE MIRANDA	19
MARTIM AFONSO DE SOUSA (1º)	19
MARTIM AFONSO DE SOUSA (2º)	24
MARTIM DE SANÇÃO	25
MARTIM DE SOUSA MENEZES	25
MARTINHO JOSÉ LEAL'	25
MARTINHO FILIPE MIGUENS	26
FREI MARTINHO DE SÃO PAULO	27
D. MARTINHO DE TAVORA	28
MATEUS PEIXOTO	28
MATEUS SERRADAS DE FIGUEIREDO	29
MATIAS CORDEIRO DO TOURO	30
MATIAS DE SEQUEIRA DA SILVA	30
MECIA PIMENTA	30
MENDO RODRIGUES DE VASCONCELOS	30
MIGUEL ALVARES	31
MIGUEL DE ANDRADE	31

D. MIGUEL AUGUSTO DA SILVA LOBO	31
MIGUEL AUGUSTO DA VEIGA	32
FREI MIGUEL GOUVEIA	33
MIGUEL JOAO DE AZAMBUJA	33
MIGUEL DE OLIVEIRA	34
MIGUEL DE OLIVEIRA GUIMARAES E CASTRO	34
MIGUEL RAMALHO DA SILVA	35
MOR VAZ	36
NARCISO ANTÓNIO MONTENEGRO	36
NICOLAU D'ALMEIDA VALEJO DE MARIS	36
NICOLAU DE ANDRADE FREIRE	37
NICOLAU DA SILVA DE AZEVEDO	37
NICOLAU DA SILVA CARVALHO	37
NICOLAU DA VEIGA	38
NUNO ALVARES PEREIRA	38
NUNO (AUGUSTO?) DE BRITO TABORDA	38
NUNO FERNANDES MORAIS	38
NUNO LOPES NETO	39
NUNO MACHADO DO CAMPO SANDE	39
NUNO MACHADO DA SILVEIRA	40
NUNO MASCARENHAS DE BRITO	40
NUNO MENDES SANCHES	40
NUNO RODRIGUES DE AZEVEDO	40
NUNO RODRIGUES DE AZEVEDO	41
OVIDIO HONORATO BIGA	41
D. PASCOELA DA CUNHA DE ALMEIDA	42

D. PASCOELA DE GUSMÃO	42
PAULO CORREIA DE MONTENEGRO	43
FR. PAULINO DE VILA VIÇOSA	43
PAULO COELHO DE ABREU	43
PAULO CORREIA MONTENEGRO	43
PAULO CORREIA VELHO	44
PAULO GOMES DE LEÃO	44
PAULO GOMES DA SILVEIRA	44
PAULO LOPES DE FIGUEIREDO	45
PAULO NUNES MAGRO	45
PAULO REBELO DE FIGUEIREDO	46
PAULO RODRIGUES COCHEIRO 1º	47
PAULO RODRIGUES COCHEIRO 2º	48
PEDRO DE ABREU DA SILVA	48
PEDRO AFONSO	49
PEDRO DE ALMEIDA DÁ CUNHA	49
D. PEDRO DE ALMEIDA PORTUGAL	49
PEDRO DE ALMEIDA VILALOBOS	49
PEDRO ALVARES SANCHES	50
PEDRO DE ANDRADE CAMINHA	50
PEDRO ANTÓNIO PAZES VIEIRA DA SILVA	51
PEDRO ANTÓNIO DE SOUSA DE BRITO	51
PEDRO BARROSO	52
PEDRO ou PERO CALDEIRA	52
PEDRO DE CASTRO AZEVEDO	53
PEDRO DE CASTRO 1º	53

PEDRO DE CASTRO 3º	54
PERO CHAVES	54
PEDRO CORDEIRO VINAGRE	54
PEDRO DA COSTA TAVARES	55
PEDRO DA COSTA NICOLLES	55
PEDRO DA CUNHA	55
PEDRO DIAS	55
PEDRO DURÃO	55
PEDRO FALCÃO DA CUNHA	56
PEDRO DE FARIA	56
PEDRO FEIO	56
PEDRO FEIO DA COSTA	56
PEDRO FEIO DA COSTA	56
PEDRO FERNANDES	56
PEDRO FERNANDES DE SANTA MARIA	56
PEDRO ou PERO GARCIA CALDEIRA	57
PEDRO GARCIA CALDEIRA	57
PEDRO ou PERO GOMES	57
PEDRO GOMES CASTANHO	57
PEDRO GONÇALVES FREIXO	58
PEDRO JOSÉ DE COUTO	58
PEDRO JOSÉ FREIRE LAMEIRO	58
PERO LOBO TAMAZES	59
PEDRO OU PERO LOPES DE SOUSA	59
PEDRO OU PERO LOPO	60
PEDRO DE MACEDO SOUTO MAIOR	61

PEDRO MACHADO DA MAIA	61
PEDRO OU PERO MAGALHÃES DE FONTOURA	61
PEDRO MASCARENHAS	61
PEDRO MASCARENHAS DE BRITO	62
PEDRO DE MASCARENHAS DA GAMA BRITO	62
PEDRO DE MELO DE CASTRO 1º	63
PEDRO DE MELO DE CASTRO 2º	65
PERO (PEDRO) MENDES DE MATOS	65
PEDRO MENDES DA SILVEIRA	66
PEDRO DE MANGALHÃO	67
PEDRO MORENO	67
PERO DE MURES GANÇOSO	67
PEDRO NUNES DA FONSECA	68
PEDRO NUNES XAVIER	69
PERO PAULO	69
D. FREI PEDRO DE SANTO AGOSTINHO	69
PEDRO DA SILVA	70
PEDRO DE SOUSA DE BRITO 1º	70
PEDRO DE SOUSA DE BRITO 2º	73
PEDRO DE SOUSA GIRÃO	73
PEDRO DE SOUSA MENEZES	74
PEDRO DE SOUSA PEREIRA DE LACERDA	74
PEDRO TÁCITO SOLMARINHO	74
PEDRO TAGARRO DA SILVA	75
PEDRO DE VALDERRAMA	75
PEDRO VAZ PEREIRA	75

PEDRO VIDAL DE OLIVEIRA	76
PEDRO VIEIRA	76
POLICARPO JOSE DE ALMEIDA VALEJO	76
D. POLICARPO MATEUS DA SILVA LOBO	76
PRÓSPERO DO CAMPO	77
PÓBLIA HORTENSIA DE CASTRO	77
QUINTERIO JOSE PRADER	82
D. RAFAEL DE LUCENA NORONHA ALMEIDA E FARO	82
RAFAEL PEREIRA	82
RAFAEL DE TORRES VAZ FRADE BICHOVERDE	82
RAFAEL VAZ FRADE	83
REIMÃO	83
ROBERTO DIOGO DE ARAOJO	83
ROBERTO TORNAR	84
D. RORIGO D'ALENCASTRO	84
RODRIGO ALVARES	85
RODRIGO CALDEIRA	85
RODRIGO FRANCO DE ARAOJO	85
RODRIGO DA GUERRA	85
D. RODRIGO MANUEL (DE MELO?)	85
RODRIGO MENDES	86
RODRIGO NOGUEIRA DA FONSECA	86
RODRIGO RODRIGUES	86
RODRIGO RODRIGUES	88
RODRIGO RODRIGUES DE LEMOS	88
RODRIGO XARA QUEIMADO	89

ROQUE FRANCO COELHO	90
RUY D'ABREU DE SOUSA	90
RUY DIAS COELHO	90
RUY LOPES DE SOUSA	90
RUY MENDES	90
RUY DE SANDE	91
RUY DE SANDE DE VASCONCELOS	91
RUY DA SILVA	91
RUY DE SOUSA (era o Lopes?)	91
RUY DE SOUSA PEREIRA	92
RUY VAZ CAMINHA	93
RUY VAZ PINTO 1º	93
RUY VAZ PINTO 2º	93
SALVADOR DE BRITO PEREIRA 1º	94
SALVADOR DE BRITO PEREIRA 2º	94
SALVADOR MONTEIRO	95
SABASTIAO D'ALMEIDA DE FIGUEIREDO	95
SABASTIAO DE ARAÚJO	95
FREI SABASTIAO BARBOSA	95
SEBASTIAO BARRADAS	96
SEBASTIAO DE BESSA DE BARROS	96
SEBASTIAO DE BRITO DE CARVALHO E ABREU	96
SEBASTIAO DANTAS	96
SEBASTIAO DE FARIA	96
SEBASTIAO FERNANDES LEITE OU CONDESTAVEL	97
D. SEBASTIAO DE LUCENA E NORONHA	97

SEBASTIAO MENDES DA ROCHA	97
SEBASTIAO DE SA	98
SEBASTIAO DE SANTA MARIA	98
SEBASTIAO DE SOUSA	101
SEBASTIAO DE SOUSA DE ABREU	102
SEBASTIAO VAZ ALMIRANTE	102
SEBASTIAO DA VEIGA CABRAL	103
D. SERAFINA DE BRAGANÇA	103
SILVESTRE MENDES	103
SILVESTRE MENDES DA SILVEIRA	104
SIMAO D'ALMEIDA VALEJO DE MARIS	104
SIMAO ANTUNES	104
D. SIMAO DE CASTRO	105
FREI SIMAO FRANCISCO TEIXEIRA	105
SIMAO FREIRE PEREIRA	106
SIMAO GARCIA DE BRITO	106
SIMAO HENRIQUES	106
SIMAO JOSE DO PRADO	106
SIMAO LOPES FRANCISCO	107
SIMAO LUIS DA CERVEIRA	107
SIMAO DE MIRANDA	107
SIMAO DE OLIVEIRA	107
SIMAO PEREIRA DE CARVALHO	108
SIMAO DE SEIXAS DA SILVA	108
SIMAO DA SILVA DE VASCONCELOS	108
SIMEAO LEITAO	109

SUEIRO PERES	109
D. TEODÓSIO I, 5º Duque de Bragança	109
D. TEODÓSIO II, 7º Duque de Bragança	109
D. TEODÓSIO III, 9º Duque de Bragança	110
TEODÓSIO D'ALMEIDA CABRAL	112
TEODÓSIO LEITAO	113
TEODÓSIO PEREIRA GOMES	113
D. TEOTONIO DE BRAGANÇA	114
TOMAS COELHO	115
D. TOMÁS GIRALDINO	115
TOMÁS XAVIER DE TORRES	116
TOMASIA CAETANA DE SANTA MARIA	116
TOME ALVARES	117
TOME ALVARES	117
TOME ALVARES DO RISSOL	118
TOME ALVARES VELHO	118
TOME ANTUNES MOREIRA 1º	121
TOME ANTUNES MOREIRA 2º	121
TOME GOMES PEREIRA	122
TOME JOSE DE SOUSA	122
TOME LOBO	123
TOME LOPES PEREIRA	124
TOME DE MELO E CASTRO	124
TOME DE SOUSA COUTINHO	124
TOME DE SOUSA MENEZES	126
TOME VIÇOSO	128

	147
TORCADIO D'ANDRADE	128
TRISTÃO DE SOUSA DE OCEM	128
TROCADIO DE ANDRADE	128
URSULA BORGES	129
VALERIO DA FONSECA	129
D. VASCO D'EÇA	130
VASCO FERNANDES CAMINHA	130
VASCO JOSE LOBO	130
VASCO RIBEIRO	131
VENAUT DE LAMASURE	131
VICENCIA DO ESPIRITO SANTO	131
FREI VICENTE DA CUNHA	132
D. VICENTE DA GAMA LEAL	132
VICENTE DE MATOS	132
VICENTE PEDRO DA ROSA	132
VICENTE RAIMUNDO DA SILVA	134
VICENTE DE SOUSA DE TAVORA 1º	134
VICENTE DE SOUSA DE TAVORA 2º	134
VITAL DA CRUZ PEREIRA	135
VITAL DE SOUSA	135
XAVIER CAETANO REBELO	136
XAVIER PEDRO DE SOUSA	136

IMPRESSO POR GRAFICA CALIPOLENSE

VILA VIÇOSA

TIRAGEM 1 500 EXEMPLARES

OUTUBRO/92

MEMÓRIAS

de

VILA VIÇOSA

É uma extensa monografia e laborada no século XIX pelo Padre Joaquim José da Rocha Espanca cujo manuscrito se encontra arquivado na Biblioteca da Câmara Municipal de Vila Viçosa.

Investigação duma profundidade pouco comum, representa hoje um contributo importante para a divulgação principalmente da História e Etnografia da região.

Dada a extensão da obra cujo original é composto por cinco Tomos de quase mil páginas manuscritas cada, dividir-se-á cada Tomo em cinco volumes. Prevê-se ainda a publicação de outro trabalho do mesmo autor editado em 1894 sob o título "Estudo sobre as Antas e seus congéneres" de que foram impressos somente 200 exemplares.

